

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MÍDIA E IDENTIDADE: OS CATADORES DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS NOS JORNAIS DE
SANTA MARIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Fernanda Kist Brusius

**Santa Maria, RS, Brasil.
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MÍDIA E IDENTIDADE: OS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NOS JORNAIS DE SANTA MARIA

por

Fernanda Kist Brusius

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação.**

Orientadora: Dra. Ada Cristina Machado da Silveira

**Santa Maria, RS, Brasil.
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação de Mestrado

**MÍDIA E IDENTIDADE: OS CATADORES DE MATERIAIS
REICLÁVEIS NOS JORNAIS DE SANTA MARIA**

elaborada por
Fernanda Kist Brusius

como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

Comissão Examinadora:

Ada Cristina Machado da Silveira, Dra.
(Presidente/Orientadora)

Rondon Martim Souza de Castro, Dr. (UFSM)

Márcia Franz Amaral, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 30 de março de 2010.

AGRADECIMENTOS

À professora Ada Cristina Machado da Silveira pelo apoio e pela compreensão, por acompanhar junto a mim todos os momentos deste caminho.

Ao professor Rondon Martim Souza de Castro pela atenciosa contribuição e considerações feitas ao trabalho, bem como pelo carinho, pela compreensão, pelas conversas, pela amizade, pelos valores partilhados.

À professora Eugênia Maria Mariano da Rocha Barichello por ouvir pacientemente minhas aflições e me proporcionar tranquilidade, confiança e estímulo.

Às professoras Elisângela Carosso Machado Mortari e Márcia Franz Amaral pelas indicações e conselhos durante o mestrado e, em especial, na qualificação.

Aos colegas – Lírian, Ana Cássia, Daiane, Angélica, Mariângela, Sandra, Jozéli e Fernando - pelo conhecimento partilhado, pelos desabafos e pelo companheirismo.

À Andréia Fontana, José Mauro Batista e Luiz Geraldo Cervi pelas entrevistas concedidas.

Aos meus pais, irmãos e avós que partilharam as angústias, a falta de tempo, os percalços do caminho sempre com atenção e afabilidade, oferecendo segurança e força sempre que elas se abatiam.

A uma amiga especial pela força, auxílio e entusiasmo que encantaram e foram determinantes para a trajetória percorrida.

A Deus, que nos momentos de cansaço, angústia e inquietação sempre colocou “anjos” em minha vida, dispostos a me ajudar e devolver o ânimo e a coragem.

A todos aqueles que passaram pelo meu caminho nesses últimos dois anos, mostrando que quanto maiores as dificuldades, mais fortes nos tornamos, bem como mais certos daquilo em que acreditamos e do que desejamos.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

MÍDIA E IDENTIDADE: OS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NOS JORNAIS DE SANTA MARIA

Autora: Fernanda Kist Brusius
Orientadora: Ada Cristina Machado Silveira
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de março de 2010.

Esta dissertação trata do estudo da mídia impressa do município de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, e a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis junto à comunidade local. O objetivo principal dessa pesquisa é analisar as matérias jornalísticas que representem a constituição da identidade dos catadores nos jornais *A Razão* e *Diário de Santa Maria*. Para isso, realizamos uma pesquisa comparativa de caráter crítico e de análise de discurso, na qual selecionamos um *corpus* de 15 notícias do jornal *A Razão* e 14 notícias do *Diário de Santa Maria*, totalizando 29 matérias que se referem aos catadores no texto, bem como nas imagens. A análise está dividida em três partes, realizadas separadamente em cada um dos jornais, nas quais se avalia, primeiramente, os valores-notícia associados aos catadores; depois se analisa o texto verbal das matérias; e, por fim, estuda-se o texto icônico dos jornais. A pesquisa está dividida em três partes. Na primeira busca-se compreender a identidade social dos catadores, ou seja, como são vistos pelos demais segmentos da sociedade, como eles vivem e em que condições trabalham. Na segunda parte, aborda-se os motivos que levam os catadores a se transformarem em pauta na mídia e, para isso são tratados os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia. No terceiro capítulo, trata-se dos procedimentos para a elaboração do corpus, da metodologia e da análise das matérias jornalísticas sobre os catadores. Com base nas apreciações, constata-se que os jornais locais referem-se de maneira diversa aos catadores de materiais recicláveis. *A Razão* apresenta os catadores envolvidos em fatos e eventos inusitados, surpreendentes, enfocando aspectos positivos, ligados a participação dos catadores em um projeto social e construindo uma imagem alegre, descontraída, bem como de pessoas ativas socialmente. Este jornal possui uma enunciação mais objetiva e imparcial (se comparada à enunciação do *Diário*) no que se refere às matérias sobre os catadores e busca distanciar-se da linguagem coloquial, não se comprometendo com a fala desses trabalhadores. O *Diário de Santa Maria* representa os catadores em situações predominantemente negativas, com uma imagem de desespero, tristeza e sofrimento, vivendo numa realidade de exclusão e miserabilidade. O *Diário* não se contenta apenas em oferecer voz ao catador, ele também mistura a sua voz com a deste trabalhador, aproximando-se do ponto de vista deste último e, assim, demonstrando com muito sentimentalismo os aspectos de uma vida repleta de dificuldades.

Palavras-chave: mídia; notícia; identidade; catadores.

ABSTRACT

Dissertation of Master's degree
Program of Masters degree in Communication
Federal University of Santa Maria

MEDIA AND IDENTITY: PICKERS OF MATERIALS RECYCLED IN SANTA MARIA'S NEWSPAPERS

Author: Fernanda Kist Brusius
Advisor: Ada Cristina Machado Silveira
Date and Place of the Defense: Santa Maria, March 30, 2010.

This dissertation treats of the study of the media printed of the municipal district of Santa Maria, interior of Rio Grande do Sul, and the construction of the identity of the pickers of materials you recycled the local community close to. The objective principal of that research is to analyze the journalistic matters that represent the constitution of the identity of the pickers in the newspapers The Reason and Diary of Santa Maria. For that, we accomplished a comparative research of critical character and of speech analysis, in which we selected a corpus of 15 news of the newspaper The Reason and 14 news of Santa Maria's Diary, totaling 29 matters that refer to the pickers in the text, as well as in the images. The analysis is divided in three parts, accomplished separately in each one of the newspapers, in which it is evaluated, firstly, the value-news associated to the pickers of materials; then the verbal text of the matters is analyzed; and, finally, it is studied the text iconic of the newspapers. The research is divided in three parts. In the first we looked for to understand the social identity of the pickers, in other words, as they are seen by the other segments of the society, like them they live and in that conditions work. In the second it leaves, we approached the reasons that take the pickers the if they transform on the agenda in the media and, for that we treated of the noticiability criteria and of the value-news. The third chapter is dedicated to the analysis of the journalistic matters. With base in the appreciations, it is verified that the local newspapers refer from a several way to the pickers of materials you recycled. While The Reason focuses aspects positive, linked the participation of the pickers in social projects, building a cheerful image, relaxed, as well as of people that possess knowledge and experiences to count, Santa Maria's Daily newspaper represents them with a despair image and sadness, living in an exclusion reality and miserability. The Diary just I not satisfied in offering voice to the pickers of materials, him also mixture your voice with the one of this worker, approaching of the point of view of this last one and, like this, demonstrating with the lot of feeling the aspects of the replete life of difficulties.

Word-key: media; news; identity; pickers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Síntese dos valores-notícia.....	35
Figura 02- Gráfico da hierarquia da fotografia da imprensa.....	57
Figura 03 – Pontos áureos.....	61
Figura 04- Incidência de valores-notícia nas matérias sobre os catadores no jornal A Razão.....	63
Figura 05- Incidência de valores-notícia nas matérias sobre os catadores no jornal Diário de Santa Maria.....	65
Figura 06 – Voluntários do Projeto Catando Cidadania produzem os adereços	76
Figura 07 – Movimento dos olhos ao observar a fotografia.....	77
Figura 08 – Caravana de Santa Maria participou com exposição de artesanato no Uruguai.....	78
Figura 09 – Catadoras em oficina de artesanato.....	80
Figura 10 – Catadores no Lixão da Caturrita.....	81
Figura 11 – Catador solitário coletando recicláveis no Lixão da Caturrita.....	83
Figura 12 – Catador no Lixão da Caturrita.....	83
Figura 13 – Mulher coletando recicláveis.....	87
Figura 14 – Catador procurando recicláveis no Lixão da Caturrita.....	89
Figura 15 – Garoto sentado em frente à casa.....	90
Figura 16 – Mulher chorando.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PISC – Programa de Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis do município de Santa Maria/RS/Brasil pela geração de trabalho e renda em economia solidária

MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

ASMAR – Associação dos Seleccionadores de Materiais Recicláveis de Santa Maria

ARSELE – Associação de Reciclagem Seletiva de Lixo Esperança

ARPS – Associação dos Recicladores da Vila Pôr do Sol

FEPAM – Fundação Estadual de Proteção Ambiental

CTRC – Central de Tratamento de Resíduos da Caturrita

RBS – Rede Brasil-Sul

AR – A Razão

DSM – Diário de Santa Maria

DD – Discurso direto

DI – Discurso indireto

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Carta de Brasília.....	103
Anexo B – Carta de Caxias do Sul.....	106
Anexo C – Estrutura hierárquica do MNCR.....	108
Anexo D – Relação das associações de selecionadores de materiais recicláveis não regularizadas.....	109
Anexo E – Identificação e discriminação da atividade de catador na CBO.....	111
Anexo F – Matéria jornalística da edição de 02, 03/02/08 do jornal A Razão.....	113
Anexo G – Matéria jornalística da edição de 17/01/08 do jornal A Razão.....	114
Anexo H – Matéria jornalística da edição de 25, 26/10/08 do jornal A Razão.....	115
Anexo I – Matéria jornalística da edição de 05, 06/01/08 do jornal A Razão.....	116
Anexo J – Matéria jornalística da edição de 02/04/08 do jornal A Razão.....	117
Anexo K – Matéria jornalística da edição de 02/04/08 do jornal A Razão.....	118
Anexo L – Matéria jornalística da edição de 26, 27/08/08 do jornal Diário de Santa Maria.....	119
Anexo M – Matéria jornalística da edição de 19/03/08 do jornal Diário de Santa Maria..	120
Anexo N – Matéria jornalística da edição de 13, 14/12/08 do jornal Diário de Santa Maria.....	121
Anexo O – Matéria jornalística da edição de 24/07/08 do jornal Diário de Santa Maria.....	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – A IDENTIDADE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.....	15
1.1 O <i>outro</i> da sociedade: identidade atribuída.....	15
1.2 Os catadores de materiais recicláveis.....	19
1.2.1 Catadores: uma realidade entre contradições e tensões.....	19
1.2.2 Movimento Nacional dos Catadores de Materiais recicláveis: a busca pela mudança	23
1.2.3 A realidade dos catadores de Santa Maria.....	25
CAPÍTULO II – O CONTEXTO DA NOTÍCIA.....	30
2.1 A noticiabilidade dos fatos.....	30
2.2 Os valores que determinam a notícia.....	32
2.2.1 A categorização dos valores-notícia.....	34
2.3 A mídia impressa de Santa Maria.....	38
2.3.1 A Razão, “um jornal regional”.....	38
2.3.2 Diário de Santa Maria: “um jornal ao lado da comunidade local”.....	41
CAPÍTULO III – CAMPO DE ANÁLISE.....	44
3.1 Coleta, seleção e organização do <i>corpus</i> de pesquisa.....	44
3.2 Metodologia.....	46
3.2.1 Categoria de análise do texto verbal.....	46
3.2.1.1 O discurso e o sujeito.....	46
3.2.1.2 Heterogeneidade crítica e discursiva.....	48
3.2.2 Categorias de análise das fotos.....	55
3.2.2.1 A leitura da fotografia.....	55
3.2.2.2 Elemento da composição das imagens.....	58
3.3 Análise do <i>corpus</i> de pesquisa.....	62
3.4 A construção do sujeito catador na mídia impressa de Santa Maria.....	91
3.4.1 O sujeito catador no jornal A Razão.....	91
3.4.2 O sujeito catador no jornal Diário de Santa Maria.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	101

INTRODUÇÃO

O tema central de nossa pesquisa não só é a mídia, mas também a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis. Essa observação inicial é necessária, já que o desenvolvimento do trabalho, além de nos ter envolvido, levou-nos a diversas constatações relevantes que buscaremos descrever. Diante do amplo horizonte que nos surpreendeu, buscamos delimitar essa dissertação, tomando como referência de pesquisa o estudo da mídia impressa do município de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, e a construção da identidade dos catadores junto à comunidade local.

A motivação para trabalhar esse tema começou com a nossa participação no Programa de Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis do município de Santa Maria/RS/Brasil, pela geração de trabalho e renda em economia solidária¹ (PISC) no ano de 2006. Durante o período em que trabalhamos nesse programa, tivemos a oportunidade de visitar as entidades associativas dos catadores, bem como algumas residências desses trabalhadores. Isso se deu pela existência de catadores que não estão vinculados a associações e que utilizam suas casas como depósito para o que recolhem e separam antes da venda.

Dessa forma, através desse contato, pudemos compreender um pouco das suas realidades, vivências, desejos e inquietações. Por estar num Curso de Comunicação, sentimos necessidade de compreender em que circunstâncias a mídia referia-se aos catadores, como e por que eles se tornavam pauta e, principalmente, de que modo ela os (re) apresenta para a sociedade e que tipo de identidade construía sobre eles. A partir disso, este trabalho começou a ser desenvolvido. De maneira geral, afirmamos que a imagem que víamos era distinta da que era sugerida nas páginas dos jornais locais.

O problema nasce, portanto, do interesse em conhecer as representações construídas pela mídia e a identidade criada especificamente para aquele segmento (ainda pouco conhecido). Toma-se como objeto de estudo as matérias² que retratam/mencionam a situação dos catadores de materiais recicláveis atuantes na cidade de Santa Maria e representados na mídia impressa local. Assim, a questão que se propõe a pesquisar são as maneiras pelas quais

¹ Programa de extensão, financiado pelo MEC/SESu/DEPEM.

² Utilizamos *matéria jornalística* para definir os diferentes gêneros de notícia: notas, reportagens, artigos, entrevistas. Isso, principalmente, pelo fato de que não valorizamos o gênero dos textos que compunham o *corpus*. Nesta pesquisa, usamos *notícia* como sinônimo de *matéria jornalística*.

a mídia impressa local constrói a identidade social e midiática dos catadores de materiais recicláveis.

Torna-se importante esclarecer que se parte do pressuposto de que a identidade social é trabalhada junto à opinião pública pela mídia. A partir da ação dos meios de comunicação, produz-se uma identidade midiática sobre esse segmento, preenchendo os “vazios” da informação; ou até mesmo se sobrepondo a informações menos difundidas ou de acesso dificultado. Ressaltamos que procuramos nos jornais de Santa Maria o tratamento dado aos catadores, associando nossas constatações e/ou achados e os confrontando com a visão geral e estereotipada vigente sobre esses trabalhadores. Descobrimo-os descritos ora como sujeitos marginalizados e excluídos, ora como sujeitos que se destacam por realizar ações que os distanciavam da condição de catador. A identidade midiática construída sobre eles será baseada nesse contexto e vai retirar desses elementos a identidade social dos catadores.

Acredita-se ser condição *sine qua non* nos posicionarmos, também, pela relevância que nos motivou, a definirmos a nossa concepção – pessoal e de pesquisadores - sobre o indivíduo *catador*. O catador é, antes de qualquer avaliação superficial, um trabalhador autônomo (de maneira geral) que coleta materiais recicláveis para sobreviver ou mesmo para melhorar sua renda. Em seu cotidiano, ele busca material passível de reciclagem nos lixões ou nas ruas das cidades; separa o lixo do que pode ser reaproveitado e vende para os intermediários – pessoas que negociam com as indústrias do setor. Em geral, o catador vive em condições de marginalidade e exclusão, próximas a da figura de mendigos, assumindo uma identidade atribuída pelo senso comum que contém valorações negativas e que nega a sua existência, fazendo com que ele seja *invisível socialmente*.

Nessa *invisibilidade social* o catador deixa de ser interessante para a comunidade; ele não desperta interesse, nem curiosidade, pois as ações e atitudes dele não interferem diretamente na vida das pessoas, ao mesmo tempo em que não representa um modelo ou um arquétipo positivos. Vê-se, assim, a relevância de se questionar as razões que inserem esse trabalhador invisível em pautas jornalísticas. Em que momento o catador emerge como referência ou protagonista para a mídia?

Verifica-se, na pesquisa, que a resposta para essa *relevância* jornalística está centrada nos valores-notícia, pois é quando o catador se aproxima desses valores que ele se torna pauta. Ou seja, em sua situação original, marginalizada, o catador não é interessante para a mídia, mas, a partir do momento em que ele sai da sua condição de catador, em que ele se distancia da coleta do lixo e passa a intervir, de alguma maneira, no meio social em que está inserido ele passa a ser *visível*. A rigor, como exemplo, o catador é ignorado e desprezado socialmente

quando busca recicláveis no Lixão da Caturrita, entretanto, quando o Lixão é fechado e é preciso que esse trabalhador encontre outra forma de sustento, ele acaba por se tornar relevante para a mídia e para a comunidade local. Em outra circunstância, positiva, quando faz parte de um projeto social para a inclusão de catadores, ele deixa de ser um trabalhador marginalizado e *invisível* e passa a ser relevante para a sociedade e, conseqüentemente, pode se tornar pauta destacada em uma notícia de jornal.

Com base nessas informações, o objetivo geral é analisar as matérias jornalísticas que representam a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis nos jornais de Santa Maria (A Razão e Diário de Santa Maria).

Os objetivos específicos são:

- Analisar a construção do sujeito catador no discurso jornalístico;
- Conhecer as similitudes e as diferenças na abordagem sobre os catadores nos jornais de Santa Maria

Para isso é feita uma pesquisa comparativa de caráter crítico e de análise de discurso. O *corpus* pesquisado compreende 15 notícias do jornal A Razão e 14 notícias do jornal Diário de Santa Maria, totalizando 29 matérias que se referem aos catadores nos textos e nas fotografias. A análise está dividida em três partes, realizadas separadamente em cada um dos jornais, nas quais se avalia, primeiramente, os valores-notícia associados aos catadores; depois analisa-se o texto verbal das matérias, através dos recursos de aproximação e afastamento dos enunciadores – A Razão e Diário de Santa Maria – no que tange à fala dos catadores; e, por fim, estuda-se o texto icônico³ dos jornais, ou seja, as fotografias sobre os catadores, observando o sujeito na foto, as circunstâncias que o envolvem e o ambiente em que ele se encontra.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, busca-se compreender a identidade social dos catadores: quem são eles? Como vivem? Em que condições trabalham? Como buscam mudar sua realidade? Para isso, são utilizados os conceitos de identidade atribuída e invisibilidade social, seguidos da contextualização dos catadores em Santa Maria. Os principais autores utilizados são Tomaz Tadeu da Silva (2005), Zygmunt Bauman (2005), Manuel Castells (2000) e, para falar dos catadores, utilizamos Denise Juncá *et al* (2000), bem como informações retiradas de material publicado pelo

³ Para Ivan Lima (1988, p.14), “a escrita icônica diz respeito à Iconografia, que é a arte de representar por meio da imagem, portanto, um dos braços da ciência semiologia. A Fotografia é, nos dias de hoje, o mais fértil documento iconográfico utilizado”. Nessa pesquisa, utilizamos os termos *texto icônico* para referir-nos às fotografias dos catadores nos jornais de Santa Maria. O termo *imagem* foi usado como sinônimo de texto icônico.

Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e da Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho (CBO).

No segundo capítulo direciona-se o foco para a mídia para abordar os conceitos de noticiabilidade e valores-notícia, com o objetivo de demonstrar em que condições e em que circunstâncias os catadores podem se tornar pauta e matéria jornalística. Esse capítulo também apresenta os jornais nos quais a pesquisa é realizada, A Razão e Diário de Santa Maria. Os autores utilizados são Mauro Wolf (1987), Antônio Hohlfeldt *et al* (2001), Fabiane Moreira (2006), bem como trechos de entrevistas realizadas com os editores-chefe dos jornais, José Mauro Batista, de A Razão, e Andréia Fontana, do Diário de Santa Maria.

No terceiro capítulo define-se a coleta, a seleção e a organização do *corpus* da pesquisa. Retratam-se, então, os procedimentos para encontrar e escolher as matérias jornalísticas referente aos catadores de materiais recicláveis nos dois jornais de Santa Maria. A seguir, são definidas as metodologias e os conceitos utilizados para a análise dos textos e das imagens. Por fim, centralizam-se as matérias para realizar a apreciação crítica do que se refere à formação e construção da identidade dos catadores na mídia. Os autores aos quais se recorre para embasamento da metodologia são Fabiane Moreira (2006) para tratar da análise dos valores-notícia, Dominique Maingueneau (1997, 1998, 2005), para abordar a análise dos textos e Ivan Lima (1998), para tratar da avaliação das imagens.

CAPÍTULO I

A IDENTIDADE SOCIAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

No primeiro capítulo o objetivo é compreender a identidade social dos catadores, ou seja, como eles são vistos e percebidos pela comunidade na qual estão inseridos. Inicia-se abordando a invisibilidade social, bem como a identidade imposta, atribuída a alguns segmentos específicos da sociedade e o desejo de mudança por parte deles. Num segundo momento, trata-se da realidade dos catadores, falando sobre a definição que a CBO(on-line, 2009)⁴ oferece a eles, a atuação do MNCR (on-line, 2009)⁵ e algumas especificidades relativas a esses trabalhadores no contexto de Santa Maria.

Compreende-se que o catador é o *outro* da sociedade, é o diferente, aquele que está fora dos limites do que é considerado *normal* e admissível para a convivência social. A sua existência é negada e, assim, a sua voz não é ouvida nem a sua figura é vista, ele é apenas um vulto, um componente da paisagem. Esse trabalhador até tenta mudar essa identidade que lhe é atribuída, mas o meio em que está inserido dificulta muito essa realização.

1.1 O *outro* da sociedade: identidade atribuída

Tomaz Tadeu da Silva (2000) desenvolve o conceito de diferenciação, processo simbólico e discursivo no qual a identidade e a diferença são *produzidas*. Ao contrário das perspectivas anteriores que colocavam a identidade como a referência, como o processo fundante ao qual se define a diferença, o autor coloca a diferença em primeiro lugar, considerando-a não mais um resultado de um processo, mas o processo mesmo, no qual ambas são – identidade e diferença – produzidas.

A identidade e a diferença são criações da linguagem. Significa dizer que elas não são processos naturais ou elementos biológicos, mas sim produtos do mundo cultural e social. “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Somos nós que as fabricamos [...]” (SILVA, 2000, p.76).

⁴ Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) – Disponível em: <www.ministeriodotrabalho.gov.br>. Acesso em: novembro de 2009.

⁵ Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) – Disponível em: <<http://www.mnrc.org.br>>. Acesso em: novembro de 2009.

O autor compreende a identidade e a diferença como relações sociais, estando, portanto, sujeitas as relações de poder. Dessa forma, as identidades:

... não são simplesmente definidas; elas são *impostas*. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81, grifo nosso).

A diferenciação firma-se sobre o poder, pois a afirmação da identidade e a marcação da diferença são processos que envolvem a inclusão de alguns e a exclusão de outros, a demarcação de fronteiras simbólicas, a classificação dos que estão dentro e dos que estão fora, a identificação dos que são ‘normais’ e dos que são considerados *anormais*. Todos esses processos “supõe e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder” (SILVA, 2000, p. 82).

A afirmação da identidade envolve operações como inclusão e exclusão, sendo essas firmadas sobre declarações acerca do que somos e do que não somos; de quem pertence e de quem não pertence, de quem está dentro e de quem está fora. A demarcação da diferença está relacionada a distinções e divisões entre o que está incluído e o que está excluído, entre *nós* e *eles*.

O processo de classificação consiste em segmentar e ordenar o mundo social em grupos e classes, organizando, assim, a hierarquização dos mesmos. Silva (2000, p. 82) compreende que “deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados”. A classificação geralmente se estrutura em torno de binarismos, tais como *eu* em relação ao *outro*, *nós* em relação a *eles* e, desta forma, um dos termos sempre é privilegiado. Não fica difícil imaginar que *eu* e *nós* são os termos valorizados.

Então, o outro é constituinte do *eu*, o ele é integrante do *nós* e parte necessária para que se possa pensar a identidade. Agora, porém, num momento específico, quando tratamos dos catadores, percebemos que eles são o outro da sociedade, eles são a diferença, a alteridade, pois vivem num contexto completamente diverso do resto da coletividade. Eles são o outro que é diferente culturalmente, socialmente, economicamente do nós. Outro que é

estranho à sociedade. Não pelo fato dela não conhecê-lo ou não saber da sua existência, mas, ao contrário, pelo fato dela negar a sua existência.

A negação da existência do outro acarreta processos como a *invisibilidade pública*, conceito formulado por Fernando Braga Costa (2004). No livro *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*⁶, o autor conta uma experiência que vivenciou na pele – ser e sentir como um gari. O então estudante de psicologia vestiu-se e foi trabalhar de varredor de ruas dentro da instituição em que estudava, a Universidade de São Paulo (USP). Desta maneira, passou a ser invisível. Os seus colegas, professores e amigos não o reconheceram de uniforme: “Atravessei o andar térreo da Psicologia de ponta a ponta. Estava atento, buscava a expressão de surpresa em alguém. Mas nada acontecia. Deixei de esperar perguntas intrigadas, mas ainda seria capaz de responder a algum cumprimento. Nada.”(on-line, 2009)⁷.

Durante os próximos nove anos ele permaneceu trabalhando e acompanhando a rotina dos garis. O resultado dessa experiência foi uma dissertação de mestrado – que, mais tarde, virou livro - com a temática invisibilidade pública, “uma percepção humana totalmente prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, onde enxerga-se somente a função e não a pessoa”, ou ainda “uma espécie de cegueira psicossocial, que elimina do campo de visão da maioria da população aqueles que são condenados a exercer uma atividade subalterna, desqualificada, desumanizante e degradante”(on-line, 2009)⁸.

O outro, então, é ignorado pela sociedade, passa-se por ele diariamente e não se reconhece o seu rosto, o seu trabalho, a sua identidade. Ele parece fazer parte da paisagem, como objetos integrantes do local em que se está. Não se deseja reconhecê-lo e nem incluí-lo, a indiferença e a invisibilidade são as melhores emoções e atitudes destinadas a ele.

No caso dos catadores, percebe-se que a relação que eles possuem com o lixo é determinante para isso, pois se os garis já são marcados socialmente, o que se pode esperar dos catadores, sujeitos que vivem a buscar a sobrevivência do que retiram do lixo, não possuem um vínculo empregatício, e, ao contrário dos primeiros, trabalham sem uniformes, mas ainda assim podem ser identificados de longe?

⁶ COSTA, Fernando Braga. *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

⁷Trechos retirados de entrevista com o autor, no site da revista Época, disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT764232-1664,00.html>>. Acesso em: setembro de 2009.

⁸ Trechos retirados da reportagem de Época, disponível no site: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT764232-1664,00.html>>. Acesso em: setembro de 2009.

Junto com essa invisibilidade, esse outro recebe, também, uma identidade atribuída, um estigma⁹ em que lhe são impostos representações e valorações por outros segmentos da sociedade. E assim, ele perde o direito de reivindicar a sua identidade, de escolher e mudá-la conforme suas necessidades e desejos, de se autoafirmar, de se construir e reelaborar, de ser diferente daquilo que lhe é imposto. Essa identidade que não possui o direito de se transformar em outra é definida por Bauman (2005) como a *identidade da subclasse*, ou ainda uma ausência de identidade, pois é como um não-ser - poderia-se dizer ainda, um não ser visto, um não ser ouvido:

Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de 'subclasse': exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade – fora daquele conjunto no interior do qual as identidades (e assim também o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. [...] O significado da 'identidade da subclasse' é a *ausência de identidade*, a abolição ou negação da individualidade, do 'rosto' – esse objeto do dever ético e da preocupação moral (BAUMAN, 2005, p. 45, 46, grifo do autor).

A essas pessoas, muitas vezes, é negada a circulação em determinados espaços físicos com tranqüilidade e consentimento. Restam a elas os *não-lugares*, como campos de refugiados e asilos – nós acrescentaríamos, aqui, lixões e aterros sanitários - entre outros, que são destinados e construídos, especialmente, para distingui-los do espaço em que “as pessoas ‘normais’, ‘perfeitas’, vivem e se movimentam” (BAUMAN, 2005, p. 46, grifo do autor).

Entretanto, esse outro não está completamente passivo frente a tudo isso, ele busca se fazer ouvir, mesmo sabendo que pode ser silenciado ou que podem desejar não escutá-lo. Ele busca mudar a identidade que lhe é imputada, mostrar que ele pode ser diferente do que se imagina, busca mostrar-se como trabalhador, como cidadão e, assim, aproximar-se do restante da sociedade.

Castells (2000) define essa identidade de pessoas que estão em condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação como *identidade de resistência*. O que caracteriza essa identidade é justamente o fato das pessoas que a compõem sobreviverem e resistirem frente às dificuldades e as imposições daqueles que estão em condições mais favoráveis que elas, construindo trincheiras, nas palavras do autor, para se

⁹ Segundo Goffman (1975), estigma é um “atributo profundamente depreciativo, um status proativo desfavorável, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. Criando a partir daí a noção de normais e estigmatizados, ou seja, no estigma um indivíduo que poderia ser aceito na relação social cotidiana é afastado e não aceito em função de um atributo”.

resguardarem e se defenderem. As pessoas pertencentes a essa identidade constroem resistência com princípios diferentes ou mesmo contrários aos da sociedade.

Essa resistência, muitas vezes, pode dar origem às comunidades, forma coletiva de oposição. Nestas comunidades os sujeitos podem se organizar e unir forças, e a partir disso, torna-se mais fácil serem ouvidos e reconhecidos pela sociedade.

Retomando o caso dos catadores, percebe-se que quando eles se unem em cooperativas estão tentando buscar meios de enfrentar as dificuldades que são maiores quando eles estão sozinhos. Uma associação de catadores busca fazer com que sua voz seja ouvida, com que a sociedade não possa mais silenciá-los e que, organizados, possam lutar mais e melhor pela garantia de seus direitos. Com a existência de várias cooperativas em Santa Maria, por exemplo, elas podem pressionar a prefeitura para que realize uma coleta seletiva. A partir disso, a prefeitura passa a fazer a coleta de recicláveis nas residências de moradores que desejam separar seu lixo e leva esses reciclados para as associações que estão cadastradas para recebê-los. Esse cadastro na prefeitura é outra forma de buscarem ser lembrados, deixarem de ser invisíveis, pois quando houver algum benefício, auxílio, coleta de informações ou qualquer outra necessidade que se tenha em relação aos catadores, as cooperativas serão as primeiras a serem procuradas.

Mas, por fim, torna-se relevante destacar que nem sempre esse outro consegue se desvencilhar dos estigmas, preconceitos e valorações atribuídas a ele e formar uma nova identidade. Muitas vezes, as condições e o meio no qual vive são repletos de contradições, tensões que os detém mais no imediato e instantâneo – que é sobreviver – do que em se reelaborar, melhorar suas condições e buscar ter voz perante a sociedade.

1.2 Os catadores de materiais recicláveis

Mas como vive esse outro que está excluído, marginalizado em relação à sociedade? Nesse momento, passa-se a conhecer um pouco da realidade e da vivência dos catadores de materiais recicláveis. Inicialmente, trata-se sobre as atividades que realizam, as dificuldades que enfrentam em função da atividade de catação, bem como as contradições referentes ao meio em que vivem. A seguir, define a atuação do MNCR e, por fim, a realidade dos catadores de Santa Maria.

1.2.1 Catadores: uma realidade entre contradições e tensões

O objetivo do trabalho é analisar a construção do sujeito catador nos jornais de Santa Maria, por isso, considera-se importante conhecer quem são esses trabalhadores na sociedade, como vivem, as condições em que trabalham, como se organizam e buscam seus direitos, bem como são vistos pelo meio social no qual estão inseridos.

Catador é a denominação mais comum e usual utilizada pelos órgãos públicos, pela imprensa e pelas cooperativas de selecionadores referente às pessoas que realizam a atividade de coleta, separação e posterior venda dos materiais recicláveis para os intermediários (responsáveis por pensar o material e vendê-lo às empresas de reciclagem).

Encontram-se algumas divergências na denominação completa do nome, pois enquanto ainda permanecem forte no senso comum as intitulações *catador de lixo* ou *catador de rua*, algumas das principais instituições e entidades que tratam ou estão relacionadas ao trabalho dos catadores referem-se a eles como: *catadores de materiais recicláveis* (denominação do MNCR) e *catadores de material reciclável* (identificação da atividade deles na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho).

Opta-se aqui por escolher a denominação do MNCR, em função de que tanto catador de lixo quanto catador de rua não são as maneiras mais adequadas de chamá-los: a primeira porque eles não catam lixo, mas sim materiais que podem ser reaproveitados e a segunda porque, neste trabalho, serão referidos todos os tipos de catadores, e sabe-se que alguns recolhem em ruas, outros em lixões, outros ainda trabalham em cooperativas. Serão identificados, então, como *catadores de materiais recicláveis*, em função de que são vários os tipos de materiais reaproveitados – papel, alumínio, garrafas plásticas, etc -, devendo ser colocados no plural.

Conforme a CBO, esses trabalhadores estão divididos em dois grupos: os que realizam a coleta de materiais recicláveis de forma autônoma nas ruas das cidades ou em aterros sanitários e os que trabalham em cooperativas.

O trabalho dos catadores inicia com a coleta dos materiais reaproveitáveis em residências, estabelecimentos comerciais, pontos de coleta, contêineres e, para os catadores que estão nos lixões, a busca pelos recicláveis acontece ali mesmo, com a chegada do caminhão de lixo. O segundo passo é dar entrada nos materiais, descarregando carrinhos, carroças e caminhões - as cooperativas de catadores geralmente possuem caminhões para buscar o lixo, conferindo e pesando os materiais recicláveis. Na sequência, ocorre a separação entre o que pode ser reciclado e o lixo e, por fim, há a preparação dos materiais para a expedição.

Constam também como atividades dos catadores na CBO a manutenção do ambiente e dos equipamentos utilizados pelos catadores (tais como fabricar carrinhos e cuidar das instalações da cooperativa), a divulgação da reciclagem, a administração do trabalho (negociar preços, vender os materiais) e o desenvolvimento das atividades com segurança (vestir uniforme de cooperativa, vacinar-se e usar equipamento de proteção individual).

Mas, apesar de toda essa sistemática, eles estão expostos a variações climáticas, riscos de acidente e contaminação por meio do contato com materiais cortantes encontrados no lixo. Além disso, existem os constantes perigos no trânsito e, muitas vezes, o contato com a violência urbana e o preconceito social. Sem falar na ausência de garantias trabalhistas e na falta de reconhecimento em função do papel que exercem na economia (apesar da atividade ser legalizada).

A imagem que a sociedade possui do catador parte, prioritariamente, da relação que ele possui com o lixo. “O lixo simboliza o velho, o que já não serve, o ‘caos da mistura’, as imperfeições e deve ser levado para longe” (JUNCÁ *et al*, 2000, p. 82). E, desta mesma maneira, o catador também deve estar apartado do restante da sociedade, pois em função da sua baixa escolaridade e falta de qualificação profissional, ele também já não serve para o mercado de trabalho e para o mundo do consumo.

A semântica negativa do lixo envolve os catadores, construindo e levando a eles uma identidade atribuída que os desqualifica perante a sociedade, associando-os a pessoas mal intencionadas, perigosas, sem ânimo e moral para o trabalho *decente* (ou formal):

Como catadores de lixo, o que acumulam é a fome e a miséria, são os rótulos que os desqualificam cada vez mais, tanto como pessoas, quanto para a vida em sociedade. *Uma imagem de preguiça, indolência, malandragem e marginalidade lhes é atribuída por uma fala originária de um outro lugar*, reduzindo-os a objetos desnecessários e, portanto, passíveis de descarte [...] Para a sociedade, já está bastante enraizado o seu conhecimento como *malandro e marginal*, como aquelas pessoas que, quando muito, devem receber uma esmola. Diferentes nomeações lhes têm sido atribuídas: um nome próprio ou um apelido, um número de ficha ou prontuário, um adjetivo que qualifica desqualificando. As informações passadas e repassadas, ou mesmo as projeções em termos de futuro, os associam a desocupados, a grupos perigosos, a más influências, a tumulto [...] (JUNCÁ *et al*, 2000, p. 78/85, grifos nossos).

Para os catadores, o lixo produz humilhação e sofrimento, mas também, contraditoriamente, pode ser fonte de alegria e orgulho. Miura (2004) em sua pesquisa sobre as condições psicossociais nas quais os catadores vivem e trabalham, afirma que, para eles, as emoções mais frequentes em relação à atividade de catação é a vergonha e a humilhação, que surgem principalmente em função do preconceito vivido. Entretanto, ser catador é também

fonte de dignidade e modo legítimo de obter renda e sobreviver. Essa atividade faz com que o trabalhador excluído possa vir a se inserir no mundo do trabalho, evitando ou saindo da condição de mendigo ou de bandido.

Juncá *et al* (2000, p. 60) enfatiza que a atividade de catador “comporta posições contraditórias e por vezes até extremas”. A autora identifica que o trabalho do lixo é, para os catadores, uma mistura de falta de opção e vantagens. Falta de opção devido à ausência de oportunidades de empregos e baixa qualificação profissional, o que faz com que o lixo seja uma das poucas saídas disponíveis em que eles não dependam do assistencialismo e da caridade, bem como de atos ilícitos. As vantagens vistas por eles são de três dimensões: “no lixo tem sempre trabalho e se pode obter algum dinheiro todo dia, o trabalho é ‘autônomo’ [...] e possibilita o contato direto com um mundo de consumo e desperdício que eles, de outra forma, não conseguiriam alcançar” (JUNCA *et al*, 2000, p. 61). Esse último aspecto das vantagens, o acesso a um mundo de consumo que eles não têm, demonstra um lado lúdico do lixo¹⁰, em que se pode obter produtos, roupas, brinquedos e mesmo alimentos que os catadores levam para casa, consertam, adaptam, reaproveitam. Por vezes, os artefatos trazidos do lixo geram outros tipos de objetos, necessários às suas casas, veículos (carrinhos, bicicletas, carroças) e também aos seus sonhos.

Retomando o que foi dito acima, em função do lixo, os catadores são vistos negativamente pela sociedade, que os identifica como marginais, bandidos, insolentes e isso, certamente, influi sobre a autoidentificação que eles fazem, tornando seu reconhecimento e valorização um tanto nebulosos. Mas, apesar dessa identidade atribuída deixar marcas na sua condição, ainda assim eles se identificam como trabalhadores, buscam a dignidade e também a concretização de uma nova identidade nas relações que vivenciam:

Escolhem a via do trabalho, o discurso de provedor, de honestidade e dignidade, querendo provavelmente se reencontrar na sociedade da produção e concretizar uma *nova identidade* nas relações em que vão se enredando¹¹. Através de uma

¹⁰ Aspecto que foi salientado pelo atual coordenador do projeto Catando Cidadania, Carlos Alberto Flores, o Kalu, em uma mesa redonda que discutia o documentário sobre uma catadora – Estamira – na Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Santa Maria (SEDUFMS), em junho de 2008. Kalu destacou que, assim como no filme, os catadores com os quais ele tinha contato mostravam gostar da atividade de catação, principalmente, em função de haver um lado lúdico no trato com o lixo que a maioria das pessoas não percebe.

¹¹ Esse discurso da honestidade, da dignidade, da identificação como trabalhadores e da busca por uma nova identidade é algo que ficou bem explícito na convivência que tivemos com os catadores de Santa Maria durante a participação no PISC. Eles sempre reafirmavam o orgulho que sentiam em estarem trabalhando, exercendo uma atividade digna, sem precisar encontrar meios ilícitos de sobrevivência. Os catadores que integravam cooperativas apreciavam o contato com estudantes e outros grupos que os procuravam para conhecer a sua realidade, porque através desse contato eles podiam demonstrar que estavam unindo-se e lutando por melhores condições de trabalho, que exerciam sua atividade com integridade e correção, que atuavam em equipe, que eram amigos e se ajudavam mutuamente, contrariando o senso comum que os identifica como marginais, bandidos, perigosos.

prática, tentam transformar o que lhes tem sido atribuído, mas também esta prática admite contradições e é foco de tensões (JUNCÁ *et al*, 2000, p. 85, grifo nosso).

Entretanto, como diz Juncá *et al* (2000), as tensões e contradições provenientes do contexto em que vivem e das dificuldades que enfrentam, da busca de desvencilhar-se de uma identidade negativa e construir (assumir) uma nova identidade, fazem-se presente, muitas vezes, nas suas opiniões e decisões, bem como nos seus atos:

Por vezes, se iludem com as promessas oriundas de diferentes instituições, e, em especial, de candidatos, principalmente em períodos de eleição. Engajam-se em campanhas políticas, tornam-se cabos eleitorais, assumem tais funções mais como um biscate. Nesta e em outras experiências, entram num jogo em que apenas um dos lados ganha, o que provavelmente os ensina a criar também seus próprios artifícios, a descobrir formas de tirar 'algum proveito', trazendo ainda tais descobertas para as mais diversas situações que vivenciam: omitem ou diminuem rendimentos ao se candidatarem a programas assistenciais, recorrem a benefícios paralelos em diferentes órgãos, negociam o voto sem necessariamente cumprir sua parte no acordo, especializam-se no melhor discurso para sensibilizar os outros quanto às suas carências, boicotam suas vendas e arranjam até mesmo meios para obterem um ganho a mais na pesagem do material coletado.

Por outro lado, tomam iniciativas paralelas às lutas que já vêm desenvolvendo em sua história de vida e de trabalho, parecendo querer mais que a mera sobrevivência imediata. Organizam uma comissão de catadores de lixo e participam da Associação de Moradores, ambas consideradas canal adequado para unir as pessoas, discutir os problemas comuns e encaminhar soluções. Matriculam seus filhos nas escolas, inscrevem-se em cursos de alfabetização de adultos e primeiros socorros, frequentam a oficina de produção artesanal implantada na comunidade, cobram ações do Poder Público Municipal [...] (JUNCÁ *et al*, 2000, p. 69, 70).

Dessa forma, eles vivem num meio de contradição e dificuldades. Podem até tentar mudar a sua situação, mas existem muitos fatores que impossibilitam ou interferem nessa mudança e que não está ao seu alcance dirigi-los. Assim, o que fazem é aprender a viver nesse contexto, algumas vezes, aproveitando-se da sua condição para fazer exigências ou garantir benefícios, e outras lutando para conseguir melhores oportunidades de vida.

Podemos identificar o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis como uma dessas iniciativas de luta empreendidas por esses trabalhadores, uma forma de resistência, de autodefesa que eles constroem. Pela importância e relevância que ele possui, a seguir, será feita uma breve explanação sobre a sua atuação.

1.2.2 Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis: a busca pela mudança

No final da década de 1990, em várias regiões do país, os catadores buscavam seus direitos, lutando por melhores condições de trabalho e reconhecimento. Essas mobilizações

locais propiciaram o surgimento do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis em meados de 1999, com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, que ocorreu em Brasília. (on-line, 1999)¹². No congresso, foi lançada a Carta de Brasília, documento em que foram expostas as necessidades e reivindicações dos catadores (Anexo A), como um anteprojeto de lei que regulamenta a profissão, bem como a definição de que o processo de reciclagem deve ocorrer em todo país e por associações e cooperativas de catadores.

No ano de 2002, o Movimento conseguiu o reconhecimento dos catadores como categoria profissional na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho. Segundo a descrição sumária das atividades, os catadores “catam, coletam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis” (www.ministeriodotrabalho.gov.br).

Em 2003, ocorreu o 1º Congresso Latino-Americano de Catadores (as) em Caxias do Sul – RS, evento de importância internacional que marca o momento em que o MNCR passa a ser reconhecido no país em função do fortalecimento das suas estruturas regionais. O lançamento da Carta de Caxias do Sul (Anexo B) busca demonstrar a situação dos catadores e propõe unir a luta desses trabalhadores latino-americanos, como se pode observar em alguns trechos expostos abaixo:

Esta luta não começou agora. Ela é fruto de uma longa história de mulheres e homens que, com seu trabalho de Catadores, garantiram a sobrevivência a partir do que a sociedade descarta e joga fora.

É uma história em que descobrimos o valor e o significado do nosso trabalho: coletando e reciclando materiais descartados, somos agentes ambientais e contribuimos com a limpeza das cidades. A organização de associações e cooperativas criou a possibilidade de trabalho e renda para os setores mais excluídos da sociedade [...]

O Congresso nos ajudou a entender o que vivemos no dia-a-dia: fazemos parte de sociedades em que valem mais as mercadorias do que as pessoas e a natureza [...]

Em nossa América, a ALCA é o caminho escolhido para colocar nossos povos sob o domínio do império econômico e militar estadunidense. Sua implantação retirará de nossas mãos o poder de decidir sobre o nosso destino. Perderemos o poder de decidir sobre o melhor uso das riquezas existentes [...]

Não aceitamos esse projeto dos capitalistas. Ele é portador de exclusão e de morte para a maioria da humanidade. Nossa experiência de Catadoras e Catadores nos mostra que é possível e já estamos abrindo um caminho novo e diferente, portador de vida para todas as pessoas e para o meio ambiente da vida (on-line, 2003).¹³

No ano de 2005 ocorreu o 2º Congresso Latino-Americano de Catadores (as) como uma forma de continuar a luta pela busca de direitos e melhorias de trabalho para os catadores

¹² Informações retiradas do site do MNCR, disponível em: <<http://www.mnccr.org.br/>>.

¹³ Trechos da Carta de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2003. Disponível em: <<http://www.mnccr.org.br/>>.

do sul do continente. No ano seguinte, foi realizada uma marcha até Brasília, na qual o MNCR levou suas exigências e reivindicações de novos postos de trabalho em cooperativas e associações.

A declaração de princípios e objetivos do Movimento firma-se sobre quatro preceitos, em que são valorizadas: 1) *a auto-gestão e a organização* dos catadores através da constituição de Bases Orgânicas (cooperativas, associações, grupos em que ninguém pode viver à custa do trabalho do outro), que possibilitam *a democracia direta*, ou seja, a participação de todos os integrantes do Movimento; 2) *a ação direta popular*, um dos princípios e métodos de trabalho do MNCR, buscando romper com a acomodação e a indiferença de muitos catadores no que se refere à implantação de galpões para a reciclagem, o cuidado com o meio ambiente, a busca da valorização da atividade de catador, entre outros aspectos; 3) a emancipação e autonomia através da *independência de classe* em relação a partidos políticos e empresas públicas e privadas e 4) *o apoio mútuo* entre os companheiros de causa e *a solidariedade de classe* com outros movimentos sociais (on-line, 2002)¹⁴.

O Movimento possui um organograma bem estruturado e definido, em que a Comissão Nacional divide-se em uma Equipe de Articulação Nacional, composta por cinco catadores oriundos de cada uma das regiões do Brasil. Na sequência hierárquica estão as cinco Comissões representantes das regiões do país, seguidas pelas Coordenações Estaduais. Estes respondem pelos Comitês Regionais e pelas Bases Orgânicas (Anexo C).

1.2.3. A realidade dos catadores em Santa Maria

Em Santa Maria, estima-se que existem cerca de 500 famílias catando materiais recicláveis nas ruas, segundo informações do engenheiro florestal da Secretaria de Proteção Ambiental, Luiz Geraldo Cervi (2008). Algumas dessas pessoas fazem isso para aumentar os rendimentos, porém, a maioria possui a atividade de catação como sua única fonte de renda.

A prefeitura de Santa Maria não possui muitos conhecimentos sobre a origem, a escolaridade, as ocupações anteriores dos catadores, porém, o que se sabe, segundo o engenheiro florestal¹⁵, é que a maioria deles provém de fora da cidade, principalmente de municípios da região central do Estado. O estudo foi algo que abandonaram cedo, pois

¹⁴ Disponível em: www.ministeriodotrabalho.gov.br

¹⁵ Não há nenhum tipo de pesquisa em relação a isso em Santa Maria. Entretanto, o que está declarado aqui são as percepções do engenheiro florestal providas da convivência com diversos tipos de catadores. Entrevista realizada em outubro de 2008.

precisavam ajudar os pais no sustento da casa e, muitos, encontraram a atividade de catação quando estavam desempregados, através da indicação de amigos e vizinhos.

Existem três tipos de realidade sobre os catadores na cidade. A primeira delas é aquela dos catadores que coletam autonomamente nas ruas. Em geral, constroem suas próprias rotas, quase sempre circulando pelo centro da cidade, local em que se encontram a maior quantidade de recicláveis, em função do comércio. Realizam a busca do material ao entardecer, antes do caminhão do lixo passar e depois que as lojas e restaurantes fecham suas portas e, costumeiramente, na companhia dos filhos. Com seus carrinhos ou carroças – alguns vão até de bicicleta – levam o lixo para casa e fazem a separação no pátio de suas residências.

O próximo passo é vender para o intermediário, o responsável pela compra dos materiais dos catadores e pela venda para as empresas que fazem reciclagem. O preço varia conforme o comprador, bem como a época do ano.

Santa Maria possui também associações de catadores, as quais permitem uma realidade um pouco diversa. Nas associações há uma divisão entre os que coletam os materiais na rua e aqueles que fazem a triagem do lixo e dos recicláveis. Os primeiros saem, dependendo das condições da cooperativa, de caminhão, de carrinho ou carroça; cumprem a sua rota e retornam para a associação. Lá, os da triagem iniciam os seus trabalhos, fazendo a separação, limpeza e reservando os materiais – pois num canto estão somente os plásticos, noutro estão os vidros, noutro ainda estão as garrafas pet, etc – para a chegada do intermediário, quando então eles serão pesados e vendidos.

Na cidade existem 15 cooperativas de catadores listadas pela Secretaria de Proteção Ambiental. Entretanto, nem todas estão legalizadas, sendo que apenas 4 trabalham formalmente – Associação dos Seleccionadores de Materiais Recicláveis de Santa Maria (ASMAR), Associação de Reciclagem Seletiva de Lixo Esperança (ARSELE), Associação dos Recicladores da Vila Pôr do Sol (ARPS) e Associação de Catadores e Reciclagem Noêmia Lazzarini (Anexo D).

Essas quatro associações legalizadas, juntamente com outras duas¹⁶, estão cadastradas na coleta seletiva da cidade, recebendo semanalmente os materiais recicláveis trazidos pelo caminhão do lixo. A coleta seletiva possui um cadastramento desde 2004 para os moradores que desejam separar o seu lixo e contribuir com associações de catadores. O caminhão do lixo recolhe os recicláveis nas casas e condomínios dessas pessoas uma vez por semana, num

¹⁶ Na Secretaria de Proteção Ambiental não sabiam nos informar quais eram as outras duas associações de catadores que recebiam os materiais da coleta seletiva na cidade.

horário determinado, e os leva para as cooperativas. Existem seis cooperativas cadastradas pela prefeitura, sendo que cada uma delas recebe os materiais em um dia diferente da semana.

Entretanto, há uma reclamação constante de que os materiais recicláveis que chegam às associações não são suficientes e, por isso, as cooperativas permanecem coletando nas ruas da cidade.

Por fim, a outra realidade dos catadores em Santa Maria é a do Lixão da Caturrita. Localizado no distrito de Santo Antônio, o Lixão começou a funcionar em 1982, recebendo o lixo urbano da cidade. De lá para cá viveu uma história conturbada, pois, segundo as vistorias da FEPAM (Fundação Estadual de Proteção Ambiental), não havia tratamento do chorume, plantio de árvores, separação dos materiais recicláveis e nem impermeabilização da terra. Os catadores que lá viviam também eram considerados um problema, porque “reviravam” a terra que já estava sedimentada, prejudicando mais ainda o local. Esses indícios fizeram com que a Federação exigisse o fechamento do Lixão e a retirada dos catadores. Essa exigência aconteceu várias vezes durante os últimos anos, sendo realizada apenas agora.

Segundo o engenheiro florestal estima-se que havia cerca de 250 pessoas que sobreviviam dos materiais coletados no Lixão da Caturrita. Essas pessoas, em geral, montavam barracas e moravam no Lixão à espera da chegada dos caminhões do lixo, pois aqueles que estivessem lá no momento em que os resíduos eram trazidos tinham maior probabilidade de conseguir recolher mais - e em melhores condições - objetos recicláveis. Alguns retornavam para casa depois de alguns dias, mas a maioria fazia do Lixão sua própria casa.

Cada barraca pertencia a uma família de catadores, pois eles coletavam geralmente em grupo. Assim, pais, filhos, irmãos, tios, sobrinhos, todos uniam-se na busca pelo sustento.

Em março de 2008 os resíduos deixaram de chegar ao Lixão devido a seu esgotamento. A prefeitura de Santa Maria assinou um contrato emergencial, de até meio ano, com a Tecnoresíduos Serviços Ambientais Ltda para a destinação final do lixo. A licitação para a escolha da nova empresa que iria se encarregar dos resíduos da cidade estava em andamento. Mais tarde, foi essa mesma empresa que ganhou a licitação para cuidar do transporte e da destinação final do lixo na cidade.

O lixo passou a ser levado para a Central de Tratamento de Resíduos da Caturrita (CTRC), pertencente a mesma Tecnoresíduos. A Central, ativa atualmente, possui uma unidade de triagem, outra de compostagem e o aterro sanitário, fazendo com que os resíduos que chegam lá já sejam direcionados a separação, logo em seguida, o que pode ser reciclado é encaminhado para a venda, enquanto o lixo orgânico vai para a unidade de compostagem para

ser transformado em adubo. Por fim, o restante dos dejetos vai para o aterro, onde é compactado e coberto por camadas de terra.

A Tecnoresíduos empregou uma parcela dos catadores que trabalhava no Lixão, cerca de 100, segundo o engenheiro florestal da Secretaria. O restante, em função de não possuir a documentação necessária – muitos não tinham carteira de trabalho – ou possuírem problemas com a Justiça, não puderam ser contratados. A esses sobrou a alternativa de coletar recicláveis nas ruas da cidade ou, então, procurar uma outra maneira de se sustentar.

Outra mudança que ocorreu no ano de 2008, referente à coleta do lixo, foi a utilização de contêineres. Em novembro deste ano, as lixeiras de condomínios e casas passaram a ser substituídas pelos contêineres. Os catadores passaram, então, a entrar dentro desses recipientes para encontrar materiais recicláveis. A promessa de contêineres destinados ao lixo reciclável foi feita, entretanto não se realizou.

É importante destacar, nessa parte em que se define a realidade dos catadores, a existência de um projeto social destinado à inclusão desses trabalhadores. Um projeto muito conhecido na cidade e na região, bem como internacionalmente, em função das atividades que realiza: o Catando Cidadania.

O Projeto Catando Cidadania surgiu em Santa Maria em 2003, parceria entre o Projeto Esperança/Coesperança¹⁷, a Secretaria de Cultura e a Secretaria de Proteção Ambiental. O objetivo do Projeto é impulsionar a inclusão social e cultural dos catadores e seus familiares na cidade. Dentre as atividades desenvolvidas está a organização de um grupo de teatro, o Coral dos Catadores, o bloco carnavalesco “Vá se Catar”, aulas de línguas estrangeiras e produção de artesanato. A sede do Projeto localiza-se na Casa de Cultura de Santa Maria.

As oportunidades que os catadores encontram no Projeto são muitas e não apenas materiais, como a possibilidade de conhecer outros lugares (pois viajam para expor seus trabalhos manuais em feiras e também para ensinar a grupos de outras cidades e países – já foram à França e ao Uruguai – que desejam aprender o ofício), bem como de obter para si e seus familiares integrantes do Coral atendimento odontológico gratuito através dos alunos do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O projeto representa,

¹⁷ O Projeto Esperança foi criado em 1987 com a iniciativa do Bispo Dom José Ivo Lorscheiter, com o objetivo de desenvolver a economia popular solidária, geração de trabalho e renda e formas de organização associativa, cooperativa e autogestão entre grupos organizados. A Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos vinculados ao Projeto Esperança (Coesperança) é uma central que junto com o Projeto Esperança auxilia na comercialização dos produtos dos grupos organizados. Atualmente o Projeto Esperança/Coesperança é coordenado pela Irmã Lourdes Dill. Essas informações foram obtidas a partir do site: <<http://www.esperancacoesperanca.org.br>>. Acesso em: janeiro de 2010.

portanto, uma renovação na autoestima desses trabalhadores, novas amizades, experiências, aprendizados, conhecimentos novos e perspectivas de esperança à vida deles.

Com isso, finalizamos este primeiro capítulo. Realizou-se, nesta parte, uma exposição sobre a construção da identidade social do catador, identificando-o como o outro da sociedade, como um sujeito invisível e recoberto por representações negativas que lhe são impostas. Interessa saber, agora, por que este sujeito estigmatizado faz-se interessante para a mídia impressa local. Essa explicação é o que se busca compreender no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

O CONTEXTO DA NOTÍCIA

No capítulo anterior foram discutidas algumas noções de invisibilidade social e identidade atribuída, bem como aspectos relevantes da condição dos catadores na cidade de Santa Maria. Neste capítulo, centra-se a atenção na mídia, com o objetivo de compreender, inicialmente, por que os catadores que vivem na realidade da exclusão, da marginalidade e não despertam interesse na sociedade, passam a se tornar pauta de matérias jornalísticas na mídia impressa local. Quando e como eles passam a serem *vistos*, identificados e proeminentes para a comunidade a ponto de poderem contar suas histórias nos jornais? Essa é a busca realizada neste capítulo. Por isso, os conceitos de critérios de noticiabilidade e de valores-notícia são fundamentais para a compreensão dos motivos que levam os catadores a se transformarem em pauta.

A seguir, busca-se conhecer o perfil dos dois jornais dos quais foram retiradas as matérias sobre os catadores: A Razão e Diário de Santa Maria. São abordados alguns aspectos da linha editorial, do projeto gráfico, do público alvo e da relação dos jornais com a comunidade local.

2.1 A noticiabilidade dos fatos

Para Wolf (1987), na produção de notícias (o *newsmaking*) há dois elementos que determinam o que é noticiável: de um lado a cultura profissional dos jornalistas, com todos os seus códigos, representações e práticas; de outro, a organização do trabalho, com a definição do que é notícia e os processos que legitimam as etapas da sua produção. São, portanto, dois elementos basilares, a cultura profissional e a organização do trabalho, através dos quais se estabelece “um conjunto de critérios de relevância que definem a *noticiabilidade* (*newsworthiness*) de cada acontecimento, isto é, a sua ‘aptidão’ para ser transformado em notícia” (WOLF, 1987, p. 170).

Dessa forma, é preciso que os fatos e acontecimentos possuam uma “aptidão”, uma propensão a se tornarem notícias, ou seja, é preciso que os jornalistas possam identificar neles os critérios de relevância.

Há também uma perspectiva que define que:

O acontecimento se transforma em notícia quando, trabalhado pelo órgão de informação, entra na *agenda do público receptor*. A noticiabilidade de um fato pode então ser analisada segundo sua possibilidade de integrar-se ou não ao fluxo normal e rotineiro da produção de informações (HOHLFELDT *et al*, 2001, p. 208, grifo do autor).

É preciso que os fatos que chegam às redações possam ser *enquadrados*, adaptados aos processos de produção da notícia sem precisar realizar “demasiadas alterações e subversões do ciclo produtivo normal” (WOLF, 1987, p. 171). Certamente que, no caso de acontecimentos excepcionais, podem ocorrer algumas mudanças e adequações ao ritmo e aos processos que regem a construção da notícia. Entretanto, conforme o autor, essa perspectiva determina que a noticiabilidade é definida pelas condições que um fato possui de se integrar adequadamente aos processos normais e rotineiros do ciclo produtivo.

A noticiabilidade está relacionada a processos de rotina no trabalho dos jornalistas, permitindo agilidade, rapidez e estabilidade aos fatos e eventos que são, por natureza, instáveis e difíceis de prever. Além disso, permitem “escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 1985, p. 170).

Todavia, os critérios de noticiabilidade não são fixos e rígidos, delimitando as avaliações de forma rigorosa e precisa. Ao contrário, eles estão sempre sujeitos a desacordos e conflitos, sendo resultados de negociações entre os interesses e as necessidades dos jornalistas e do órgão informativo (ALTHEIDE *apud* WOLF, 1987). “Isso significa que os critérios de relevância são, por um lado, flexíveis e variáveis quanto à mudança de certos parâmetros e, por outro lado, são sempre considerados em relação à forma de operar do organismo que faz a informação” (WOLF, 1987, p. 173).

São, portanto, critérios flexíveis e ajustáveis estabelecidos através de negociações que ocorrem durante todo o processo de produção de notícias. Definem quais os fatos e acontecimentos podem adquirir a condição de matérias jornalísticas e quais aqueles que não se *enquadram* nas exigências do órgão informativo ou da cultura profissional dos jornalistas.

A noticiabilidade é o que permite ao órgão informativo reduzir a quantidade de fatos e ocorrências que chegam à redação. Os valores-notícia, componentes da noticiabilidade, são um dos fatores fundamentais para a realização dessa seleção. Hohlfeldt *et al* (2001) determina que:

A noticiabilidade está regada por valores-notícia, conjunto de elementos e princípios através dos quais os acontecimentos são avaliados pelos meios de comunicação de massa e seus profissionais em sua potencialidade de produção de resultados e novos eventos, se transformados em notícia (HOHLFELDT *et al*, 2001, p. 208).

A seguir, algumas considerações sobre a definição e as categorias dos valores que determinam o que pode se tornar notícia.

2.2 Os valores que determinam a notícia

Os fatos e os acontecimentos estão à disposição em todos os campos e instituições da sociedade. Mas, como não é possível que todas as ocorrências e eventos sejam noticiados pela mídia, é preciso que jornalistas e editores realizem um processo de seleção destinado a transformar em notícia apenas os fatos que possam interessar ao público receptor.

Para isso, estabelece-se a pergunta: “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 1987, p.175). A resposta a essa questão é estipulada pelos valores-notícia, componentes de noticiabilidade que definem quais os critérios que permitem a ascensão de um acontecimento à mídia.

Os valores-notícia possuem algumas particularidades e características específicas. Uma delas refere-se a sua atuação, que ocorre de maneira conjunta e complementar. “São as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores-notícia, que ‘recomendam’ a seleção de um facto” (WOLF, 1987, p. 175, grifo do autor). Então, quanto mais valores possui um acontecimento, maior é a probabilidade dele se tornar notícia.

Outra consideração determina que os valores-notícia estão espalhados ao longo de todo o processo de produção. Inicialmente, como critérios para a seleção das notícias e, a seguir, “funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público” (GOLDING & ELLIOTT *apud* WOLF, 1987, p.176), Ou seja, num segundo momento, eles servem como critérios para a seleção hierárquica das notícias.

Entretanto, os critérios que definem o que serve para ser uma informação pública variam conforme o tempo e as modificações da sociedade. Dessa maneira, fatos e eventos que em outras épocas não existiam passam a compor a agenda midiática e a exigir uma cobertura informativa específica, em alguns casos, ou tornam-se fontes estáveis, em outros. Por exemplo, determinados temas acabaram ganhando tanta importância que passaram a ter espaços próprios nas diferentes mídias, como as páginas culturais nos jornais. Outro exemplo

é o fato de que movimentos sociais começaram a conhecer e se apropriar dos critérios de noticiabilidade para, com isso, agendar a mídia.

A situação dos catadores de materiais recicláveis é, também, exemplo desses novos temas e assuntos abordados pela mídia. Com a crescente problematização do lixo na sociedade, novas coberturas jornalísticas começaram a aparecer: a reciclagem, os aterros sanitários, os lixões, as consequências para o meio ambiente, as pessoas que sobrevivem do lixo. Assim, esses trabalhadores tornaram-se pauta a mídia.

Outra característica que compõe os valores-notícia é a sua representação através das práticas organizativas. “A organização de uma redação em sectores temáticos específicos, o tipo de correspondentes e especialistas que ela possui, são indicações, a nível do órgão de informação, dos critérios de noticiabilidade que nele vigoram” (WOLF, 1987, p.179).

Nesse sentido, é importante destacar que os valores variam de política editorial para política editorial. No nosso caso em que estudamos os dois jornais de Santa Maria, isso fica evidente, pois enquanto um deles pode valorizar determinados critérios com mais intensidade e frequência, o outro pode estimar outros critérios.

Para Hall *et. al.*(*apud* TRAQUINA, 2003) os valores-notícia são mais que listagens de atributos das notícias, são mapas culturais do mundo social. Esses mapas provêm de representações, estereótipos que os jornalistas possuem acerca dos diversos grupos, segmentos, categorias sociais. Entretanto, essas representações não são só deles, mas são imagens formadas socialmente e que fazem parte do senso comum. Dessa forma, um acontecimento só se torna notícia porque representa valores que circulam pela sociedade, ou, contrariamente, porque representa a subversão desses valores.

Assim,

os valores-notícia operam como uma estrutura de primeiro plano, que pressupõe uma estrutura profunda, que está escondida – as noções consensuais sobre o funcionamento da sociedade que ajudam a marcar as fronteiras entre normal e desvio, entre legítimo e ilegítimo. Hall (1984) escreve: “Parece que estamos a lidar com uma estrutura profunda, cuja função como mecanismo de seleção é invisível mesmo para aqueles que profissionalmente têm que operar com ela” (TRAQUINA, 2003, p. 116).

Cristina Ponte (2004) declara que os valores-notícia não são simples marcas de seleção, são, na verdade, marcas de representação, posto que a seleção é um ato ideológico de representação. Assim, são os estereótipos, poderíamos dizer até, os estigmas, as identidades, as imagens, os (pre) conceitos que mediam o processo de seleção das notícias.

Em nossa pesquisa, trabalhando com um grupo excluído e marginalizado historicamente, torna-se fundamental conhecer quais são os principais valores-notícia associados às matérias jornalísticas sobre esses trabalhadores, pois, assim, podemos

compreender as representações a que a mídia impressa local se associa para falar dos catadores e, desta forma, como ela constrói o sujeito catador nas páginas dos seus jornais.

2.2.1 A categorização dos valores-notícia

Os valores-notícia são tratados e identificados de maneiras diferentes por autores diversos. Para Wolf os valores-notícia são divididos em cinco tipos de categorias, as quais derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas: a) às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; b) à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; c) aos meios de comunicação; d) ao público; e) à concorrência (WOLF, 1987).

Neste estudo, utiliza-se a síntese de valores-notícia elaborada por Moreira (2006)¹⁸. A autora organizou um quadro a partir dos valores que foram mais mencionados em treze trabalhos acadêmicos¹⁹ para, através dessa compilação, poder avaliar as capas dos principais jornais do Brasil²⁰. Utilizando pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, ela chegou a 21 valores-notícia, demonstrados no quadro abaixo:

¹⁸ Optamos por utilizar essa categorização ao invés da de Wolf, que foi o autor no qual nos baseamos para tratarmos do conceito dos valores-notícia, em função de que Moreira trabalha apenas com os critérios substantivos da notícia, ou seja, aqueles relativos ao conteúdo das matérias jornalísticas. Os critérios de Wolf são mais abrangentes e, alguns deles, são difíceis de serem identificados nas matérias, por exemplo, os critérios relativos à concorrência, bem como os critérios relativos aos meios de comunicação são deveras impossíveis de serem avaliados sem estarmos presentes nas redações de A Razão e Diário de Santa Maria. Entretanto, isso foge aos nossos objetivos, pois desejamos compreender como os jornais constroem a identidade dos catadores através das notícias que são publicadas sobre esses trabalhadores. Logo, o nosso foco são os critérios substantivos e não os demais. Encontramos na síntese de Moreira uma forma simples, didática e apropriada aos nossos objetivos de pesquisa para trabalhar com os valores-notícia.

¹⁹ Moreira (2006) referenciou em seu estudo os seguintes autores: Mar de Fontcuberta; Stella Martini; Lorenzo Gomis; Walter Lippmann; Wilbur Schramm; Nelson Traquina; Herbert Gans; Johan Galtung e Mari Ruge; Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan; Pamela Shoemaker; Teun Van Dijk; Fraser Bond; Mauro Wolf.

²⁰ A Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo.

POLÍTICA EDITORIAL															
INTERESSE													INTERESSE PÚBLICO / SOCIAL		
ATUALIDADE / INEDITISMO	IMPORTÂNCIA					EMOÇÃO / DRAMATICIDADE	ENTRETENIMENTO	SUSPENSE	EXCEPCIONALIDADE			CONFLITO / CONTROVÉRSIA		NEGATIVIDADE	
	CONSEQUÊNCIAS	AMPLITUDE / IMPACTO	INTENSIDADE / GRAVIDADE	UTILIDADE / SERVIÇO	NOTORIEDADE DOS AGENTES					EXTRAORDINÁRIO / SENSACIONAL	INCOMUM / INSÓLITO / SINGULAR		MUDANÇA	IMPREVISIBILIDADE / INESPERADO / SURPRESA	

Figura 01 - Síntese dos valores-notícia

Estes 21 valores foram agrupados conforme a proximidade e a relação que possuíam entre si. A partir disso, restaram 10 valores ou categorias: “atualidade/ineditismo”; “importância”; “emoção/dramaticidade”; “entretenimento”; “suspense”; “excepcionalidade”; “conflito/controvérsia”; “negatividade”; “proximidade” e “interesse público/social”. A “importância”, a “excepcionalidade” e a “negatividade” são divididas em subvalores, como será tratado em breve.

A autora parte do pressuposto de que todos os valores-notícia estão relacionados, submetidos à política editorial. Em função disso, a política editorial, que não é um valor-notícia, mas sim um critério de noticiabilidade, ocupa o lugar mais alto dentro do quadro. Não foi estabelecida como categoria de análise, “está ali apenas para fins ilustrativos” (MOREIRA, 2006, p. 100).

O segundo pressuposto do quadro é o fato de que todas as notícias têm o valor “interesse”. No contexto do trabalho de Moreira, em que foram analisadas as capas dos jornais, ela declara que “uma notícia que não interessa a ninguém não estaria na capa” (MOREIRA, 2006, p. 100). Neste trabalho, julga-se relevante manter o valor “interesse” como presente em todas as notícias, pois as temáticas que envolvem os catadores são, geralmente, questões que refletem na comunidade local, tais como a limpeza urbana, a reciclagem, a participação deles em cooperativas. Desta forma, são matérias que envolvem o fator “interesse”.

Por fim, é necessário esclarecer que o quadro apresenta em uma categoria dois ou mais valores associados. Isso ocorre em função de que as denominações podem ser diferentes, mas

os sentidos são praticamente os mesmos, ou ainda, porque os termos possuem sentidos muito próximos.

A seguir, uma breve análise dos valores-notícia inscritos no quadro:

a) Atualidade/Ineditismo

Esta categoria está relacionada com informações que são consideradas novas, atuais, bem como notícias que ainda não foram publicadas em nenhum órgão informativo. Para esta análise, as matérias “atuais” são aquelas que possuem uma proximidade de tempo, referentes a fatos que aconteceram há poucos dias ou que possuem uma data certa – e próxima – para ocorrer. Optou-se por não considerar “atual” as matérias que falam sobre assuntos que não têm uma imposição do tempo, ou seja, assuntos que poderiam ser pautas em outras épocas, meses, semanas. Como por exemplo, uma matéria sobre baixas temperaturas, pode ocorrer durante qualquer um dos meses de frio. Em relação ao valor “ineditismo”, o fato de trabalharmos com um *corpus* específico, determina a dificuldade de avaliar esse critério “, pois pode haver outra(s) matéria(s) que tenha(m) tratado sobre determinada temática, mas que não foi (foram) selecionada (s) para a análise. Por isso, o “ineditismo” não foi avaliado nas matérias jornalísticas sobre os catadores.

b) Importância – Consequências; Amplitude/Impacto; Intensidade/Gravidade; Utilidade/Serviço; Notoriedade dos Agentes

Esta categoria refere-se a fatos que possuem relevância e devem ser conhecidos em função de suas “consequências”, em especial, quando elas são desastrosas, catastróficas; da sua “amplitude” ou “impacto” na vida dos receptores; da sua “intensidade” ou “gravidade”, em geral, envolvendo números e dados, como a quantidade de pessoas relacionadas a algum evento; da “utilidade” ou “serviços”, o subvalor “utilidade” não está na literatura pesquisada, mas Moreira (2006, p. 102) acrescentou em função de “que expressa melhor o valor propriamente dito das notícias de serviço”; e da “notoriedade dos agentes envolvidos”. Para que se possa analisar este último item no presente estudo, é preciso perceber se, nas matérias que se referem aos catadores, há o envolvimento de sujeitos que possuem importância na cidade de Santa Maria, em especial, políticos, pessoas que possuem cargos públicos e pessoas ligadas a Igreja.

Emoção/Dramaticidade, Suspense, Entretenimento

Relacionam-se a matérias que são construídas envolvendo sentimentalismo e que apelam para o lado emocional dos receptores. Esses três valores são muito próximos,

entretanto, estão separados no quadro elaborado por Moreira (2006), pois uma matéria que envolve “emoção”, pode não ter “suspense”, nem “entretenimento”. Apesar da proximidade, são identificados como valores independentes.

c) Excepcionalidade – Incomum/Insólito/Singular; Extraordinário/Sensacional; Mudança; Imprevisibilidade/Inesperado/Surpresa

O valor “excepcionalidade” é definido pelo que foge ao comum, é uma ruptura nas situações e ocorrências rotineiras. Está dividido em: “insólito/incomum/singular”, que identifica fatos inusitados, inesperados; em “extraordinário” ou “sensacional”, um aumento daquilo que já é considerado incomum; em “mudança”, em relação a uma situação; em “imprevisibilidade/inesperado/surpresa”, referindo-se aos fatos imprevisíveis.

d) Conflito/Controvérsia

Refere-se a situações e acontecimentos que envolvam contradição, tensão, ambiguidades, impasses.

e) Negatividade

Refere-se a fatos e acontecimentos que refletem “infração” ou “ilegalidade”, “falha” ou “anormalidade”, “violência” e “negatividade”. A “negatividade” é, portanto, um valor e um subvalor, como subvalor ela refere-se, em especial, a morte. Acrescemos nesse subvalor as matérias que identificam situações que envolvem dificuldades, adversidades e sofrimento vividos pelos catadores, tais como as notícias que tratam sobre a condição deles no Lixão da Caturrita, bem como notícias que mostram eles passando frio e fome.

f) Proximidade

A “proximidade” é compreendida tanto no sentido cultural - quando se refere aos acontecimentos que possuem relações com a vivência dos receptores - quanto no sentido geográfico - a preferência por fatos nacionais, regionais, locais. Neste trabalho, parte-se do princípio de que o valor “proximidade” está presente em todas as matérias dos jornais de Santa Maria, pois são jornais locais que enfocam os acontecimentos que ocorrem na comunidade santamariense e na região central do Estado. Por isso, não vamos nos deter em

identificar esse valor nas matérias, pois de antemão ele já está presente em todas as pautas geradas pelos jornais.

g) Interesse público/social

Esta categoria foi elaborada pela autora, pois na revisão de literatura feita por ela, encontrou apenas “interesse” de forma geral. Mas, acrescentou ao quadro dos valores-notícia o “interesse público/social”, definido como aquilo que interessa a todos os segmentos da sociedade, voltado a formação do cidadão. A diferença básica entre o “interesse” e o “interesse público/social” foi estabelecida em função de que o primeiro são as informações que os indivíduos *querem* saber, enquanto o segundo são as informações que eles *precisam* saber.

Com isso, finda-se esta parte. O próximo passo é a identificação dos jornais locais.

2.3 A mídia impressa de Santa Maria

O objeto de pesquisa delimitado nesta pesquisa são as matérias jornalísticas que se referem aos catadores, encontradas em A Razão e Diário de Santa Maria. Abaixo, algumas considerações sobre o perfil de cada um desses jornais:

2.3.1 A Razão, “um jornal regional”²¹

O jornal A Razão foi fundado em outubro de 1934 pelo jornalista Clarimundo Flores, em Santa Maria, RS. Com uma forte conotação política, pois seus fundadores apoiavam Osvaldo Aranha, ele nasceu em meio a um período conturbado que culminou na Segunda Guerra Mundial. Por isso, as principais notícias referiam-se a assuntos internacionais. Em 1943, o jornal foi vendido aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Essa mudança administrativa, juntamente com o final da Guerra, fez com que se priorizasse assuntos locais e regionais, e a partir de então, Santa Maria passou a ser o maior enfoque de A Razão. Em 1980, foi comprado pela família De Grandi, a qual pertence até hoje (on-line,)²².

O jornal abrange 35 municípios da região central do Estado e possui uma tiragem de 15 mil exemplares diários²³, referente a venda de assinaturas e a venda em bancas. Têm

²¹ Maneira como o jornal se autoreferencia no site. Disponível em: <<http://www.arazao.com.br>>.

²² Disponível em: <<http://www.arazao.com.br>>.

²³ Informação obtida com Evaldo Alfredo Billo, supervisor de vendas do jornal A Razão.

sucursais em Santiago, Caçapava do Sul e em Júlio de Castilhos, mas as matérias feitas nas cidades de cobertura só são veiculadas se forem muito relevantes para a região.

A Razão é um jornal diário, estruturado a partir das editorias Política, Geral, Educação, Economia, Esportes, Polícia, Serviço e o *Segundo A Razão*, caderno de variedades. Nas segundas-feiras, o jornal circula com todas essas editorias e mais duas temáticas: a editoria de “Bichos”, falando sobre animais de estimação e a editoria de “Veículos”, apresentando novos modelos de automóveis. Nas terças-feiras há o caderno A Razão de Ler, tratando de temas culturais, trazendo curiosidades, indicação de leituras. Nas quintas-feiras o jornal possui o *Teen*, caderno destinado a temáticas relacionadas aos jovens, tais como moda, estudos, diversão, relacionamentos. Na edição de final de semana, o *Segundo A Razão* vem ampliado, trazendo além de crônicas, cruzadinhas e coluna social, algumas temáticas como o A Razão Saúde e Turismo. Em geral, nos primeiros dias do mês, há o caderno Maturidade, destinado a assuntos como saúde, bem-estar na terceira idade.

O leitor do jornal A Razão pertence, predominantemente, a classe social A (28, 1%) e B (57,4%) – média salarial de 16 salários mínimos. Possui entre 35 e 54 anos e tem um nível de escolaridade superior completo/incompleto (58%)²⁴.

Segundo José Mauro Batista, editor-chefe de A Razão, em entrevista (2010), “a linha editorial atual, adotada pela Empresa Jornalística De Grandi Ltda, defende questões de interesse de Santa Maria e municípios da região como prioridades. Ao longo de sua existência, aliás, esta foi uma marca de A Razão: apoiar as reivindicações da comunidade”. O desenvolvimento socioeconômico, a defesa da qualidade de vida das pessoas, o respeito à democracia são alguns dos valores fundamentais de A Razão. No site, o jornal declara-se o “principal instrumento de defesa dos interesses da região central do RS”(on-line)²⁵.

Em relação ao perfil dos jornalistas, o editor-chefe afirma haver aspectos variados, pois “temos um grupo de profissionais na faixa dos 37/40 anos, um grupo intermediário de 25/27 anos e um pouco mais jovem, de recém formados. Há estilos, visões de mundo, personalidades bastante distintas”.

A Razão não possui contato com nenhuma agência de notícias. Para a produção das matérias os jornalistas utilizam, muitas vezes, recursos da internet, sites de notícia, como o Portal Terra, e sites oficiais, como o do Senado.

O projeto gráfico atual foi redesenhado faz quatro anos, entretanto, de lá para cá, foi recebendo algumas alterações. Uma das principais mudanças que ocorreram por ocasião da

²⁴ Informação obtida com Evaldo Alfredo Billo.

²⁵ Disponível em: < <http://www.arazao.com.br>>.

renovação do projeto gráfico foi a ampliação do espaço de opinião para o leitor. Para isso, a página de Opinião, na página 04, que naturalmente seria o editorial do jornal, passou a ter textos de leitores. O editorial tornou-se, então, bastante reduzido. Isso demonstra uma imbricação das vozes do leitor e do jornal, e é quase como se o jornal dissesse: “nós pensamos da mesma maneira que o leitor”. Outra mudança decorrente diz respeito ao formato da coluna social, do *Teen*, na página de Serviço.

Em relação à capa, as mudanças foram praticamente totais, com exceção do tipo de fonte que permaneceu o mesmo. O jornal prefere, hoje, manter apenas uma foto grande, de boa qualidade e com impacto na capa, geralmente em formato horizontal, ao invés de diversas imagens pequenas. A manchete nem sempre está relacionada à foto de destaque, mas se prioriza sempre que possível que o assunto mais relevante da edição possua imagens e que uma delas possa ir para a capa.

Outra das mudanças na capa foi a inserção de uma barra na horizontal, logo abaixo do título do jornal. Essa barra não aparece todos os dias, mas predominantemente nos finais de semana, nas segundas-feiras e nas quintas. Ela traz apenas assuntos “leves”, como algumas chamadas para matérias do *Segundo A Razão*, do *Teen* e da editoria de Esportes. A escolha dos dias para colocá-la é devido ao final de semana possuir o Segundo Caderno com mais notícias e reportagens, bem como nas segundas-feiras, em geral, há o desenrolar de acontecimentos do final de semana, por exemplo, eventos, como feiras, exposições, shows. E nas quintas-feiras a barra é acrescentada em função de fazer chamadas para o *Teen*. É importante destacar que a barra horizontal possui, na maioria das vezes, três chamadas acompanhadas de fotos pequenas.

No que se refere à utilização de cores no jornal *A Razão*, encontramos-las na capa, no caderno *Teen*, no interior do *Segundo A Razão* durante a semana e nos finais de semana está também na capa do *Segundo A Razão*. Na verdade, as cores presentes no jornal dependem da configuração da impressora, pois esta possui várias possibilidades de impressão em cores, permitindo que uma edição seja mais colorida, outra menos. Por exemplo, um dos tipos de configuração é a possibilidade de todas as páginas coloridas, outro tipo de configuração é a possibilidade de dezesseis páginas coloridas, outro ainda é a possibilidade de oito páginas coloridas. A necessidade de cores depende dos anúncios de publicidade, bem como dos cadernos no interior da edição. Também é importante destacar que se a página for colorida, as fotos presentes nela também serão em cores, da mesma forma se a página está em preto e branco, as fotos serão sempre em preto e branco.

2.3.2 Diário de Santa Maria, “um jornal ao lado da comunidade local”²⁶

O jornal Diário de Santa Maria é propriedade do Grupo RBS (Rede Brasil-Sul), “empresa de comunicação multimídia que opera no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina”(on-line)²⁷, afiliada da Rede Globo e que possui, emissoras de televisão aberta, emissoras de rádio, jornais diários, portais na internet, entre outros veículos de comunicação.

O Diário nasceu em junho de 2002, concretizando um desejo já antigo do Grupo RBS (Rede Brasil-Sul): possuir um jornal em Santa Maria. O Grupo já havia feito propostas para comprar o jornal A Razão, entretanto as negociações nunca eram fechadas. Num determinado momento, a RBS resolveu fazer pesquisas para saber se “havia público para a existência de dois jornais em Santa Maria” (FONTANA, 2010, em entrevista). Os resultados foram positivos, o que acarretou a chegada do DSM na cidade.

O nome foi escolhido pela comunidade através de um sorteio. Mas veio a adequar-se aos desejos da RBS, que acreditava que o jornal precisava ser bem local, possuindo, inclusive, o nome da cidade no título.

O DSM abrange cerca de 35 municípios da região central do Estado do Rio Grande do Sul. Sua circulação (número de vendas avulsas mais as assinaturas) atinge, aproximadamente, 18.800 leitores²⁸.

O Diário é uma publicação tablóide e circula com seis edições semanais, de segunda a sexta-feira com mais uma edição no final de semana. Durante a semana, o primeiro caderno divide-se nas editorias Geral, Política, Economia, Esportes, Dia a Dia; e o *Diário 2*, caderno destinado a temas culturais e de entretenimento, como música, cinema, gastronomia, crônicas. Na edição de final de semana, o jornal divide-se no primeiro caderno e na *Revista Mix*, que corresponde ao *Diário 2*, só que em formato ampliado.

O leitor do DSM pertence, predominantemente, ao sexo feminino (52,5%), está nas classes de maior poder aquisitivo: A/B (42,6%) e C (49,1%). Possui entre 20 e 29 anos (23,8%) e 30 e 39 (19,3%) e tem o nível médio de escolaridade (60,3%).

O jornal possui alguns preceitos comuns a todos os veículos pertencentes à RBS. Segundo Andréia Fontana (2010), o principal deles é “facilitar a comunicação das pessoas como seu mundo”. No que concerne aos objetivos do jornal, acreditam que precisam ser “o

²⁶ Trecho da fala da editora-chefe do Diário de Santa Maria, Andréia Fontana (2010), ao referir-se à linha editorial adotada pelo veículo.

²⁷ Disponível em: <<http://www.rbs.com.br>>

²⁸ Informação obtida com a editora-chefe, Andréia Fontana, com base nos dados do IVC (Índice Verificador de Circulação) de novembro de 2009.

retrato da realidade local naquele momento”, por isso, privilegiam as notícias que tratam de Santa Maria ou região, em especial, aquelas que produzam impacto, interfiram na vida do santamariense. Assim, matérias internacionais ou mesmo nacionais só são publicadas se elas possuem uma relação com a realidade de Santa Maria. A editora-chefe exemplifica isso através da cobertura de notícias sobre o Haiti²⁹: o fato de Santa Maria ser o segundo maior contingente militar do país, de muitos militares daqui terem ido para o Haiti, inclusive, um ter morrido lá, são alguns dos motivos pelos quais o país caribenho torna-se pauta importante no DSM.

Percebem ainda que o seu papel - apesar de não ser um serviço público, uma concessão - exerce um serviço *para* o público, busca estar ao lado do público. Dessa forma, o público vê no jornal um aliado pra cobrar a solução de problemas locais, tais como a falta de água em vilas da cidade, a falta de leitos nos hospitais.

Em relação ao perfil dos jornalistas, a editora-chefe afirma que, inicialmente, na época do lançamento, o jornal priorizava pessoas ligadas a Santa Maria, para ser um veículo com a “cara” da cidade. Hoje, isso não é mais tão valorizado, porque os profissionais já estão há algum tempo no jornal, o que garante a sua familiaridade com a cidade. Em relação à idade, a redação é muito jovem, pois existem poucas pessoas com mais de 40 anos e não há ninguém com 50 anos. Todos os jornalistas são formados, somente alguns dos diagramadores e dos fotógrafos que não possuem formação em Jornalismo³⁰.

Para a editora-chefe, a linha editorial adotada pelo jornal atua ao lado da comunidade de Santa Maria: “nosso foco é muito grande no nosso leitor, no acompanhamento do dia a dia dele, a gente tenta ser um jornal do leitor, acho que essa é a nossa maior marca [...]”. Os preceitos editoriais mais valorizados são a precisão e a objetividade, mas não uma objetividade excessiva. Ela afirma que não dispensam um texto fluente, mesmo que se demore mais pra se extrair a parte objetiva da matéria: “a gente gosta de ser um jornal com um texto que atraia o leitor”.

O projeto gráfico do Diário era, inicialmente, com a capa toda em caixa alta, com fotos grandes, com muita cor. Isso em função de que os seus fundadores acreditavam que o DSM seria um jornal que teria mais venda em bancas do que por assinaturas, então era necessário atrair a atenção do leitor. Quando o jornal completou cinco anos, foram feitas reformulações no projeto gráfico, com o objetivo de suavizar a capa, isto através da diminuição da caixa da

²⁹ Em janeiro deste ano a capital do Haiti, Porto Príncipe, foi atingida por um terremoto que atingiu sete pontos na Escala Richter. Um dos países que enviou ajuda foi o Brasil.

³⁰ Dois diagramadores não possuem formação em Jornalismo, um fotógrafo é estudante de Jornalismo e outro não é formado. Existem ainda três estagiários, todos estudantes de Jornalismo.

manchete, bem como das cores fortes utilizadas. Outra mudança que ocorreu foi devido ao aumento da quantidade de notícias que mereciam chamadas. Até esta época, o jornal utilizava a contracapa para trazer matérias, além das chamadas. Com a percepção de que era necessário mais espaço para trabalhar essas matérias, elas passaram a fazer parte das páginas internas e na contracapa ficaram apenas as chamadas³¹.

A capa passou a ter uma chamada lateral, identificada por uma barra na vertical, no canto esquerdo, que traz, principalmente, as chamadas para colunas e crônicas, bem como os assuntos mais “leves” da edição. A chamada lateral vem para amenizar a capa, é um contrabalanço com esta que, às vezes, traz matérias desagradáveis, tristes, chocantes.

Na capa, procura-se colocar sempre a melhor foto do dia. Isso varia algumas vezes, por exemplo, no caso da manchete não possuir a melhor foto da edição. O caminho escolhido, então, pode ser o de se colocar a foto da manchete, mesmo que ela não possua tão boa qualidade ou utilizar uma foto referente a outra chamada da capa, isso depende de como são estas fotos e da relevância dos assuntos. Mas, no geral, busca-se que a manchete seja de um tema bem relevante e com uma foto muito boa.

As cores privilegiadas no DSM são vermelho e azul³², as quais são mescladas com outros tons mais claros que combinam com essas primeiras. O jornal possui cor em todas as suas páginas.

Na parte interna, são privilegiados textos curtos. No caso da matéria exigir um espaço maior, ela é dividida em vários subtítulos para não deixa o co-enunciador cansado ou desinteressado da leitura. São também utilizados muitos quadros e infográficos, boas fotos (não muitas, com preferência para uma grande e outra menor) e uma diversidade de elementos que chamam a atenção: “uma cartola pra linha de apoio, uma linha de apoio, o título, um olho, um destaque, um intertítulo, uma cartola de legenda, uma legenda”. Isso porque, conforme a editora, são várias as portas de entrada para a leitura, o que também proporciona uma maior compreensão do que a matéria trata.

³¹ É importante destacar que, na pesquisa, no ano selecionado para a análise das matérias, 2008, ainda havia notícias presentes na contracapa.

³² Segundo Andréia Fontana, em função dos times gaúchos de futebol Grêmio (azul) e Internacional (vermelho).

CAPÍTULO III

CAMPO DE ANÁLISE

A partir das observações e informações coletadas nos tópicos anteriores, pode-se agora seguir para a avaliação do material de pesquisa. Este capítulo destina-se à análise das matérias sobre os catadores nos jornais *A Razão* e *Diário de Santa Maria*, buscando conhecer o modo como a mídia constrói a identidade desses trabalhadores.

Para facilitar a estruturação, o texto apresenta-se segmentado em três partes: a primeira destinada a esclarecer os procedimentos metodológicos, ou seja, a coleta, a seleção e a organização do *corpus* de pesquisa dos jornais. A segunda parte destina-se a explicitar o tipo de pesquisa desenvolvida e a repassar brevemente os conceitos que servirão de base para a análise. Por fim, a análise propriamente dita.

Não se furtou adotar, ainda que parcialmente, uma pesquisa de caráter crítico e de análise de discurso, entendendo essa prática como a interpretação pontual de cada evento/fenômeno, relacionando e associando os fatos no decorrer dos acontecimentos e da pesquisa às práticas discursivas, de um lado, e aos processos sociais mais complexos, de outro. Dessa maneira concorda-se com a definição do discurso como parte de um todo social, não cabendo ao pesquisador apenas analisar o texto e/ou as palavras, mas a sua relação com os acontecimentos contemporâneos e o meio (institucional/social) que influenciou o seu registro.

3.1 Coleta, seleção e organização do *corpus* de pesquisa

Com o objetivo de conhecer o modo como a mídia constrói a identidade do sujeito catador, direciona-se o foco para a construção e organização do *corpus* de pesquisa. O primeiro passo foi escolher o objeto empírico, através da seleção dos dois jornais locais, *A Razão* e *Diário de Santa Maria*. Não se poderia falar de mídia impressa trabalhando apenas um deles, correr-se-ia o risco de tornar o trabalho tendencioso. A opção de utilizar ambos os jornais também possibilita observar se eles constroem uma imagem parecida sobre os catadores ou se distinguem-se completamente na referência a esse segmento social.

Parte-se, então, para a busca do *corpus* de pesquisa. Para isso foi realizada uma visita às redações dos jornais com o objetivo de conhecer seus arquivos e acervos e, assim, obter

acesso às suas edições. No Diário de Santa Maria, propriedade do Grupo RBS (Rede Brasil-Sul), há um instrumento de busca digital, o programa NXT3³³, o qual permite realizar pesquisas em todos os jornais pertencentes à RBS. Por meio da pesquisa booleana seleciona-se o jornal escolhido, as palavras-chave e o período.

Em *A Razão*, a pesquisa ocorreu de maneira diversa. O jornal possui um acervo impresso com os seus exemplares desde o ano de 1934. Para facilitar e agilizar a busca por matérias sobre os catadores, o técnico em informática, João Cledimar Dias Teixeira informou que poderia fornecer todas as edições do jornal correspondentes ao ano da pesquisa, separadas por mês e salvas em CD. A partir disso, como todas as edições estavam em formato de arquivo PDF³⁴, foi possível pesquisar, também, por palavras-chave.

As visitas nas redações dos jornais mostraram que, para ter acesso às matérias jornalísticas sobre os catadores, precisava-se estabelecer o período de tempo da pesquisa e a palavra-chave. Assim, optou-se pelo ano de 2008 e pela palavra *catador*. O próximo passo foi voltar às redações, salvar e imprimir todas as matérias que dentro desse período se referiam a esses trabalhadores.

Através dessa seleção inicial, obteve-se um material extenso e diversificado, com notas, colunas sociais, reportagens, seções, manchetes, matérias de contracapa, etc. Era necessário reduzi-lo. Como tinha-se o objetivo de analisar as imagens, decidiu-se por selecionar apenas as matérias jornalísticas que possuíssem fotos relacionadas aos catadores³⁵. Esse procedimento diminuiu consideravelmente a quantidade de matérias, pois a grande maioria delas possuía fotos, entretanto não sobre os catadores.

Por fim, adotou-se mais um critério de seleção: descartar imagens que não tivessem componentes vivos³⁶. Ou seja, fotos apenas sobre casas ou cooperativas de catadores, sem a presença humana deles, foram rejeitadas para a análise.

³³ Segundo Igor Muller, repórter do Diário de Santa Maria que auxiliou na pesquisa, o NXT3 “é um programa desenvolvido para o Grupo RBS onde constam todos os jornais do Grupo digitalizados em PDF, facilitando a pesquisa interna e externa. Há pelo menos um arquivo por dia de cada jornal desde a data de sua fundação”. Informação recebida por email, no dia 25 de fevereiro de 2010.

³⁴ “PDF é um formato portátil para documentos (Portable Document Format) desenvolvido por Adobe Systems e muito usado na Internet devido a sua versatilidade, facilidade de uso e tamanho pequeno”. Informação retirada de <http://www.criarweb.com/>. Acesso em 14 de outubro de 2009.

³⁵ Compreendeu-se que as pessoas presentes nas imagens eram catadores através da legenda das fotos ou da menção no texto.

³⁶ Conforme Ivan Lima (1988) os componentes são, na escrita icônica, o que as palavras são na escrita alfabética. O autor divide esses componentes em: *vivos* – humanos e animais; *móveis* – fenômenos e elementos naturais; e *fixos* – objetos de toda forma.

Dessa forma, totalizaram-se 29 matérias jornalísticas referentes aos catadores, sendo 15 do jornal A Razão e 14 do jornal Diário de Santa Maria. Todas as matérias possuem referências aos catadores no corpo do texto, bem como fotos relativas a eles.

A partir do *corpus* selecionado, passou-se a escolha dos elementos que seriam analisados no texto verbal e no texto icônico. No primeiro, foram observados as manchetes e chamadas de capa, bem como os títulos e subtítulos, as legendas e o corpo dos textos. No que concerne ao texto icônico analisou-se apenas as fotografias, descartando outros elementos da iconicidade, tais como infográficos e mapas. A seguir, define-se a metodologia empregada para analisar o texto e as imagens.

3.2 Metodologia

3.2.1 Categoria de análise do texto verbal

3.2.1.1. *O discurso e o sujeito*

Para Maingueneau (1998, p. 43, grifo nosso), o termo discurso, em sua acepção mais ampla, “designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados”. A atividade que esses sujeitos realizam é a enunciação, ou seja, “a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE *apud* MAINGUENEAU, 1998, p. 52).

À enunciação contrapõe-se e se diferencia o enunciado, sendo este concebido como o produto da enunciação. Ou seja, a enunciação é o trabalho de fazer a língua funcionar e resulta no enunciado³⁷.

O discurso apresenta algumas características essenciais à sua existência, tais como: *o discurso é orientado*, pois se desenvolve de maneira linear no tempo e se constrói em função de uma finalidade, mas, certamente, ele pode se desviar do seu curso, mudar de direção, retomar a direção inicial; *o discurso é interativo*, isso significa que a atividade verbal é uma interação entre dois parceiros, não importando se ela é feita através da interação oral ou da escrita; *o discurso é contextualizado*, pois não há discurso senão em um contexto: não se pode

³⁷ Nesta pesquisa, utilizaremos basicamente o termo *enunciado* para nos referirmos a parte escrita das matérias jornalísticas. Isso em função de que é desta maneira que Maingueneau (2005) refere-se aos seus exemplos no livro “*Análise de textos em comunicação*”, livro que tomamos como base para a análise. Frisamos, também, que utilizamos a palavra *texto* indiferentemente em relação a *enunciado*.

atribuir sentido a um enunciado descontextualizado, bem como um mesmo enunciado ocorrido em lugares diversos corresponde a dois discursos distintos (MAINGUENEAU, 2005).

Uma outra característica básicas do discurso é a *presença do sujeito*. Todo discurso possui um responsável, alguém que se coloca como fonte do que é dito. Para Maingueneau (1998, p. 55), “o discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz e em relação ao seu co-enunciador”. É através da noção de sujeito que se pode identificar o lugar e a posição do sujeito falante ou autor empírico em relação a sua atividade linguageira (MAINGUENEAU, 2006).

Então, o sujeito quando fala, fala de um contexto específico, marcado espacial e temporalmente:

Sua fala é recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, [...], o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo) (BRANDÃO, 1995, p. 49).

Assim, observa-se que o sujeito é dividido, cindido, descentrado, pois o Outro faz parte da sua constituição. Essa heterogeneidade manifesta-se “na própria superfície discursiva através da materialidade lingüística do texto, de formas marcadas que vão das mais explícitas às mais implícitas, das mais simples às mais complexas” (BRANDÃO, 1995, p. 50). As formas marcadas da heterogeneidade são aquelas que distinguem a presença do outro por meio de recursos como discurso relatado, aspas, modalização autonímica, comentários, alusão a outros discursos, citação, negação, ironia, provérbios, etc.

Nessa pesquisa, iremos analisar apenas a utilização do discurso direto, indireto e indireto livre, bem como o uso das aspas pelos jornais estudados. Buscamos, através destes elementos da heterogeneidade mostrada, analisar os recursos de aproximação e de afastamento por parte dos enunciadores – de A Razão e do Diário de Santa Maria – no que tange à fala dos catadores. Isso permite que possamos identificar: a) como cada jornal constrói a imagem do catador, por exemplo, através da escolha dos verbos introdutórios e da maneira como se oferece voz aos catadores, pelo uso do DD, DI, e DIL, avaliando, através disso, a importância e relevância que AR e DSM proporcionam à enunciação destes trabalhadores; b) permite, também, analisar as similitudes e as diferenças na abordagem de cada jornal sobre os catadores. Por exemplo, pode-se constatar que o DSM utiliza mais o DD, enquanto AR dá

preferência ao DIL. Nesse caso, observamos que o primeiro enunciador busca se isentar do dito do catador, enquanto o outro assimila a fala e o ponto de vista do catador na sua enunciação. A seguir, a definição do conceito de heterogeneidade discursiva e dos elementos que iremos utilizar na análise – DD, DI, DIL e aspas.

3.2.1.2 A heterogeneidade discursiva

O sujeito e o discurso não são homogêneos, eles são constituídos pela presença do outro, pela inscrição, em seu interior, daquilo que está de fora. Esse processo é definido como heterogeneidade e possui diversas formas de se manifestar num texto, como, por exemplo, através de imagens, gráficos, mapas, tabelas, etc. Entretanto, uma das formas privilegiadas nas quais ela se apresenta é a partir da *heterogeneidade mostrada* e da *heterogeneidade constitutiva*.

A heterogeneidade constitutiva determina que o discurso é sempre dominado pelo interdiscurso. “Assim, o discurso não é apenas um espaço onde vem se introduzir o discurso do outro, ele é constituído através de um debate com a alteridade, independentemente de toda essa marca visível de citação, alusão, etc” (MAINGUENEAU, 1998, p. 79). Ou seja, todo discurso é tecido a partir de outros discursos, anteriores, contemporâneos e mesmo apontam para discursos posteriores. Nessa pesquisa, deter-nos-emos apenas na outra forma da heterogeneidade – a mostrada.

A heterogeneidade mostrada “incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação” (MAINGUENEAU, 1997, p.75). Ela é expressa através de *formas marcadas*, assinaladas de maneira unívoca, como é o caso de discurso direto e indireto, modalização autonímica, aspas, itálico, provérbios; e de *formas não marcadas*, apresentadas pelo discurso indireto livre, ironia, negação.

A heterogeneidade mostrada é utilizada pelo enunciador³⁸ para estabelecer uma fronteira, um afastamento entre a sua fala e a de um outro. Dessa forma, ele deixa falar na sua voz, alguém mais experiente ou conhecedor do assunto – a fala da autoridade – ou uma voz com a qual não quer se identificar, pois esta expõe um dito pelo qual não deseja que lhe seja imputada a responsabilidade.

³⁸ Utiliza-se, aqui, como base, principalmente, o livro “Análise de textos de comunicação”, de Maingueneau (2005). Nesse livro ele refere-se a *enunciador* e não a locutor, por isso fala-se sempre em enunciador. Em relação ao destinatário, será referido, também como no livro de Maingueneau, de co-enunciador ou leitor.

No caso do discurso jornalístico a fala do outro é marcada de maneira bem evidente. O enunciador coloca a fonte, a autoridade, a testemunha, a vítima a falar sobre o que presenciou ou sobre o assunto que domina, muitas vezes, através de citações, discurso direto e indireto, aspas. Isso confere um efeito de realidade, bem como de objetividade ao texto jornalístico.

A seguir, destacam-se algumas particularidades das formas mais usuais da heterogeneidade marcada e que servirão de base para a análise:

Polifonia

O sujeito que se manifesta como *eu* no discurso, geralmente é o mesmo que se responsabiliza pelo que está dito nele. À essa noção de responsabilidade associam-se duas operações: situar-se como fonte das *referências da situação de enunciação*, e se posicionar como o *responsável pela fala* (MAINGUENEAU, 2005).

Assim, no enunciado: ‘Eu vi você ontem com o presidente’, o enunciador é aquele em relação ao qual se definem os parâmetros da situação de enunciação: a presença do ‘eu’ indica que o sujeito da frase coincide com o enunciador; o ‘você’ refere-se ao co-enunciador selecionado pelo enunciador e o ‘presidente’ refere-se a alguém excluído da dupla de co-enunciadores; o passado dos verbos indica que a asserção se refere a um tempo anterior à enunciação. A isso acrescenta-se a dimensão modal, pela qual o enunciador se responsabiliza por esse ato de asserção (MAINGUENEAU, 2005, p. 137).

Entretanto, essa dupla equivalência nem sempre acontece. Por exemplo, na presença de discurso direto, o enunciador não se compromete com o dito, pois ele atribui a responsabilidade ao outro, bem como também não é a fonte de referência enunciativa, pois os emblemas são os do discurso citado. Esse fenômeno é identificado como polifonia e se refere às diferentes vozes que podem ser percebidas simultaneamente num discurso³⁹.

Neste trabalho, trataremos da polifonia através do discurso direto, indireto e indireto livre e das aspas, em que observamos, especialmente, as vozes dos catadores na enunciação jornalística de *A Razão* e do *Diário de Santa Maria*.

³⁹ É importante destacar que na análise de discurso existem dois níveis de definição de vozes. No primeiro, há três instâncias de sujeitos inscritos em um discurso: o locutor, o alocutário e o delocutário. O locutor é aquele que fala, não apenas o sujeito da enunciação, mas todos aqueles que ele coloca falar através da sua voz, especialmente através do DD e do DI. O alocutário é o interlocutor, o sujeito para quem se destina o texto e o delocutário é o sujeito de quem se fala (MACHADO, 2006). O outro nível de polifonia na análise de discurso é o que envolve a distinção entre locutor e enunciador. O locutor é o sujeito que fala e que se identifica como responsável pelo enunciado. O enunciador é “a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos” (DUCROT *apud* MACHADO, 2006, p. 08). Em nossa pesquisa, ficaremos apenas com o primeiro nível de identificação das vozes.

Discurso Direto (DD)

O discurso direto restitui as falas citadas, diferenciando, assim, a fala do enunciador e da fonte e gerando duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado. Dessa forma, o enunciador não se compromete com o que está sendo dito, deixando a responsabilidade à fonte e estabelecendo uma fronteira clara entre o que é seu discurso e o que é do outro.

Um discurso sempre é relacionado a embreagem enunciativa, ou seja, ao momento em que ele foi produzido, ao ambiente físico da sua enunciação e ao enunciador e co-enunciador. Quando se muda o ambiente, os embreantes não são mais compreensíveis sem a explicação do discurso citante, pois a ele cabe definir e esclarecer a referência dos embreantes do discurso citado (MAINGUENEAU, 2005). Por exemplo, quando um jornal narra uma história, utilizando em determinado trecho da narrativa o DD, ele muda a relação de co-enunciadores do discurso citado, podendo passá-los a condição de não-pessoa ou referente.

O DD é usado, geralmente, com três finalidades: *criar autenticidade*, em decorrência do uso das palavras exatas proferidas por uma fonte; *distanciar-se*, seja pelo fato do enunciador não concordar com o dito e, por isso, busca deixar claro que aquilo é proferido por outro, ou ainda por desejar mostrar a sua “adesão respeitosa ao dito” diferenciando as suas palavras daquelas enunciadas por uma autoridade; *mostrar-se objetivo*, deixando as fontes falar e se ocultando sob elas (MAINGUENEAU, 2005, p. 142).

Entretanto, é importante destacar que o uso do DD pode até gerar um efeito de objetividade, em função do enunciador se distanciar do texto e colocar uma fonte a falar em seu lugar, deixando a ela toda a responsabilidade por determinado dito. Mas é preciso lembrar que é o enunciador que escolhe a fonte que será citada, bem como o trecho da citação e o enfoque dado a ela:

Como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O DD não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal (MAINGUENEAU, 2005, p. 141).

A escolha de verbos introdutórios do discurso direto são algumas das maneiras de se condicionar a interpretação e ofertar determinados - e não outros - sentidos em relação ao discurso citado. Esses verbos nem sempre são colocados antes da citação, podem estar também intercalados no interior do discurso direto, bem como virem ao final do mesmo.

Marcushi (1991) estuda a interferência dos verbos introdutores de opinião no discurso jornalístico impresso. A mídia, ao reproduzir a fala de outrem, não produz um discurso neutro, pois utiliza “uma nova seleção de termos”, bem como “outra construção sintática” que difere das do autor e, dessa forma, “não impede a possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado” (MARCUSHI, 1991, p. 75). Para analisar isso, o autor detém-se no estudo dos verbos que introduzem opiniões, pois acredita que o discurso jornalístico ao citar o pensamento de alguém não apenas produz informação, mas gera também uma tomada de posição, uma interpretação sobre a enunciação do outro. Dessa forma,

Ao se informar a opinião de alguém é possível levá-lo a dizer algo que não disse. Esta manipulação sutil, feita com recurso de um verbo, é o que caracterizamos como *interpretação implícita*. Muitas vezes alguém apenas levantou uma hipótese e o redator já nos faz ver uma declaração; outras vezes um político expressa uma opinião mais dura e o redator transforma aquilo em uma ameaça; em outros casos alguém faz uma ressalva e o redator nos faz ver uma ênfase (MARCUSHI, 1991, p. 79, grifo nosso).

O autor discriminou dois tipos de discurso nos quais os verbos entram em ação: o discurso do poder e o discurso de populares. O primeiro subdivide-se em *discurso oficial*, enunciações provindas do governo, representado pelos três poderes constituídos (Executivo, Legislativo e Judiciário); *discurso para-oficial*, opiniões do Clero, dos setores da Indústria, Comércio, Autoridades Universitárias ou Instituições Governamentais, e *discurso da oposição*, declarações dos partidos de oposição ao Governo. O discurso dos populares envolve as enunciações feitas por pessoas anônimas.

A partir do estudo destes discursos, Marcushi (1991, p. 89) classificou os verbos introdutores de opinião pela função organizadora que exercem em:

- 1) verbos indicadores de posições oficiais e afirmações positivas: declarar, afirmar, comunicar, anunciar, informar, confirmar, assegurar;
- 2) verbos indicadores de força de argumento: frisar, ressaltar, sublinhar, acentuar, enfatizar, destacar, garantir;
- 3) verbos indicadores de emocionalidade circunstancial: desabafar, gritar, vociferar, esbravejar, apelar, ironizar;
- 4) verbos indicadores de provisoriedade do argumento: achar, julgar, acreditar, pensar, imaginar;
- 5) verbos organizadores de um momento argumentativo no conjunto de um discurso: iniciar, prosseguir, introduzir, concluir, inferir, acrescentar, continuar, finalizar, explicar;

6) verbos indicadores de retomadas opositivas, organizadores dos aspectos conflituosos: comentar, reiterar, reafirmar, negar, discordar, temer, admitir, apartear, revidar, retrucar, responder, indagar, defender, reconhecer, reconsiderar, reagir;

7) verbos interpretativos do carácter ilocutivo do discurso referido: aconselhar, criticar, advertir, enaltecer, elogiar, prometer, condenar, censurar, desaprovar, incentivar, sugerir, exortar, admoestar.

Dessa maneira, a escolha do verbo que introduz o discurso direto orienta a interpretação, trazendo à tona sentidos que poderiam ser outros, caso o verbo introdutor utilizado fosse substituído por outro. Podemos exemplificar isso na citação abaixo, observando as diferenças decorrentes desta mudança:

1) *“Ficamos muito orgulhosos de poder ajudar uma criança a nascer — diz Vanderlei Pereira da Silva, o soldado Pereira”*⁴⁰

2) *“Ficamos muito orgulhosos de poder ajudar uma criança a nascer — festeja Vanderlei Pereira da Silva, o soldado Pereira”*

O verbo *dizer*, no primeiro caso, apenas identifica a quem pertence a fala em questão - ao soldado Pereira. No segundo exemplo, observamos que há um enfoque na demonstração do sentimento do soldado referente ao acontecido, ou seja, identifica-se que o seu estado de espírito era de alegria, entusiasmo por auxiliar no nascimento de uma criança. Esse exemplo deixa aflorar a subjetividade do soldado, enquanto que o primeiro apenas indica a sua fala.

Discurso Indireto (DI)

O DD produz o efeito de objetividade, em função de se distanciar do dito por colocar um outro enunciador, uma fonte, uma autoridade a falar, separando bem as duas situações de enunciação. Mas é relevante enfatizar que, na verdade, o DD não é mais objetivo que o DI, são apenas estratégias discursivas diferentes para trazer à enunciação outras falas, outros personagens que possam contribuir para atrair e “convencer” o leitor/co-enunciador sobre o assunto em questão.

O discurso indireto caracteriza-se por traduzir as ideias, o conteúdo do pensamento de alguém, sem utilizar, entretanto, as palavras proferidas. Ele possui apenas uma situação de enunciação, em que os embreantes do discurso são definidos sempre em relação ao discurso citante. Da mesma forma, as avaliações, representações e qualificações presentes no DI passam a ser as do discurso citante. Maingueneau (2005, p. 151) exemplifica isso através da

⁴⁰ Trecho do discurso direto do soldado Vanderlei, presente na matéria jornalística *“Jovem dá à luz dentro de ambulância dos bombeiros”*. Foi retirado do jornal Diário de Santa Maria na edição do dia 23/02/10, p. 06.

frase “Paulo me disse que aquele imbecil do Júlio tinha chegado”, em que a responsabilidade por “imbecil do Júlio” acaba sendo imputada ao enunciador e não a Paulo. Mas, certamente, Paulo pode compartilhar desta opinião.

Aspas

A utilização das aspas é interessante, em função de que permite a identificação do termo sobre o qual o enunciador deseja chamar a atenção, pois este termo está marcado tipograficamente, destacando-se, por isso, do restante do texto. Entretanto, as aspas não rompem a ordem da sintaxe, elas permitem que o elemento que está indicado seja, ao mesmo tempo, mostrado, marcado como estranho e integrado ao enunciado (MAINGUENEAU, 1997, grifo do autor).

Resta ao leitor ou ao co-enunciador descobrir e identificar o motivo pelo qual o enunciador está aspeando determinada palavra. Certamente que através dessa “descoberta” a ser realizada pelo leitor, o enunciador abre inúmeras possibilidades interpretativas ou, como diria Maingueneau (2005, p. 161), abre brechas em seu próprio discurso.

O significado da utilização das aspas está relacionado, em geral, a retirada de uma palavra de um campo semântico específico e a sua agregação em outro campo semântico. Dessa forma, a palavra em questão pode ficar deslocada, inadequada naquele espaço discursivo, o que permite que, ao colocá-la entre aspas, o enunciador declare o seu desajuste àquele contexto. Isso ocorre quando o enunciador retira da fala de uma fonte ou um personagem termos, expressões ou mesmo toda uma frase, apropria-se deles e passa a utilizá-los no seu discurso sem, porém, desejar ficar com a responsabilidade por aquelas falas. As aspas servem, então, para indicar que o enunciador não assume essa fala, mas a transfere a outrem.

Um ponto importante a ser destacado no que concebe a colocação de aspas é a necessidade de “uma convivência mínima entre o enunciador e o leitor”. O primeiro utiliza as aspas, consciente ou inconscientemente, a partir da representação que ele faz de seus leitores e, portanto, “colocará aspas onde presume que é isso o que se espera dele. Por seu lado, o leitor deve construir uma determinada representação do universo ideológico do enunciador para conseguir ter sucesso na interpretação pretendida” (MAINGUENEAU, 2005, p. 163).

Porém, o enunciador pode também não utilizar as aspas em palavras nas quais se esperaria que ele as colocasse. Isso demonstra uma estrutura aberta a diferentes linguagens, um *ethos* livre de qualquer preconceito e que as palavras em questão, sem nenhuma marcação tipográfica, são conhecidas e naturalizadas no diálogo dos leitores. Na verdade, esse leitor é

idealizado pelo enunciador e, por isso, nem sempre corresponde ao leitor real, o qual pode não estar familiarizado, nem reconhecer o uso das palavras sem aspas (MAINGUENEAU, 2005, p. 90).

Discurso Indireto Livre (DIL)

O discurso indireto livre é uma mistura de duas vozes presentes no mesmo enunciado. Ocorre quando o sujeito do discurso apropria-se de palavras e expressões de um outro e as entrelaça com as suas, impedindo que haja clareza e perfeita identificação sobre as palavras que pertencem ao enunciador citado e sobre as palavras que pertencem ao enunciador citante. Para facilitar a explicação sobre o DIL, usaremos o exemplo que Brandão (1995, p. 61) retirou do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos:

*“Fabiano meteu os olhos pela grade da rua
Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara”*

Podemos observar que *“Chi! que pretume!”* deixa claro a existência de mais de uma voz presente no enunciado. Além da fala do enunciador, parece haver também a perspectiva de Fabiano, pois o segmento em questão parece ser dito por ele. Entretanto, o enunciador não o coloca em discurso direto ou indireto, nem mesmo entre aspas para diferenciá-lo da sua própria fala. Dessa forma, torna-se ambíguo, podendo pertencer tanto a um quanto ao outro ou, ainda, como sendo comum aos dois.

Uma característica do DIL que fica evidente no enunciado acima é a discordância entre a maneira de falar do enunciador e o que Maingueneau (2005, p. 153) define como “a construção oral de registro familiar”, identificada aqui por *“Chi! Que pretume!”*. É justamente essa discordância que nos leva a desconfiar da existência de discurso indireto livre.

Torna-se importante declarar que o enunciador, ao utilizar o DIL, produz um efeito de proximidade com o ponto de vista da outra voz que também está na enunciação. Ele se apropria de termos e expressões usados pelo outro e não deixa claro que está subtraindo esses trechos de uma fonte e os trazendo para a sua enunciação. As palavras que são trazidas poderiam perfeitamente estar entre aspas ou marcadas como discurso direto ou indireto, pois esses recursos demonstrariam um afastamento entre o enunciador e as palavras da fonte. Mas ao não realizar isso, ele parece partilhar do ponto de vista do outro.

Esses são os recursos que serão utilizados para a análise dos textos. Passa-se, agora, para os elementos que serão usados na apreciação das fotografias.

3.2.2 Categorias de análise do texto icônico

3.2.2.1 *A leitura da fotografia*

Ivan Lima (1998) declara que a leitura da escrita é uma ação linear e unidimensional. Na cultura anglo-saxônica a trajetória seguida pelos olhos é no sentido horizontal, direcionando-se da esquerda para a direita. Mas, ao contrário, a leitura de uma fotografia segue a trajetória bidimensional e prospectiva. Ela acontece em função dos componentes que existem dentro da imagem.

Para o autor, a leitura de uma foto ocorre em três fases: percepção, identificação e interpretação. A primeira delas é somente ótica, os olhos percebem as formas os elementos mais atrativos na foto e ocorre num espaço de tempo muito curto. A identificação é, por vezes, ótica, por vezes, mental. É o momento em que o leitor identifica os componentes presentes na foto e os registra mentalmente. Por fim, temos a leitura interpretativa, puramente mental. Esta fase demonstra o caráter polissêmico da imagem, isto é, as várias interpretações que ela permite. As pessoas pertencentes ao mesmo espaço sócio-cultural tendem a ter interpretações parecidas, entretanto isso varia conforme a idade, o sexo, a profissão.

Uma das primeiras compreensões necessárias para se poder *ler* imagens é a hierarquia dos componentes. Os componentes são os elementos presentes na fotografia e podem ser classificados em:

- 1) Componentes vivos – os humanos e os animais;
- 2) Componentes móveis – fenômenos e elementos da natureza;
- 3) Componentes fixos – todos os tipos de objetos

A hierarquia na qual se estabelecem é a predominância dos componentes vivos sobre os demais. Na falta destes, os componentes móveis dominam os fixos. Essa hierarquia, muitas vezes, não está representada na foto, é a leitura do co-enunciador que vai permitir identificá-la. Porém, há duas exceções no que concerne à hierarquia. A primeira delas refere-se a possibilidade de um componente vivo ocupar um espaço muito pequeno na imagem, isso faz com que objetos ou componentes móveis possam ficar mais evidentes que ele. A outra situação que contraria a hierarquia é quando o componente fixo possui alguma peculiaridade que chama a atenção e se destaca em relação ao componente vivo.

No que se refere a fotografia de imprensa é importante destacar que ela é predominantemente informativa. Isso gera a necessidade de deixar à vista todos os elementos que são fundamentais para a compreensão dos fatos ou eventos. É preciso que fique claro ao leitor o que está acontecendo, quem são os personagens envolvidos e o lugar em que ocorre. Para isso, o fotógrafo deve se guiar na seguinte relação: SUJEITO – CIRCUNSTÂNCIA – AMBIENTE (LIMA, 1998).

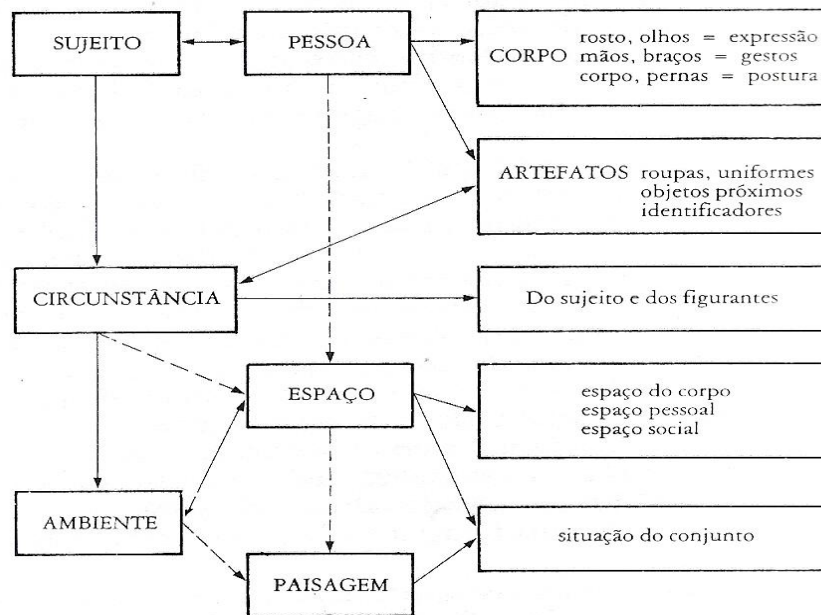


Figura 02 – Gráfico da hierarquia da fotografia da imprensa
 Fonte: LIMA, Ivan. (1998)

Conforme Lima (1998, p. 26), “o gráfico estabelece a hierarquia para a fotografia (no centro) e a predominância para a fotografia de imprensa (à esquerda), estando à direita os complementos”. Essa estrutura pode ser utilizada quando o homem é “o elemento principal e desencadeador da informação ou da imagem”.

Para que se possa analisar o sujeito, as circunstâncias e o ambiente é preciso entender as informações do *corpo*, dos *artefatos* presentes na cena e do *espaço*, respectivamente. Abaixo, estabelece-se algumas particularidades para o estudo desses três elementos:

➤ O Corpo

O corpo, nas comunicações não-verbais, é estudado a partir da expressão, dos gestos e da postura. A expressão do rosto tem a ver com as modificações nas regiões da testa, sobrancelhas, pálpebras, nariz, olhos e boca. E através dessas modificações, pode-se observar

sete tipos principais de emoções: alegria, tristeza, surpresa, medo, cólera, desgosto ou desprezo e interesse.

Os olhos são a parte mais significativa do rosto. Podem indicar até a hierarquia entre as pessoas, pois enquanto fala, uma pessoa olha menos o seu interlocutor do que quando escuta. Da mesma forma, quando pessoas de diferentes níveis sociais são confrontadas, “o sujeito de categoria inferior” olha mais para o seu interlocutor. E este mesmo sujeito tende a olhar mais quando escuta do que quando fala. O mesmo não acontece com o “sujeito de estatuto superior”, que olha mais para o outro quando fala do que quando escuta (CORRAZE *apud* LIMA, 1998, p. 108).

O olhar pode também demonstrar a relação entre as pessoas que estão em determinado ambiente. Por exemplo, numa sala de espera, os olhares recíprocos são muito poucos. De outra forma, às vezes, para se entender a expressão de alguém numa imagem é preciso contrapô-la com a de outros personagens que estão no mesmo espaço.

A expressão do olhar e do rosto é fundamental para o significado da fotografia, pois elas transmitem os sentimentos, as relações e o contexto em que se encontram os personagens.

Os gestos são outra fonte de significado para a “leitura” das fotografias. Eles podem demonstrar muito sobre as emoções das pessoas e até mesmo sobre a origem étnica das mesmas. No geral, estão relacionados à fala, reforçando ou mesmo mostrando o que se diz.

A gesticulação identifica também os emblemas de uma cultura. “Emblema é um movimento corporal que possui um significado pré-estabelecido, como o dedão levantado que pede carona ou o indicador que passa pela garganta para indicar morte” (DAVIS *apud* LIMA, 1998, p. 111). Dessa forma, esses sinais podem ser reconhecidos por todos que observam a foto e pertencem ao mesmo meio social.

A gesticulação permite identificar as relações entre os componentes vivos da foto, pois se estão abraçados indicam uma relação de amizade, se apertam as mãos podem demonstrar um acerto de contas, um acordo, se alguém está com os braços cruzados pode representar uma atitude introspectiva, reservada, assim podemos perceber as afinidades, distâncias, contrariedades entre as pessoas presentes numa imagem fotográfica.

A postura do corpo depende da orientação das pernas e pés. Ela demonstra as intenções de aproximação, acolhida, desafio, rejeição, ameaça, ou seja, ela modula o grau de intimidade (CORRAZE *apud* LIMA, 1998, p. 112). Na fotografia, é preciso observar a orientação de um dos membros do corpo em relação a todo o resto, bem como a direção do corpo do personagem principal da cena em relação aos outras pessoas presentes.

Pode-se determinar a existência de quatro posturas fundamentais:

as atitudes *de aproximação*, na qual o corpo está inclinado para frente; as atitudes *de rejeição, de recusa ou de repulsão*, na qual o corpo se afasta do outro; as atitudes *de expansão, de orgulho, de arrogância ou de desdém*, na qual a cabeça, o tronco e os membros se encontram estendidos e as atitudes *de contração, depressão ou abatimento*, na qual a cabeça se acha curvada sobre o tronco e os ombros caído (CORRAZE *apud* LIMA, 1998, p. 113, grifo nosso).

➤ Os Artefatos

Os artefatos são compostos, basicamente, pelas roupas e pelos objetos próximos identificadores dos componentes vivos da foto. Eles ajudam a perceber as características culturais, pessoais, identificar a época, a etnia, o estilo de um sujeito ou de um grupo determinado. As roupas mostram a situação, a posição social, o evento no qual as pessoas se encontram.

➤ O Espaço

O espaço divide-se em:

- a) O espaço íntimo ou o espaço do corpo – dividido em espaço interno, situado sob a pele; proximal, superfície da pele; axial, referente a extensão dos braços e das pernas;
- b) O espaço pessoal – referente ao espaço da pessoa em relação a outra pessoa;
- c) O espaço social – referente ao espaço da pessoa em relação a outras pessoas;
- d) O espaço público – espaço físico onde se encontram as pessoas, correspondente a paisagem.

3.2.2.2 Elementos da composição das imagens

Para que se possa estudar e compreender uma fotografia é preciso conhecer alguns elementos da sua composição, os quais são fundamentais para que ela produza sentidos. Neste trabalho, são analisados os *componentes vivos, fixos e móveis, o formato, o ponto e a linha*⁴¹.

➤ A hierarquia entre componentes vivos, fixos e móveis.

Passa-se, então, a compreensão desses elementos. A relação entre os componentes vivos, fixos e móveis, como dito acima, refere-se à hierarquia entre eles na imagem. O

⁴¹ Não se analisa o elemento *cor* em função de que ele não está presente em todas as fotos do *corpus*, pois as imagens do jornal A Razão muitas vezes são pretas e brancas. Entretanto, nas fotos coloridas e nas quais as tonalidades afetavam a compreensão da leitura da imagem, a cor também foi analisada.

comum é que os primeiros, pessoas e animais, sobressaiam-se em relação aos demais, porém nem sempre isso acontece, naqueles dois casos citados anteriormente – quando o elemento vivo ocupa um espaço reduzido na foto ou quando o componente fixo atrai a atenção devido a algo excepcional – os objetos passam a ser mais relevantes na cena.

A disposição dos componentes numa imagem é o que permite que se possa compreender o que está acontecendo, quem ou o que possui maior destaque e a importância dos objetos e fenômenos naturais para a presença do homem – quando este é o enfoque principal.

➤ *O formato*

O formato representa a forma geométrica da imagem. O mais utilizado é o retângulo, que pode estar posicionado no sentido horizontal e, assim, nos dar a “impressão de repouso, de profundidade e de frieza”; ou então no sentido vertical e, ao contrário, nos trazer a sensação “de ação, de proximidade e de calor”. Assim também o formato horizontal estreito nos dá “a impressão de calma e repouso, enquanto o vertical acentua a impressão de altura e de ação”. O quadrado é “a forma geométrica do equilíbrio absoluto”, exige uma definição precisa do espaço, o que faz com que poucos assuntos possam se adaptar (LIMA, 1998, p. 53).

Dessa forma, uma imagem num formato de retângulo horizontal busca distanciar o co-enunciador da foto, oferecendo uma sensação de formalidade, bem como fazendo a cena parecer estagnada, sem movimento. Já uma imagem num formato de retângulo vertical busca uma aproximação do leitor com a imagem, é como se desejasse envolvê-lo com os fatos e, principalmente, com as emoções que estão presentes na cena.

➤ *O ponto*

O ponto é a primeira marca a ser observada numa imagem, é ali que os olhos chegam primeiro, só depois partindo para o restante da foto. Quando existem dois pontos de igual importância colocados um ao lado do outro ou um sobre o outro, o olho realiza um movimento de vaivém.

Há uma particularidade no que se refere aos pontos na imagem em formato retangular. Os pontos que estiverem enquadrados na divisão áurea sempre serão as marcas mais evidenciadas em fotografias no formato retangular. Esse retângulo é chamado de retângulo áureo “por propiciar, como nenhum outro, a harmonia e o dinamismo da

composição” (GURAN, 1999, p. 27) e suas proporções, baseada em parâmetros matemáticos, são as seguintes: 1:2, 2:3, 3:5 (LIMA, 1998).

Os pontos áureos de um retângulo estão localizados na intersecção das “linhas perpendiculares às diagonais do retângulo” (GURAN, 1999, p. 32). Dessa forma, existem quatro pontos principais:

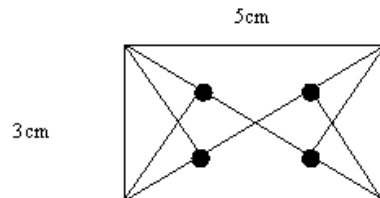


Figura 03 – Pontos áureos
Fonte: GURAN, Milton. (1999)

Assim, “quando os pontos, as linhas, as superfícies ou os personagens estão em proporção áurea, o olho pode determinar suas posições respectivas com mais facilidade” (LIMA, 1998, p. 45). Elas demonstram as áreas nobres da imagem, onde deve (m) estar o(s) elemento(s) principal (is).

➤ A linha

O último componente dessa análise é a linha. A linha reta se divide em horizontal, vertical e diagonal. A primeira corresponde à linha do homem em repouso e ela “é, portanto, uma linha fria, calma e tranqüila” (LIMA, 1998, p. 63). A linha horizontal desenhada ou fotografada numa superfície traz à mente a linha do horizonte e divide a imagem em terra e céu. Uma particularidade é importante no que se refere a essa linha: a existência de várias linhas horizontais vai precisar de linhas verticais para que a imagem possa ter equilíbrio.

A linha vertical é oposta a horizontal e, dessa forma, ela representa os elementos contrários a esta: “ela exprime a altura e não a extensão, por conseguinte, o calor e não o frio. É uma linha quente, ativa, de movimento” (LIMA, 1998, p. 63). A linha vertical não aprofunda o espaço; ela faz com que o olho seja atraído por ela, com que seja uma barreira que se destaca na imagem. Ao olhar a paisagem de um campo, por exemplo, temos a sensação de que tudo está num plano horizontal, porém, se colocarmos um sujeito em pé nesta cena, ele vai ser identificado como uma linha vertical e assim vai chamar a atenção, pois o olho se detém nessa barreira.

A linha diagonal está entre as outras duas, por isso, traz a sensação de equilíbrio entre o frio e o quente. Ela pode ser *diagonal ascendente*, a qual vai do ângulo inferior esquerdo ao ângulo superior direito, é mais harmoniosa, pois não precisa de outras linhas na horizontal ou na vertical; ou *diagonal descendente*, que vai do ângulo superior esquerdo ao ângulo inferior direito e exige um freio vertical (LIMA, 1998).

Fora da composição geométrica do plano, encontra-se a linha oblíqua. Ela confere à imagem uma sensação de desordem e, por isso, precisa de linhas horizontais ou verticais para obter o equilíbrio.

Todas as fotos analisadas possuíam componentes vivos identificados como catadores. Esse foi um dos critérios para a escolha do *corpus*. Os componentes vivos foram identificados como catadores devido à referência na legenda da foto ou no corpo do texto. Entretanto, não há apenas catadores nas imagens, em várias fotos aparecem outras pessoas junto a eles. Pode-se dizer, então, que nem todas as pessoas nas fotos são catadores, mas todas as fotos possuem catadores.

Seguindo o gráfico de Lima (Figura 01), em que ele afirma que a hierarquia da foto de imprensa possui a relação sujeito – circunstância – ambiente, passa-se a trabalhar esses três elementos nas imagens acerca dos catadores. O primeiro deles, o sujeito, será avaliado a partir dos seus complementos, tais como definidos pelo autor: *corpo* – através da expressão, dos gestos e da postura - e *artefatos* – por meio dos objetos identificadores e das roupas.

Deve-se atentar para a maneira com que cada um dos jornais apresenta o sujeito catador nas fotos. Para isso, estuda-se como eles são expostos na maioria das imagens de A Razão e Diário de Santa Maria, respectivamente. Três questionamentos conduzem essa investigação:

- Quais são as principais expressões e posturas do corpo dos sujeitos catadores demonstradas nas fotos?
- Quais são as principais atividades que eles estão realizando?
- Quais são os principais objetos que os identificam?

O segundo elemento a ser observado são as circunstâncias nas quais os catadores são vistos nas imagens e a pergunta motivadora é:

- Quais são as circunstâncias em que se encontram os sujeitos e os figurantes?

Por fim, analisa-se o ambiente em que se encontram os sujeitos catadores. O espaço possui, como referido antes, quatro subdivisões: espaço do corpo (sob a pele), espaço pessoal (da pessoa com outra pessoa), espaço social (da pessoa com outras pessoas) e espaço público (espaço físico). Desses todos, analisa-se apenas o espaço público, para identificar:

➤ Quais são os principais lugares em que os sujeitos catadores se encontram por ocasião das fotos?

Esses três elementos – sujeito, circunstância e ambiente - serão analisados nas fotos através da relação entre os componentes, do formato das imagens, da importância e localização dos pontos e das linhas.

3.3 Análise do *corpus* de pesquisa

A análise está dividida em três partes. A primeira delas destina-se a conhecer quais são os principais valores-notícia associados às matérias jornalísticas sobre os catadores na mídia impressa local. A segunda parte destina-se a apreciação do texto verbal das matérias, em que se observa os recursos de afastamento e de aproximação por parte dos enunciadores de AR e do DSM em relação às falas dos catadores. Por fim, a terceira parte volta-se para a análise das imagens, em que se observa o sujeito catador, as circunstâncias que o envolvem e o lugar em que ele se encontra na foto.

a) Valores-notícia associados aos catadores

Valores-notícia associados aos catadores nas matérias do jornal A Razão

A incidência dos valores-notícia associados às matérias que se referem aos catadores de materiais recicláveis no jornal A Razão está representada no quadro abaixo:

	ATUALIDADE	IMPORTÂNCIA	EMOÇÃO/ DRAMATICIDADE	ENTRETENIMENTO	SUSPENSE	EXCEPCIONALIDADE	CONFLITO	NEGATIVIDADE	INTERESSE PÚBLICO/SOCIAL
Jornal A Razão	10	9	6	6	0	11	1	1	12

Figura 04 – Incidência de valores-notícia nas matérias sobre os catadores no jornal A Razão

Podemos observar que os principais valores-notícia associados aos catadores são o “interesse público/social” (12), a “excepcionalidade” (11), o valor “atualidade” (10) e a “importância” (9). Em contrapartida, existe apenas uma notícia associada aos valores “conflito” e “negatividade” e nenhuma relacionada a “suspense”.

Como exemplo da incidência desses valores-notícia, podemos citar a matéria da edição do dia 02/01/08, p. 09, que conta sobre a viagem de integrantes do Projeto Esperança/Cooesperança para participar de uma feira de economia solidária no Uruguai. Entre esses integrantes, encontra-se uma catadora, a qual é entrevistada pelo jornal. Nessa notícia, percebemos os valores “atualidade”, pois a matéria data do dia anterior ao da viagem; “entretenimento”, em função da maneira como a narrativa é construída, com leveza e descontração; “excepcionalidade”, em função de ser um fato inusitado e inesperado a viagem de uma catadora ao exterior, ainda mais se considerarmos, como afirma na matéria, que é a segunda viagem internacional dela por intermédio do Projeto; por fim, percebemos o valor “interesse público/social” devido a ser um acontecimento que é de interesse da comunidade local, pois a catadora pertence a um grupo da cidade que vai a outro país representar Santa Maria.

Outro exemplo é a matéria da edição de 30/09/08, p. 07 que trata sobre uma festa surpresa organizada pelos catadores do Projeto Catando Cidadania para a Irmã Lourdes Dill. A matéria é “atual”, pois se refere ao acontecido do dia anterior; possui o valor “importância” em função da Irmã ser uma pessoa reconhecida na cidade; bem como “emoção” devido a construção da narrativa, em especial pelo enfoque dado ao carinho dos catadores para com a religiosa; e identifica-se, também o valor “excepcionalidade”, por ser uma inversão dos fatos, geralmente é a Irmã (ou o Projeto) que promove festas para os catadores e, aqui, ocorre o contrário.

Logo, podemos concluir que os valores-notícia relacionados às matérias sobre os catadores em AR demonstram um catador envolto em situações “atuais”, em contextos que influem, possuem “importância” e/ou “interesse público/social” para a vida da comunidade local. E, muitas vezes, são fatos e eventos inusitados, inesperados, surpreendentes, que se distanciam daquilo que se imagina (e se espera) sobre a vivência e o contexto de um catador.

*Valores-notícia associados aos catadores nas matérias do jornal **Diário de Santa Maria***

Em relação ao Diário de Santa Maria, identificou-se os seguintes resultados:

	ATUALIDADE	IMPORTÂNCIA	EMOÇÃO/ DRAMATICIDADE	ENTRETENIMENTO	SUSPENSE	EXCEPCIONALIDADE	CONFLITO	NEGATIVIDADE	INTERESSE PÚBLICO/SOCIAL
Jornal Diário de Santa Maria	8	11	9	3	2	8	5	10	10

Figura 05– Incidência de valores-notícia nas matérias sobre os catadores no jornal Diário de Santa Maria

No Diário, os valores que aparecem na maioria das matérias sobre os catadores, são “importância” (11), seguido de “negatividade” e “interesse público/social” que possuem a mesma incidência nas matérias analisadas (10) e de “emoção/dramaticidade” (9). Já os valores menos identificados são o “entretenimento” (3) e o “suspense” (2).

Na edição do dia 30, 31/08/08, p. 16, 17, temos um exemplo de matéria que possui os quatro valores mais incidentes observamos no *corpus* do DSM. Essa matéria trata sobre os problemas do transporte coletivo em Santa Maria. Conta, então, a história de uma catadora que, para estudar, caminha quilômetros a pé por não ter condições de pagar mais de duas passagens por dia – a ida e a volta -, e também devido à falta de linhas de ônibus para os lugares e nos horários que ela precisa.

A presença do valor “importância” é indubitável, pois é uma situação na qual muitos leitores podem se identificar, sem levar em conta o fato de que a matéria refere-se ao transporte público da cidade, temática que interessa a todos que utilizam ônibus. A história possui ares de “emoção”, “dramaticidade”, pois enfoca as dificuldades enfrentadas pela catadora e é justamente por demonstrar essas adversidades e problemas que a “negatividade” está presente. O “interesse público/social” surge por dois motivos. Inicialmente, porque este assunto interessa a toda comunidade que utiliza transporte coletivo e, em segundo lugar, porque é uma matéria que compõe uma série especial durante o período das eleições de 2008, falando dos maiores problemas locais.

Também observamos esses valores na matéria do dia 15/07/08, p. 10 e 11, que fala sobre famílias que passam frio no inverno, devido as suas condições de moradia. As duas famílias entrevistadas são de catadores. Encontramos nessa matéria o valor “importância” por

trazer os aspectos de intensidade, gravidade, expressa pela grande quantidade de pessoas que passam frio. Também devemos salientar que esta é uma matéria de serviço, pois possui um quadro informando onde o leitor pode doar roupas e cobertores para a Campanha do Agasalho⁴², em voga nessa época do ano. Por todo o contexto, a narração da matéria é construída com “emoção/dramaticidade”, contando as dificuldades que as famílias enfrentam no inverno. O valor “negatividade” é exposto por ser uma matéria que traz situações desagradáveis, tristes. E o “interesse público/social” fica explícito pelo fato do jornal buscar incentivar a população a doar roupas e agasalhos, demonstrando ser essa uma situação, um contexto que deve envolver a todos os santamarienses.

Dessa forma, o DSM nos mostra um catador envolto em situações de “importância” e de “interesse público/social” para a comunidade, situações que, no geral, estão ligadas a fatores de “negatividade”, como acidentes, dificuldades e adversidades e que, portanto, demonstram a “emoção” e o “drama” dos catadores.

b) Análise do texto verbal

A heterogeneidade mostrada no jornal A Razão

Discurso direto e verbos introdutores

O jornal A Razão, em geral, permite a fala dos catadores através do discurso direto. Dentre as 15 matérias analisadas, apenas quatro não tinham nenhuma fala desses trabalhadores. Isso demonstra que o jornal busca dar voz a eles.

O DD é exposto, geralmente, sem uma separação do texto, é como se o enunciador permanecesse com a palavra. Inicia-se a narrativa, identificam-se as pessoas envolvidas e depois se expõe a fala de uma delas. Essa fala vem algumas vezes na sequência do texto, em outras ela é colocada numa nova linha, sempre sem travessão, identificada apenas por aspas e, predominante, sem verbo introdutor no início. O verbo vem ao fim da citação, o que permite, muitas vezes, ao leitor mais distraído, perceber o DD só no final:

No que se refere aos verbos que introduzem a opinião dos catadores no jornal A Razão, observa-se que os mais usados são, respectivamente, os que representam emocionalidade circunstancial (lamentar, confidenciar, sonhar, festejar) e aqueles que organizam um momento argumentativo (dizer, contar). Em menor proporção, encontram-se

⁴² Campanha que ocorre todos os anos em Santa Maria durante os meses de inverno, com o objetivo de arrecadar roupas, calçados e cobertores para doar às famílias desfavorecidas que passam dificuldades no frio.

verbos que indicam retomadas opositivas (comentar, justificar). Poucos foram os verbos que indicam posição oficial (afirmar, informar) e força do argumento (salientar, garantir).

É interessante destacar que a maior parte dos verbos de emocionalidade circunstancial demonstra os catadores como pessoas esperançosas e alegres (em função de verbos como sonhar, festejar). Também indicam que eles estão em posições desfavorecidas, mas que fazem reivindicações e contestam a sua situação (devido ao uso de verbos de retomadas opositivas).

Os verbos que introduzem a opinião de outras fontes - ao referir-se aos catadores - também foram avaliados. A única fonte oficial que encontramos no *corpus* que fala através do DD sobre os catadores é o engenheiro florestal da Secretaria de Proteção Ambiental e que utiliza o verbo *afirmar*, um indicador de posição oficial. As demais fontes são assistentes sociais, diretores de escolas e os coordenadores dos Projetos Catando Cidadania e Esperança/Cooesperança. As falas deles estão introduzidas, em geral, por verbos que indicam posições oficiais, bem como organizadores de momento argumentativo.

Dessa forma, considera-se que as falas dessas fontes são mais valorizadas pelo jornal do que as falas dos catadores, pois as primeiras são introduzidas por afirmações positivas, enquanto as últimas são indicadas de uma forma mais emocional, subjetiva.

Discurso Indireto

Em *A Razão* o discurso indireto está, geralmente, localizado antes do discurso direto, permitindo um direcionamento para a interpretação deste último. Ou seja, há um trecho em que o enunciador relata as opiniões do catador e, em seguida, ele coloca uma citação deste mesmo catador. Por exemplo, na matéria do dia 02, 03/02/08, capa do *Segundo A Razão*, tem-se o seguinte fragmento:

“Quem igualmente estará lá será a catadora Lourdes Oliveira dos Reis, de 53 anos, que ingressou no Coral há dois meses. Ela colabora na confecção das máscaras e elogia o trabalho desenvolvido pela Prefeitura junto aos catadores, que lhe oportunizou integrar o Coral. ‘Estou adorando, amando fazer parte das atividades’, salientou, referindo-se ao Projeto Catando Cidadania”.

É importante lembrar que no discurso indireto, como afirma Maingueneau (2005, p. 151), “as designações e as avaliações passam a ser as do discurso citante”. Então, quando o jornal afirma “*elogia*” está, de certa forma, demonstrando sua opinião e condicionando a interpretação do discurso citado a seguir.

Na matéria do dia 02/01/08, p. 09, que trata da viagem de uma catadora do Projeto Catando Cidadania ao Uruguai para expor seus artesanatos em uma feira de economia solidária, observa-se, novamente, o discurso indireto trazendo a apreciação do enunciador – ou do jornal – sobre o assunto:

“Quem também está arrumando a bagagem para partir rumo ao Uruguai é a catadora Carmem de Fátima Ferreira Machado, 53 anos. Moradora da vila Carolina, ela não esconde o entusiasmo com a viagem, apesar de não ser a primeira que faz ao exterior. Carmen já esteve na França com grupo de catadores de Santa Maria, que visitou o país europeu para intercâmbio cultural.

‘Nessas viagens a gente ensina e aprende coisas diferentes, traz experiências desses outros locais para Santa Maria. Sou catadora há oito anos e me sinto orgulhosa de ser convidada para fazer esse tipo de viagem a outros países’, afirma”.

O “*entusiasmo*” foi uma informação que o enunciador acrescentou ao contexto, é uma avaliação dele. Provavelmente a catadora partilha dessa apreciação, mas, o que se observa é que a responsabilidade é conferida ao relator.

Nesses trechos percebe-se que as valorações feitas pelo jornal – através do enunciador – acerca do Projeto Catando Cidadania são positivas e buscam sempre demonstrar e enfatizar as melhoras, os benefícios e as alegrias na vida dos catadores que participam do Projeto, bem como a gratidão e o orgulho que eles sentem ao fazer parte da atividade.

Aspas

A Razão não utiliza muito as aspas. Nota-se, em algumas matérias, a marcação tipográfica em palavras e expressões da oralidade, ocasionando, dessa forma, um distanciamento entre a linguagem coloquial e o texto jornalístico. Na matéria do dia 15/10/08, p. 08, que trata sobre os danos de um temporal em Santa Maria, há um segmento em que se percebe como o jornal costuma marcar palavras provindas de outros contextos: *“Desde o domingo a família da catadora Vera Lúcia Santos da Cunha, 34 anos, dribla as goteiras para conseguir dormir à noite”*. O enunciador identifica-a como se ela estivesse deslocada no texto.

Na mesma matéria, encontramos, mais adiante, um fragmento que também contém uma expressão usada na “construção oral de registro familiar”, nas palavras de Maingueneau (2005, p. 153), e que o jornal destaca da sua narração. *“Gladis dos Santos Dutra, 62, conta que sempre que o tempo se arma precisa correr para cobrir o pouco que tem com plásticos*

para evitar o pior". O *"tempo se arma"* é uma expressão usada nas conversas cotidianas e, provavelmente, foi dita pela catadora. O enunciador se apropriou dela, entretanto, distinguindo-a do restante da enunciação através das aspas.

É interessante notar que A Razão possui uma estrutura mais fechada, mais restrita no que tange aos diversos tipos de linguagens, pois busca marcar a fronteira entre a enunciação jornalística e o que vem de outras vozes, de outros campos discursivos. Entretanto, dois termos são usados pelo jornal sem aspas, apesar de serem termos que não são comumente utilizados na enunciação jornalística, mas que pertencem ao universo linguístico dos catadores.

Encontramos, na matéria do dia 02/04/08, p. 06 e 07, dois trechos que mostram essas palavras: *"Hoje, no antigo depósito de ainda é possível encontrar pessoas tentando garimpar entre o material acumulado algo que possa ser comercializado"*. Em outra parte do texto, na página seguinte: *"[...] Nesse período, a Tecnoresíduos que recebe R\$ 45,10 por tonelada, empregou 90 pessoas, entre elas os catadores que viviam do lixo que recolhiam, separavam e vendiam para atravessadores"*.

Essas palavras usadas pelos catadores demonstram "a contaminação do discurso do jornalista pelo discurso do meio que ele evoca" (MAINGUENEAU, 2005, p. 153), ou seja, o jornalista ou enunciador descreve os catadores utilizando a sua forma de falar. Apesar de querer distanciar-se da linguagem coloquial, da oralidade, AR traz termos específicos dos catadores para a sua enunciação.

Discurso indireto livre

Em A Razão não identificamos o uso do discurso indireto livre. Em compensação, é frequente e constante a utilização de discurso direto e discurso indireto. O jornal, algumas vezes, identifica as palavras que provêm de outras vozes marcando-as tipograficamente através das aspas ou do itálico. Isso não se define como DIL, posto que este é uma mistura perfeita de vozes, em que fica difícil delimitar exatamente quais termos e expressões são de um e de outro enunciador. E A Razão através, principalmente, das aspas permite a identificação das palavras pertencentes a outro enunciador. Isso já foi identificado anteriormente, na parte em que tratamos das aspas.

A heterogeneidade mostrada no jornal Diário de Santa Maria

Discurso direto e verbos introdutórios

No Diário de Santa Maria a fala dos catadores também é proporcionada através do discurso direto. Com base na observação do *corpus*, das 14 matérias encontradas sobre os catadores nesse jornal, apenas uma não possuía nenhuma fala deles. Assim, percebe-se que o Diário prioriza mais a exposição dos vários pontos de vista de um acontecimento do que A Razão (que, como dito acima, teve quatro matérias em que os catadores não se manifestavam).

O Diário de Santa Maria coloca uma fronteira entre a sua fala e a da fonte, seja ela autoridade, testemunha, vítima. Ele separa a citação do restante do texto, pois a coloca em nova linha e com travessão. O verbo introdutor vem, algumas vezes, antes da citação, quando o enunciador declara que alguém vai falar, outras, ao final do discurso citado e ainda existem casos em que o verbo é suprimido. Outra situação comum no DSM é quando o introdutor não “designa realmente um ato de fala” (MAINGUENEAU, 2005, p. 144), ou seja, são verbos ou locuções verbais que, muitas vezes, não são nem transitivos e só podem ser identificados como introdutores em função de estarem acompanhando o DD.

Os verbos mais usados para introduzir o discurso direto no DSM são aqueles que indicam emocionalidade circunstancial (queixar, reclamar, lamentar, resignar, comemorar), seguidos daqueles que organizam um momento argumentativo (resumir, dizer, contar, explicar). Poucos são os verbos que indicam posições oficiais (afirmar, confirmar). E não foram encontrados verbos que demonstram retomadas opositivas na introdução do DD dos catadores.

Assim, pode-se declarar que o jornal coloca os catadores em posição de inferioridade, pois os verbos principais no início da fala de cada catador são queixar, lamentar, reclamar, os quais sugerem que esses trabalhadores vivem em condições precárias e em meio a dificuldades. A ausência de introdutores de retomadas opositivas nos faz vê-los como pessoas acomodadas, que não reivindicam, não questionam, apenas reclamam da situação em que estão.

O discurso das fontes sobre os catadores, no jornal, é introduzido basicamente por verbos de posições oficiais e organizadores de um momento argumentativo. A única fonte oficial que se refere a eles, no material pesquisado, é o secretário de Proteção Ambiental. Outras fontes são a coordenadora do Projeto Esperança/Cooesperança, Irmã Lourdes Dill, e o coordenador do Catando Cidadania, Carlos Alberto Flores. Assim como em AR, o DSM também valoriza mais a fala das fontes do que a dos catadores.

Discurso indireto

No Diário de Santa Maria praticamente não encontramos apreciações e avaliações junto ao discurso indireto. Em geral, o enunciador é mais neutro e imparcial quando utiliza o DI, como podemos observar nos segmentos abaixo:

“[...] Sem o depósito do lixo na Caturrita na sexta-feira e no sábado, ele afirma que já sentiu a diferença no bolso” (Trecho da edição do dia 19/03/08, p.11)

“[...] De acordo com ela, uma das filhas tem problemas de saúde e depende da renda do seu trabalho para comprar frutas, iogurte e um leite especial, que fazem parte da dieta da menina” (Trecho da edição do dia 20/02/08, p. 09)

“A catadora contabiliza outras vantagens de pertencer ao grupo. Muitas parcerias do Catando Cidadania podem beneficiar os filhos, como tratamento dentário. Alguns dos filhos dos participantes – como as duas filhas mais jovens de Carmen, as gêmeas Cenara e Cemara, 15 anos – ganharam bolsa de estudos para aprender inglês, por exemplo” (Trecho da edição do dia 03/09/08, Diário 2, p. 03)

Aspas

No Diário de Santa Maria o que mais atrai a atenção em relação às aspas é a não utilização delas em termos e expressões em que se esperaria encontrá-las. Isso pode ser observado, principalmente, em palavras provindas da oralidade, das conversas cotidianas, e também em algumas palavras que são especificadamente utilizadas pelos catadores.

Pode-se observar a primeira situação na matéria do dia 15/07/08, p.08, que trata sobre a retirada de famílias das margens do Arroio Cadena em função das obras da perimetral Avenida Dom Ivo Lorscheiter. *“[...] Como a maioria que mora no local trabalha com a reciclagem de lixo, as ruas centrais são de onde os catadores tiram o ganha-pão”*. O termo em destaque é, frequentemente, encontrado em conversas do dia-a-dia, mas não na enunciação jornalística que, em geral, fala em “sustento”, “sobrevivência”.

A segunda situação dita acima, a de palavras de catadores inseridas no contexto do texto jornalístico, assinala para dois vocábulos que são conhecidos e tratados costumeiramente pelos catadores no seu linguajar cotidiano, mas que não são reconhecidas fora desse âmbito. Assim como A Razão, o DSM utilizá-as sem aspas e, algumas vezes, mesmo sem a explicação do que significam. Certamente que é possível compreendê-los no interior do texto, mas o que nos interessa é que o jornal se aproxima dessas palavras ao não marcá-las tipograficamente, ele as inclui na sua fala com naturalidade, indiciando que ela é familiar ao seu leitor – ideal.

Na edição do dia 16, 17/08/08, p. 21, encontra-se uma dessas palavras no seguinte segmento: “*Como ainda não se aliou a nenhuma associação de catadores, Andréia não tem como prensar os resíduos e os vende diretamente a um atravessador – o que diminui a margem de lucro*”. O termo em destaque significa o que a Secretaria de proteção Ambiental e outros órgãos públicos chamam de intermediários, os responsáveis pela revenda dos materiais às indústrias de reciclagem. Não encontramos no *corpus* de pesquisa do Diário de Santa Maria menção a palavra intermediários.

Na matéria do dia 03/09/08, p. 03 do *Diário 2*, identifica-se o outro termo que é retirado da fala dos catadores: “*Com a fome batendo à porta, Carmen aceitou o convite de uma vizinha para garimpar as lixeiras do centro de Santa Maria em busca de materiais recicláveis*”. “*Garimpo*” significa a busca pelos materiais reaproveitáveis. Esse trecho, juntamente com o que está localizado antes dele, será analisado a seguir como DIL. Importa apenas destacarmos que essas palavras são sempre usadas sem aspas pelo jornal.

Discurso indireto livre

O Diário de Santa Maria utiliza frequentemente o discurso indireto livre nos textos sobre os catadores de materiais recicláveis. O uso deste recurso é observado, principalmente, através da inserção de termos e expressões que provêm do uso comum e cotidiano, ou ainda, palavras específicas dos catadores que são acrescentadas na fala objetiva e imparcial do jornalista.

Na edição do dia 13, 14/12/08, p. 18, na matéria que se refere ao desejo de um garoto de reformar sua bicicleta velha para poder ajudar a família no sustento através da coleta de recicláveis, percebe-se a presença de discurso indireto livre no seguinte fragmento: “*Coisas tristes da vida afastaram seu pai e seu irmão mais velho do convívio familiar. Restaram no lar humilde da Vila Urlândia a mãe, Andréia, 36 anos, Filipe e três irmãos – Andressa, 14, Andressa, 9, e Elias, 4*”.

O enunciador se apropria de expressões ditas por outros e passa a usá-los na sua enunciação, sem identificá-los como pertencentes a outra voz. Retomando Maingueneau (2005), o fragmento de discurso indireto livre apresenta uma discordância entre alguns termos e o restante da enunciação. Nesse caso, há uma discordância entre “*coisas tristes da vida*”, que representa a construção oral de registro familiar, expressão provavelmente utilizada pela mãe do garoto, e a maneira de falar do enunciador, sério, objetivo, imparcial.

Isso demonstra que o enunciador se aproxima, concorda com o que é dito pela outra voz, pois do contrário, se desejasse separar suas palavras e, conseqüentemente, o ponto de vista, o enunciador poderia facilmente utilizar aspas nos termos que ele traz dessas outras vozes para indicar um afastamento.

Da mesma forma, a matéria do dia 03/09/08, do *Diário 2*, p. 03, também possui uma imbricação de vozes que não permite dizer que palavras pertencem ao enunciador citado e que palavras pertencem ao enunciador citante:

“Nos primeiros meses de 2003, a vida não foi fácil para Carmen de Fátima Ferreira machado, 54 anos. O marido estava desempregado, e seu pequeno ordenado de empregada doméstica sustentava a casa e os sete filhos. Foi quando a situação ficou desesperadora: ela perdeu o emprego, e o pão de cada dia ficou cada dia menor, até desaparecer.

Com a fome batendo à porta, Carmen aceitou o convite de uma vizinha para garimpar as lixeiras do centro de Santa Maria em busca de materiais recicláveis. Juntados aos quilos, os plásticos, papéis, vidros e latas desprezados se transformariam nos centavos necessários para comprar um pão, um saco de feijão ou arroz, para alimentar as bocas que dependiam dela”.

Observamos nesses segmentos algumas palavras e expressões que discordam da maneira usual de enunciar do jornalista. Por exemplo, “*a vida não foi fácil*”, é uma fala encontrada no cotidiano das pessoas, em conversas informais, mas não nos jornais que, geralmente, declaram as dificuldades enfrentadas - o segmento em questão poderia ser da seguinte forma: “Nos primeiros meses de 2003, o marido de Carmen estava desempregado e com seu pequeno ordenado de empregada doméstica ela sustentava a casa e os sete filhos”. Outra palavra presente nesta matéria que se destaca da enunciação jornalística e se identifica com a oralidade é “*garimpar*”. Essa palavra é especificamente utilizada por catadores e não é usualmente conhecida pela grande maioria da comunidade local.

Ainda no segundo segmento, observamos que “*um pão, um saco de feijão ou arroz, para alimentar as bocas que dependiam dela*” também está distante da enunciação jornalística. Esse trecho parece a catadora contando sua história, com a diferença de que está em terceira pessoa do singular. Estaria mais próximo da objetividade jornalística se: “Juntados aos quilos, os plásticos, papéis, vidros e latas desprezados se transformariam nos centavos necessários para comprar alimentos para sustentar aqueles que dependiam dela”.

Na edição do dia 29/08/08, p. 07, na matéria que refere-se a participação de um catador numa cooperativa e as melhoras que isso gerou na vida dele, encontra-se, mais uma vez, trechos em discurso indireto livre:

“Rudinei Francisco dos Santos, 30 anos, é um dos catadores que fazem parte da cooperativa. Se pessoas com Ensino Médio completo enfrentam dificuldades para conseguir trabalho, Santos, que só estudou até a segunda série do Fundamental precisava vencer uma barreira a mais. Ele fazia alguns bicos para se sustentar até que, junto com os demais catadores, conseguiu uma nova fonte de renda. Ele e a mulher, Adriana Pereira dos Santos, 33, recolhem material reciclável na cidade. O trabalho é árduo. É preciso um quilo de papel para ganhar R\$ 0,35. Mas, com muita boa-vontade, o casal consegue ganhar até R\$ 600 por mês com a venda dos papelões, alumínio e plásticos por meio da cooperativa”.

Novamente nessa matéria observamos a inserção de palavras providas de outros contextos no texto jornalístico. “*Vencer uma barreira a mais*”, “*bicos*” e “*boa-vontade*” são indícios da oralidade e, provavelmente, foram utilizados pelo catador quando se referia ao seu trabalho. Se esses termos estivessem marcados com aspas, poderíamos identificá-los como pertencentes ao catador, entretanto, o enunciador naturaliza-os na sua fala, pois não os coloca com nenhuma marca tipográfica, originando, assim, o que se compreende ser o DIL.

Esses exemplos de discurso indireto livre demonstram que o jornal Diário de Santa Maria, ao mesclar sua voz e a dos catadores, aproxima-se do ponto de vista destes últimos, reconhecendo, compadecendo-se e reforçando aspectos da realidade difícil e imposta que eles vivenciam, bem como a sua maneira de seguir em frente e suportar as adversidades.

Alguns indícios sobre a maneira como o DSM apresenta os catadores podem ser percebidos através da incidência de determinadas palavras na enunciação jornalística. Por exemplo, a palavra “*imposta*” aparece com frequência nas matérias, dando a impressão de que os catadores são trabalhadores vulneráveis e passivos frente às dificuldades. Na edição do final de semana dos dias 13, 14/12/08, p. 18, lê-se: “*As tardes e as noites de garimpo foram impostas pela situação financeira”.*

Outro exemplo data da edição de 03/07/08, p. 10, que trata sobre as famílias que passam necessidades durante os meses de inverno: “*De dia, o que ajuda a vencer o frio é o fogão à lenha. A realidade dura, imposta assim que o inverno chega não é exclusividade da família de Eliane, que sobrevive com o dinheiro que o ex-marido, catador de lixo, leva para as crianças”.*

Podemos observar que o DSM mostra um catador sofredor, amargurado, apático, que está sempre à mercê das adversidades. Isso fica explícito se analisarmos as legendas das fotos: “*Lamento dos catadores*”, “*Só com a sobra*”, “*Na espera*” (estes três em 19/03/08, capa e p. 11); “*Pior na chuva*” (03/07/08, capa); “*Desolação*” (24/07/08, p. 10); “*Em busca do sustento*” (16, 17/08/08, p. 20); “*É pouco*” (26/08/08, p. 10)”. As manchetes, títulos e

subtítulos também contribuem para esta compreensão: “*Sustento que se vai*” (19/03/08, p. 11); “*O frio como cobertor*” (03/07/08, p. 10); “*O vento ainda sopra*” (24/07/08, p. 10); “*Sobrevivência (in) digna*” (16, 17/08/08, p. 20); “*Quando o destino fica longe demais*” (30, 31/08/08, p. 16).

c) Análise do texto icônico⁴³

Análise do texto icônico no jornal A Razão

Dentre as fotos analisadas, as principais emoções identificadas no rosto dos catadores são a alegria, o interesse. A principal postura na qual se encontram é sentados, frente a mesas onde há diversos materiais recicláveis, em que eles estão envolvidos com a produção de artesanato. Estão sempre em meio a ações, com exceção de uma única foto em que fazem pose para a câmera fotográfica. Ao seu redor, colares, bijuterias, trabalhos feitos com papel dobrado, bibelôs, vasos. Não há um local específico que tenha se destacado muitas vezes nas fotos, mas há uma diversidade de espaços em que foram fotografados: uma catadora estava na sua própria casa, mostrando os artesanatos que produz; um grupo estava expondo os seus trabalhos numa feira no Uruguai; outro grupo estava fazendo colares e máscaras de carnaval na Gare da Estação, local onde funciona o Centro Integrado de Cultura e, em outra matéria dois dias depois, essas mesmas pessoas estavam dançando carnaval no Lar das Vovozinhas e animando-as com os adereços feitos para o evento.

Observa-se, então, que a maior parte das imagens de A Razão está relacionada às atividades que os catadores realizam no Projeto Catando Cidadania, com um enfoque muito grande para os artesanatos que produzem.

A imagem de 02, 03/02/08 do jornal inclui algumas dessas representações apresentadas acima sobre o sujeito catador, as circunstâncias e o ambiente nos quais ele se encontra. Localizada no caderno de variedades e cultura, no *Segundo A Razão*, a matéria apresenta uma imagem peculiar. Foi colocada em frente à câmera fotográfica uma máscara de carnaval sob a qual se bateu a foto. Então, o que se vê é a parte interna da máscara, em que as aberturas para os olhos permitem observar o que está à frente dela. Em cada uma das aberturas há um componente vivo, em que se identificam garotas, que estão com suas faces voltadas para baixo, compenetradas. Uma delas está com o braço, próximo ao rosto, como se

⁴³ Esta parte é destinada apenas à análise das imagens. Entretanto, as legendas, os títulos e subtítulos valorosos para a compreensão das fotografias, por isso, optamos por tratar alguns aspectos que seriam identificado como pertencentes a análise dos textos, aqui, juntamente com as fotografias.

estivesse fazendo algo com a mão. Fora da visão da máscara, é possível ver o que elas fazem: colares e máscaras de carnaval. Elas produzem esses adereços sobre uma mesa branca que possui alguns objetos soltos. Há cadeiras dispostas na imagem, representando que havia outras pessoas a trabalhar com elas. Uma das cadeiras está ao lado da garota da direita e duas outras estão localizadas atrás da garota da esquerda.



Figura 06 – Voluntários do Projeto Catando Cidadania produzem os adereços
Fonte: Jornal A Razão. (02, 03/02/08)

Tem-se aqui o caso de elementos fixos que se sobrepõem a componentes vivos. A máscara está em primeiro plano, destacando-se na imagem e condicionando a visibilidade das garotas. A imagem chama a atenção especialmente por apresentar cores fortes e quentes. A garota localizada à esquerda da foto está usando uma camiseta rosa, com as mangas e a gola em verde-limão. A outra garota usa uma camiseta vermelha e a máscara colocada em frente à câmera possui acima dos olhos plumas em tons de rosa choque. O restante da cena não se destaca em relação a cores.

As cabeças das garotas, nessa foto, formam dois pontos de igual importância sobre a imagem, o que gera um movimento de vaivém pelo olho (LIMA, 1998). O colorido das plumas da máscara também atrai a atenção, fazendo o olhar do co-enunciador sair deste movimento de vaivém e se direcionar sobre o título que está exposto nas plumas. Dessa forma, as ligações entre as cabeças das garotas e o título compõem a figura de um triângulo. Porém, este não é o único triângulo na imagem, há um outro composto pelo formato da máscara de carnaval, direcionado para baixo, como se indicasse o ponto central da imagem.

Temos, portanto, a seguinte composição nesta foto:



Figura 07 – Movimento dos olhos ao observar a fotografia
Fonte: BRUSIUS, Fernanda K. (2010)

Ela indica um movimento de um “8”, em que o olhar inicia num dos pontos (cabeças das garotas), direciona-se ao outro ponto, sobe para o título e para as plumas, e desce novamente para os pontos e retorna ao título.

Seguindo esse movimento de forma ascendente, deparamo-nos com o título da matéria disposto sobre as plumas da máscara e centralizado na foto. O título está escrito em letras brancas, o que o valoriza sobre as plumas rosa choque: “*Idosas caem na folia*”. Num primeiro momento fica difícil compreender o título, pois a foto mostra duas garotas a produzirem enfeites de carnaval, não há nenhuma menção a idosas. Porém, acima da foto, há um título-legenda que esclarece o questionamento: “*Carnaval - Voluntários do Projeto Catando Cidadania produzem os adereços que animarão festa no Lar das Vovozinhas*” (grifo da matéria).

A partir disso, pode-se compreender, também, que a valorização apenas das cores vivas e quentes tematizam o carnaval.

O ambiente é uma sala, com paredes brancas e piso de madeira. No texto, está assinalado este lugar: “*Tudo está sendo feito em sala localizada na Gare da Estação, onde funciona o Centro Integrado de Cultura, e utilizando materiais recicláveis, como calendários antigos e folhetos desatualizados*”.

Nessa imagem o rosto das catadoras demonstra interesse, concentração pela atividade que estão desenvolvendo. Estão num ambiente de alegria e descontração, devido às cores e a máscara de carnaval que o fotógrafo coloca frente à câmera.

O lixo - artefato ligado frequentemente à figura dos catadores - está presente na cena, mas ele possui uma valoração positiva nesse contexto, pois está sendo transformado em objetos novos, coloridos, é fonte de alegria e bem-estar. O lixo está sendo ressignificado nesta imagem, pois de “resto” e algo desvalorizado, ele passa a “adereços que irão adornar e embelezar as senhoras [...]” (trecho da matéria). E quem faz isso são as catadoras, é pelas mãos delas que ele é convertido em algo belo e útil.

Outra foto que também possui elementos próximos a esses no que concerne ao sujeito e a circunstância é a que está presente na edição do dia 17/01/08, na p. 07. Essa imagem possui muitas informações e detalhes. O olhar direciona-se, primeiramente, para os componentes vivos, que encaram o co-enunciador com feições alegres e sorridentes. São três pessoas, dois homens e uma mulher, situados no centro da imagem. Ao seu redor, predominam componentes fixos, tais como a mesa que está em frente a eles, os objetos sobre a mesa, a tenda na qual estão expondo, três *banners* e diversos colares pendurados na tenda, às suas costas. Num plano distante, percebe-se o que parece ser uma praça, pois se observa um trecho da calçada, uma cadeira, um homem em pé, virado de costas para o co-enunciador, um pequeno muro e árvores.



Figura 08 – Caravana de Santa Maria participou com exposição de artesanato no Uruguai
Fonte: Jornal A Razão. (17/01/08)

O formato da foto é um retângulo no sentido horizontal, o que nos traz a ideia de repouso, profundidade (LIMA, 1998) e, portanto, causa um distanciamento entre o leitor e o texto icônico. Mas causa também uma sensação de tranquilidade e serenidade, o que vem a ser identificado pela ausência de movimento na foto, tanto os componentes vivos quanto os fixos estão inertes.

As cores presentes na imagem também ajudam a dar a impressão de calma e repouso. Há um predomínio de cores frias, tais como o azul e o verde, principalmente nos objetos da mesa, em dois dos *banners* e no plano mais afastado, em que se observam as árvores. Todavia, na parte superior da imagem, do lado esquerdo ao lado direito superior, mais especificadamente nas lonas que cobrem a tenda, dominam as cores amarelo e vermelho. Isso se deve a luminosidade do dia, a qual ofuscou boa parte da cena.

Todos os elementos presentes na cena estão colocados num plano médio-afastado. As pessoas estão numa característica “pose para foto”⁴⁴: uma ao lado da outra, sorridentes, com o

⁴⁴ Essa é a única foto encontrada em todo o *corpus* em que os catadores estão fazendo pose.

olhar direcionado à câmera e o homem que está no centro (o qual parece estar completamente à vontade), busca unir o grupo em um abraço – ação típica de fotos de família ou entre amigos. Contudo, é interessante considerar que a mulher à direita está mais afastada do grupo, sendo necessário que o homem do meio estenda o braço para poder alcançá-la. Ela, ao contrário, não retribui o abraço, permanece no lugar onde está e deixa o braço direito pendente ao lado do corpo. A mão esquerda está colocada sob o rosto, numa atitude passiva, contemplativa, o que vem a reforçar a ideia de repouso e tranquilidade exposta em todo o conjunto da foto. A posição dela parece indicar que não há muita proximidade entre as pessoas do grupo ou, talvez, que ela não esteja à vontade com eles.

A mesa à frente deles está cheia de objetos, origamis, trabalhos em crochê, garrafas enfeitadas, bibelôs, todos feitos com materiais recicláveis. A mesa e os objetos sobre ela cobrem parcialmente os componentes vivos da foto, ou seja, ocultam a parte inferior do corpo das três pessoas, dando ênfase, então, aos membros superiores e ao rosto delas.

Os três *banners* expostos atrás possuem, da direita para a esquerda, respectivamente, a logomarca do Projeto Catando Cidadania, da 4ª Feira de Economia Solidária do Mercosul e do Projeto Esperança/Coesperança. Esse último é parceiro do Projeto Catando Cidadania e organizador da feira de economia solidária que ocorre em Santa Maria.

O *banner* do Catando Cidadania é onde o olho do co-enunciador “bate” primeiro ao observar a foto. Isso porque sua localização está sobre um ponto áureo do retângulo horizontal e as cores da logomarca do Projeto, azul e amarelo, estão bem evidentes na imagem.

Com isso, ficam claras algumas temáticas que são apresentadas pela fotografia: união (apesar da reserva por parte da mulher), companheirismo, busca por um mundo melhor. E a legenda proporciona a compreensão de outra temática: “*Caravana de Santa Maria participou com a exposição de produtos e experiências de grupos*”.

O texto conta que integrantes do Projeto Esperança/Coesperança foram ao Uruguai participar de uma feira de economia solidária inspirada na feira que ocorre em Santa Maria. Isso revela que as atividades geradas pelo Projeto são fontes de referência internacional. A leitura do texto também proporciona a compreensão de quem são os componentes vivos da foto. A mulher é uma das catadoras integrantes do Catando Cidadania, o homem ao centro pertence ao grupo Malhas Medianeira, também participante do Projeto Esperança/Coesperança. Por fim, o homem do lado esquerdo é o coordenador do grupo Catando Cidadania.

Assim acrescenta-se, às temáticas construídas pela foto, outras duas: a referência e a experiência que grupos de Santa Maria possuem no que se refere à economia solidária. O

projeto dos catadores está incluso dentro desses grupos, pois o coordenador e a catadora foram mostrar os artesanatos que produzem com o lixo e contar as experiências que vivenciam.

Da mesma forma que a foto do dia 02, 03/02/08, figura 6, representa as catadoras num ambiente descontraído, aqui também os integrantes do Projeto estão envolvidos numa atmosfera alegre. A diferença está no rosto das pessoas, pois na imagem do dia 02, 03/02/08 elas estão sérias, interessadas no trabalho manual, aqui, ao contrário, estão sorridentes e animadas, num contexto em que o lixo traduz experiência e reconhecimento àqueles que com ele trabalham.

A matéria de 25, 26/10/08, p. 10, também traz algumas temáticas próximas a essas. O título “*A fábrica dos catadores de cultura*” já movimenta sentidos para a leitura do texto e das imagens, pois indica que aquilo que os catadores buscam é cultura. A foto que analisamos nessa matéria possui dois elementos vivos e poucos fixos. Há duas catadoras, já sabemos em função do título, sentadas próximas uma à outra. A mais visível delas é a que está no plano próximo, sentada de perfil, ao lado direito da imagem. A foto, tirada do alto, só visualiza a parte superior do corpo dela. Os olhos estão atentos ao trabalho que as mãos realizam, a cabeça está inclinada para baixo; na altura do colo, uma das mãos segura alguns instrumentos, enquanto a outra os corta com a tesoura. Do lado direito da catadora, há uma mesa baixa e comprida, sobre a qual estão alguns objetos e, no outro extremo dessa mesinha está a outra catadora. Aquela se percebe estar sentada sobre uma cadeira, curvada, com a cabeça posicionada para baixo e as mãos a mexer em algum objeto. Entre as pernas, está um pote ou algo parecido. A referida mulher está num plano médio-afastado. No plano afastado, às costas e à direita dessa catadora, há outra mesa. Não se consegue identificar exatamente os objetos que lá se encontram.



Figura 09 – Catadoras em oficina de artesanato

Fonte: Jornal A Razão. (25, 26/10/08)

Observa-se que as catadoras estão produzindo artesanato. A atividade envolve-as completamente, pois parecem estar muito interessadas no que fazem. O formato do retângulo vertical traz a sensação de proximidade, de contato; é como se o leitor estivesse em pé, ao lado da catadora, acompanhando o seu trabalho, sendo trazido para dentro da cena.

A legenda da foto diz: “**Aprendizado** – Cemara, Josemara e Cenara participam de oficinas de artesanato, de percussão e do coral. Através do coral, elas puderam conhecer cidades que não conheceriam se não participassem do projeto” (grifo da matéria). A legenda fornece três nomes, contudo a imagem mostra apenas duas mulheres. A temática enfocada nessa imagem é diferente daquela identificada na foto anterior, pois aquela refere-se à experiência, ao conhecimento, esta, refere-se ao aprendizado – os catadores são dispostos como aprendizes, como pessoas que buscam cultura.

Não há nada na foto que indique o lugar em que as catadoras estão produzindo as peças de artesanato. Sabe-se apenas que é uma sala. Pode-se deduzir que ocorre na Casa de Cultura, local onde o Projeto Catando Cidadania desenvolve seus trabalhos com os catadores.

As imagens analisadas até aqui demonstram o contexto mais frequente das fotografias de A Razão sobre os catadores: um contexto de descontração, bem-estar e alegria. Entretanto, há outro contexto observado com menor incidência no *corpus* deste jornal: o contexto que abrange as matérias e fotos sobre o Lixão da Caturrita. Nessas imagens eles aparecem cabisbaixos, com expressões de tristeza, cansaço e desolação. As temáticas motivadas aqui são muito diferentes das apresentadas anteriormente:



Figura 10 – Catadores no Lixão da Caturrita
Fonte: Jornal A Razão. (05, 06/01/08)

A foto acima, presente na edição do dia 05, 06/01/08, p. 10, demonstra os catadores trabalhando no Lixão. Observa-se um homem, em que o rosto está oculto pelo boné,

colocando objetos dentro de uma sacola. Ao seu lado direito há uma mulher, um pouco mais à frente, também com uma enorme sacola, movendo-se. Entre eles, mas um pouco mais afastado, está um garoto, com o corpo voltado para o lado direito, como se estivesse saindo da foto. Ele está parcialmente encoberto pela mulher à sua frente e, ao seu lado, no chão, há o que se pode identificar como um cachorro. Desse cachorro aparece somente o pescoço e as patas dianteiras, pois a parte de trás do seu corpo está encoberta pelas pernas da mulher e a parte da cabeça está fora da foto. Atrás desses componentes vivos, num plano distante, parece estar sendo construída uma barraca, ao lado de outras que já estão lá, cobertas por lonas. Na barraca que está em construção também há um homem de chapéu, voltado de costas para os componentes vivos em primeiro plano. Ao redor destes, até as barracas, percebe-se entulhos, objetos de todos os tipos expostos no chão.

A cena parece referir-se a uma família, posto que há o homem, a mulher e o garoto, que talvez viva em uma daquelas barracas no Lixão e encontra-se, no momento da foto, arrecadando materiais que possam ser reaproveitados. O formato quadrado da imagem, um dos poucos identificados em todo o *corpus*, “representa a forma geométrica do equilíbrio absoluto” (LIMA, 1998, p. 53). Esse equilíbrio pode ser visto pelas figuras do homem e da mulher, um ao lado do outro, em pé, posicionados para a direita: eles são como duas linhas dispostas uma de cada lado da imagem. Com essa disposição, o garoto entre eles é o que se destaca, pois o olho do leitor chega primeiro a ele. Ele “quebra” esse equilíbrio, pois não está exatamente no centro da imagem, mas sim deslocado para a direita da foto. Há também uma linha horizontal, dividindo a foto na parte superior e inferior. Ela parece “dividir” a cabeça do restante do corpo em cada uma das pessoas. Essa linha é composta pela divisão entre os entulhos que estão dispostos no chão e as barracas, que estão superiores a esses.

Outro elemento importante nessa imagem é a luminosidade que representa o sol. A foto está em preto e branco, mas ainda assim percebe-se a claridade que “banha” toda a cena. Isso explica o uso de bonés e chapéus por parte dos homens e do garoto presentes na imagem.

Em relação às expressões e emoções transmitidas, destaca-se o rosto da catadora. O seu olhar direciona-se ao chão, a testa e as sobrancelhas estão franzidas, o canto da boca está arqueado, esses indícios transmitem cansaço e desgosto. O catador ao lado esquerdo está com a face voltada para baixo, observando a colocação de um pedaço de madeira dentro da sacola, por isso não se pode ver as expressões dele. O garoto parece estar com uma expressão de fadiga, parecida com a da mulher, ao menos é o que se identifica pela parte do rosto dele que está visível.

A legenda contribui para confirmar que se trata de uma família: *“Depois de mais de 20 anos, Lixão da Caturrita deverá deixar de existir. Hoje são cerca de 300 famílias que garimpam no local”*. A matéria não possui nenhuma fala desses catadores em discurso direto e a única menção a eles no texto é a seguinte: *“Catadores como Cláudio Nunes, 44 anos, terão que encontrar um novo meio de sobrevivência”*.

A imagem possui uma linha horizontal dividindo o chão, repleto de lixo e entulho, daquilo que está construído sobre ele – as barracas. Os catadores estão dispostos na vertical e a linha horizontal atravessa-os na altura de suas cabeças. Dessa forma o lixo parece cobri-los, dos pés até a altura do pescoço, dando a impressão de que eles estão imersos num contexto de detritos e “restos”. Observa-se um contexto parecido na capa da edição do dia 02/04/08, a qual também demonstra um catador em meio ao lixo:



Figura 11 – Catador solitário coletando recicláveis no Lixão da Caturrita

Fonte: Jornal A Razão. (02/04/08)

A foto parte de dentro de um prédio abandonado (ou mal cuidado) localizado no Lixão da Caturrita. A imagem enfoca um canto da casa, que possui duas aberturas para janelas, uma de cada lado do canto. Não há janelas, estas parecem ter sido arrancadas. A abertura da esquerda possui maior enfoque, devido ao fotógrafo tê-la exposto mais do que a outra. Ele se deslocou para a esquerda, permitindo uma maior visão dos elementos que estavam expostos no exterior dessa abertura, dando menos visibilidade ao lado direito.

O que se vê pelas aberturas, para além do prédio, no plano distante, são uma cerca e um terreno coberto de lixo. No lado esquerdo, após a cerca, o terreno começa a elevar-se, sendo possível percebê-lo bem mais alto na extrema direita da foto, na parte superior. Na parte em que o terreno é baixo, à esquerda, nota-se, num plano mais distante ainda, um campo e árvores. Quase imperceptível nessa foto está a figura de um homem. Ele pode ser visto através da abertura da janela do lado direito, pequeno, carregando uma sacola ao lado do

corpo, o que oculta as suas pernas. Ele está de boné, solitário – pois é o único componente vivo presente na foto – e move-se, cabisbaixo, em direção à montanha de lixo.

O formato de retângulo horizontal da foto passa “a impressão de repouso, de profundidade e de frieza” (LIMA, 1998, p. 53). Ou seja, nada parece mover-se, a não ser o homem que, ainda assim, caminha devagar, sem pressa, e talvez até se possa dizer, desorientado e triste. A solidão na qual ele se encontra é visível: só há ele no meio da montanha de lixo, até mesmo o prédio já foi abandonado.

Sabe-se que um componente vivo sempre domina os demais, com algumas exceções. A foto em questão corresponde a uma dessas exceções e por dois motivos. O primeiro deles ocorre devido ao componente fixo, a casa abandonada, estar em plano próximo e, dessa forma, tornar-se mais aparente que o homem. O segundo motivo deve-se ao fato do componente vivo ocupar um espaço reduzido na foto, podendo, a um leitor despercebido, ser confundido com o restante da paisagem.

Outro elemento importante na “leitura” da imagem é a luminosidade e a cor. Há um contraste entre a parte interior do prédio que não possui claridade, a luz do sol – exceto na borda da “janela” direita e na parte inferior da abertura da esquerda – e entre a parte exterior do prédio, “banhada” em luz. Segundo Lima (1998, p. 87) “o excesso de luz acentua o contraste entre as superfícies claras e escuras, retirando dos objetos, entretanto, os seus detalhes e texturas, que esmiuçam a sua superfície e imprimem a visão do volume”. Com isso, a luminosidade oferece volume à paisagem fora do edifício, antecipando-a sobre a sua parte interna e atraindo o olhar.

A paisagem é contraditória: ela está, ao mesmo tempo, cheia e vazia. Está cheia de entulhos, escombros, lixo. Porém, é uma paisagem de desolação, não há componentes vivos, com exceção do catador solitário e, ainda assim, ele é quase imperceptível. A linha do horizonte alta oferece a sensação de submergi-lo em meio ao lixo e às ruínas.

Como a foto da matéria anterior, figura 10, de 05, 06/01/08, essa imagem demonstra o catador imerso num contexto de lixo. O lixo o envolve, o domina e o faz pequeno, nesse caso, até mesmo imperceptível. Certamente que essas duas fotos foram feitas no Lixão da Caturrita, depósito de lixo de Santa Maria, logo, espera-se que haja detritos por toda a parte. Mas a questão é diferente, é a maneira como a foto é tirada que produz representações acerca dessas pessoas e movimenta sentidos na compreensão da situação delas. Por exemplo, essa foto do catador solitário em meio ao lixo teria interpretações muito diferentes se fosse tirada com o catador em primeiro plano e a linha do horizonte mais baixa. O lixo ainda assim estaria

presente na imagem, mas não recobriria o entorno do catador, não o estaria cobrindo até em cima.

Também não se pode esquecer que essa não foi a única foto tirada, deveriam haver muitas outras relacionadas a outros formatos, planos e com outras relações entre os componentes vivos e fixos. Entretanto, escolheu-se justamente essa para se colocar na capa, talvez pelo impacto que ela causa. Mas o importante é que ela movimenta sentidos, representações, interpretações que podem significar muito para a maneira como o jornal compreende a situação dos catadores.

O fato do catador estar num plano distante impede que se possa perceber o seu rosto e a expressão que ele possui. A única visibilidade sobre o seu corpo é o fato de estar caminhando, carregando uma sacola e cabisbaixo, provavelmente buscando algum objeto reciclável. Não se pode identificar as emoções presentes no rosto dele, mas se pode conceber algumas impressões que envolvem a cena: a solidão, a desolação e, até mesmo, o possível cansaço do catador.

Ainda há outra foto dentro da matéria, na p. 07. Num formato de retângulo horizontal, vê-se o mesmo catador ao lado esquerdo da imagem, virado de costas para o leitor, com a sacola pendurada nas costas, segurada pela mão direita. Ele está com as pernas entreabertas e ocupa uma pequena parte da foto. O restante do que se vê é o Lixão, com muitos objetos dispostos no chão. A linha do horizonte novamente é alta, dividindo o espaço entre a terra e o céu na parte superior da foto.



Figura 12 – Catador no Lixão da Caturrita
Fonte: Jornal A Razão. (02/04/08)

O retângulo no sentido horizontal deixa na foto a sensação de repouso, profundidade. A inércia da imagem é evidente, tanto por ser uma paisagem quanto por ter apenas um componente vivo que não se encontra em movimento. Uma interpretação possível é de que tudo está parado no Lixão da Caturrita, não há mais caminhões despejando lixo e a maioria dos catadores já foi embora, buscar outra forma de sustento.

O catador está em plano médio e se destaca por três motivos: é o único componente vivo frente a elementos fixos, forma uma linha vertical no meio de uma cena predominantemente horizontal e está localizado num dos pontos áureos da imagem. Novamente, não se vê o rosto do catador, mas a impressão que se tem é a de que ele está indo embora, visto que a sacola está nas costas, parecendo estar se despedindo do lugar.

A legenda, porém, mobiliza sentidos diferentes: “*Esperança – No domingo, José Geraldo ainda circulava no antigo Lixão da Caturrita. O catador buscava ferro para vender*” (grifo da matéria). O enunciador ao escrever “*esperança*” denuncia o seu ponto de vista sobre a situação dos catadores que permanecem no Lixão: ele observa a fotografia do catador olhando tristemente o entulho e as ruínas e demonstra ter essa compreensão da circunstância, ou seja, ele “vê” esperança na vontade do catador de encontrar algo que possa ser reaproveitado em meio as sobras do Lixão. Se ele houvesse escolhido a palavra “tristeza” ou “solidão” ao invés de “esperança”, o resultado seria de outra leitura interpretativa da situação, bem como produziria outras abordagens temáticas.

Análise do texto icônico no jornal Diário de Santa Maria

No DSM percebe-se que as matérias sobre os catadores possuem outro enfoque, outras temáticas. Há o predomínio de matérias e fotos sobre eles em situações de dificuldades e desventuras. As imagens demonstram-nos cabisbaixos, com expressões tristes e desoladas. No geral, estão em meio a ações ou como se estivessem contando a sua história para o co-enunciador, dispostos em frente a ele e gesticulando ou apontando para algo. Os principais objetos com os quais estão envolvidos são, novamente, artefatos encontrados no lixo. A diferença entre as imagens de A Razão e as do Diário é que, no primeiro, o lixo é visto (na maioria das matérias) como fonte de alegria e transformação, já no DSM ele está relacionado ao trabalho árduo e à condição subumana. Os espaços em que se encontram é, algumas vezes, o Lixão da Caturrita, outras, as suas próprias casas. Algumas expressões não foram identificadas.

Uma das imagens que mais atrai a atenção no *corpus* e possui os indícios acima é da edição do final de semana de 16, 17/08/08, p. 20, a qual faz parte de uma série de reportagens especiais feitas sobre as eleições para prefeito em Santa Maria. O enfoque desta reportagem é a limpeza urbana e o recolhimento de lixo na cidade.



Figura 13 – Mulher coletando recicláveis
Fonte: Jornal Diário de Santa Maria. (16, 17/08/08)

Nessa foto a interpretação provém da hierarquização dos planos. No plano próximo destaca-se uma série de garrafas pet, latas de conservas, sacolas de supermercados, embalagens de detergentes, todos vazios, destampados ou abertos e largados uns sobre os outros, como se estivessem no lixo. A impressão que se tem é a de que a foto foi tirada do lugar onde estão esses materiais, pois a proximidade é grande e eles estão bem visíveis na imagem, a ponto de se poder ler os seus rótulos. No plano médio percebe-se uma mulher, com o braço estendido, alcançando um desses objetos. Ela está debruçada sobre o local onde eles estão expostos e pode se ver apenas a parte superior do seu corpo, pois o resto está oculto pelas garrafas e embalagens vazias. O co-enunciador é colocado numa posição de inferioridade espacial, fazendo com que precise elevar o olhar para vê-la. Ele a olha de baixo.

Num plano mais distante vê-se a parte superior de um barraco de madeira, que está com a porta aberta. Não se pode ver o que há dentro, uma vez que a catadora está colocada bem em frente ao co-enunciador e a porta está atrás dela. Logo ela se interpõe entre a porta e o “leitor” da imagem, ocultando o que há no interior do casebre. Acima dessa pequena construção e da cabeça da mulher há o céu, indicado por nuvens.

Os componentes vivos, em geral, sobrepõem-se aos componentes fixos e móveis. Mas quando um desses últimos está em plano próximo pode dominar a presença dos componentes vivos (LIMA, 1998). É isso o que acontece nessa foto, os objetos estão perto o suficiente para atrair o interesse do co-enunciador. O olhar direciona-se primeiro a eles e depois segue rumo

à catadora. Apesar de não ter predominância na foto, a figura dela também tem destaque por estar localizada na parte central e superior da imagem.

Não há uma separação nítida entre a parte superior da foto e a página do jornal. Isso parece direcionar o olhar para o que está sobre a foto: o título da matéria. O título está escrito em letras negras sobre um fundo completamente branco, o que já o torna impactante, porém a frase contida nele é mais impactante ainda: “*Sobrevivência (in) digna*”. O enunciador joga com os parênteses, fazendo duas leituras de apenas uma enunciação. É um enunciado polifônico, em que uma voz determina que os catadores possuem uma sobrevivência digna, isso porque trabalham e não precisam cometer atos ilícitos e nem dependerem de assistencialismo para sobreviver; enquanto outra voz declara que ser catador é uma sobrevivência indigna, provavelmente devido às dificuldades, preconceitos e à falta de amparo que sofrem.

A legenda identifica a catadora, bem como o lugar onde ela está, e ainda acrescenta a explicação do título: “*Em busca do sustento – Andréia, o marido e o filho mais velho catam materiais recicláveis para poder sobreviver. O fechamento do lixão da Caturrita acabou tornando a vida mais difícil pra ela*”. A partir disso compreende-se que a sobrevivência digna provinha do Lixão, mas com o encerramento das atividades, tornou-se indigna.

O rosto da catadora pode demonstrar “leituras” diversas sobre a expressão dela. O que mais se identifica é o interesse, ela parece estar muito concentrada, envolvida no que está fazendo, pois seus olhos estão fixos num objeto que ela recolhe com a mão. A postura arqueada é para que ela possa alcançar o artefato, entretanto é uma das posturas que mais representam os catadores, pois eles sempre precisam estar agachados, curvando-se para recolher os materiais. Na maior parte das fotos observadas na imprensa de Santa Maria esses trabalhadores são vistos cabisbaixos, com os olhos atentos ao chão, algumas vezes curvados, outras em pé. Mesmo quando o lixo é transformado em artesanato os catadores estão com a face voltada para baixo e com a coluna vertebral arqueada para poder trabalhar com ele.

Outra imagem que traz a sensação de infortúnio, desventura que afeta a vida dos catadores é a que está presente na capa do dia 19/03/08, a qual traz a imagem de um catador solitário no Lixão da Caturrita:



Figura 14 – Catador procurando recicláveis no Lixão da Caturrita
 Fonte: Jornal Diário de Santa Maria. (19/03/08)

Esta foto é tirada do alto, enfocando o catador ao lado esquerdo da imagem, com cabeça voltada para o chão e de boné, o que impede que se veja o seu rosto (principalmente pela aba do boné). Ele está com o corpo inclinado para o lado em que a foto é tirada, ou seja, o lado direito do seu corpo aparece bem. Pode se perceber uma sacola segurada pela mão esquerda. O braço direito está estendido ao lado do corpo. Observa-se que ele está de chinelos e possui uma perna (a direita) à frente da outra.

Ao seu redor, o chão coberto de lixo. Num plano mais afastado, geograficamente, há um pequeno morro, também coberto de lixo. Próximo a parte superior da foto, bem em cima, quase imperceptível, está a linha do horizonte, dividindo o chão do céu azul.

Novamente, como identificado na foto da edição do jornal A Razão do dia 02/04/08, figura 12, o formato de retângulo horizontal representa a estagnação, o repouso. Tem-se a sensação de que tudo está parado na foto, até mesmo o catador. Ele está à procura de materiais recicláveis, mas parece não estar fácil de encontrá-los, visto que está de pé, a olhar para o chão.

Ele está em evidência na foto, tanto por formar uma linha vertical no meio de uma paisagem completamente horizontal, quanto por ser o único componente vivo de toda a cena. O horizonte está (bem) elevado, enfocando a presença do homem no meio da grande quantidade de lixo.

A imagem possibilita a sensação de solidão, de um lugar desabitado, ermo, mas, ao mesmo tempo, repleto de objetos pelo chão. A solidão se deve ao fato de não haver pessoas, habitações, animais, flores e árvores, apenas objetos que não possuem utilidade – inclusive, para a reciclagem, sendo este o motivo da busca infrutífera do catador.

A legenda da foto direciona a interpretação dada pelo enunciador: “*Lamento dos catadores – Jorge da Silva (foto), 38 anos, tira o sustento desde os 13 do Lixão da Caturrita. Como os últimos resíduos chegaram na quinta, hoje ele cata ‘a sobra da sobra’, e não sabe o que fará da vida. Como ele, são cerca de mais 250 catadores*”. Pode-se dizer que o enunciador “lê” na foto o lamento, a tristeza, a falta de solução para a situação em que está o catador. Se compararmos com a legenda da foto da figura 12, de 02/04/08, observa-se que o enunciador de A Razão “vê” esperança na vontade do catador de encontrar materiais recicláveis junto ao que restou do Lixão da Caturrita. Então, onde AR percebe “esperança”, o DSM percebe “lamentação”. São duas enunciações diferentes que movimentam sentidos e representações diversas sobre a maneira como cada jornal percebe o contexto dos catadores.

Outra situação de dificuldades e resistência presente nas matérias do *corpus* do Diário de Santa Maria é a que se observa na edição do dia 13, 14/12/08 do jornal, na contracapa:



Figura 15 – Garoto sentado em frente a casa
Fonte: Jornal Diário de Santa Maria. (13, 14/12/08)

A imagem representa um garoto sentado no que deveria ser um degrau, mas é apenas uma tábua de madeira sobre dois tijolos. O garoto situa-se no centro da imagem, sem camisa, descalço e com as duas mãos estendidas segurando o aro da roda de uma bicicleta. Está sentado em frente à porta de um casebre de madeira, do qual só se avista a parte inferior. Do lado direito do garoto, avista-se o tronco de uma árvore, na qual se encontra inclinada a carcaça de uma bicicleta. A casa não possui calçamento.

O rosto do garoto é o ponto central da foto, “por onde o olho chega à imagem, e a partir do qual o restante é visualizado” (LIMA, 1998, p. 55). A expressão dele demonstra tristeza, desânimo, desesperança, até mesmo, desapontamento. Repare na direção dos seus

olhos, estão voltados para o chão, indiciando o pensamento dele sobre alguma situação que provavelmente não lhe agrada e ele não sabe como resolver.

Nas mãos dele está, provavelmente, o motivo da tristeza: uma parte da bicicleta. O restante dela está encostada na árvore, sem as rodas. A bicicleta parece estragada e mesmo desmontada, sendo impossível andar sobre ela. Assim, a compreensão da cena está formada, pois tudo indica que o brinquedo preferido dele está inutilizado, precisando de um conserto, mas ele não possui condições financeiras para arrumar ou mesmo comprar outra bicicleta.

A presença de linhas verticais na imagem, tais como as tábuas da casa e a árvore trazem a sensação de calor, de movimento (LIMA, 1998), ou seja, aproximam o co-enunciador do que há no texto icônico, convidando-o a sensibilizar-se com a expressão do garoto e mesmo da cena na qual se encontra. A legenda auxilia nessa sensibilização: *“Tudo o que o garoto de 12 anos quer é o conserto da velha bici para poder ajudar a família a juntar recicláveis”*.

A legenda parece fazer um apelo ao co-enunciador, afirmando que o garoto deseja o conserto da sua bicicleta para, com ela, auxiliar no sustento da família. Ou seja, ele precisa da “bici” para trabalhar e não para brincar como a maioria das crianças.

O título, acima da foto, é muito sugestivo. O co-enunciador é interpelado pelo uso de vários recursos a se compadecer da situação do garoto e tentar ajudá-lo. O título é o momento em que isso fica mais explícito: *“Papai Noel, Filipe merece”*. O enunciador vem, por meio do interdiscurso, referir-se ao que os pais costumam dizer aos filhos quando o Natal se aproxima: *“se você se comportar e for bonzinho o Papai Noel irá trazer o que deseja”*. O enunciador atesta que o menino merece ganhar o presente e, assim, coloca o leitor em posição de Papai Noel, ou ainda, em posição de alguém que pode ajudar o garoto.

Em algumas das fotos presentes no Diário os catadores estão em meio a cenas de desespero e tristeza. Na edição do dia 24/07/08, p. 10, sob o título de *“O vento ainda sopra”*, percebe-se a parte superior do corpo de uma mulher – da cintura para cima –, ao lado direito da imagem, em primeiro plano, com o braço esquerdo levantado e a mão cobrindo parte dos olhos. Ela tem um gorro na cabeça e está vestida com uma jaqueta. Em plano médio-afastado há um guarda-roupa de madeira, disposto no centro da imagem, sendo que um dos lados dele é encoberto pela mulher. No outro lado, vê-se um homem, parado atrás do guarda-roupa, de perfil, do qual também se pode ver somente a parte superior do corpo, olhando para algo no lado direito e superior. Acima está o teto da casa, com uma abertura sobre a cabeça do homem. O fotógrafo tirou a foto de uma posição inferior, pois os elementos vivos são percebidos da cintura para cima e vê-se boa parte do teto da casa.



Figura 16 – Mulher chorando
 Fonte: Jornal Diário de Santa Maria. (16, 17/08/08)

As pessoas estão em evidência na cena, pois a cabeça dela está num ponto áureo assim como a dele está em outro. Podemos, ainda, observar que a cabeça dela e a cabeça dele formam uma linha diagonal ascendente na imagem. Essa linha vai do ângulo inferior esquerdo (foca o homem) até o ângulo superior direito (chega até a mulher) e dá a impressão de harmonia na cena (LIMA, 1998).

A mulher possui uma expressão de desespero, pois a mão esquerda cobre parte dos olhos, que se podem ver fechados. A boca está encurvada para baixo, demonstrando que ela chora. A expressão do homem não pode ser vista, pois ele está longe demais e de perfil, apenas parece olhar para algo na parte superior da casa.

A legenda traz o sentido que o enunciador percebe da foto: “*Desolação – Adriana não segura as lágrimas ao lembrar da noite em que a ventania lhe deixou sem nada*”. A legenda explica o porquê da abertura no teto, pois foi o vendaval que levou as telhas embora.

3.4. A construção do sujeito catador na mídia impressa de Santa Maria

3.4.1 O sujeito catador no jornal A Razão

Com base na análise realizada nos valores-notícia e nos textos verbal e icônico, observou-se que A Razão apresenta um catador envolto em situações excepcionais, pois os fatos que ocorrem com ele ou nos quais ele está envolvido não são costumeiramente esperados pela comunidade. Isto é, comum é vê-lo em situações negativas, de miserabilidade e em meio a desgraças, mas não em situações agradáveis, nas quais ele auxilia instituições de

caridade ou viaja para expor seus artesanatos. A Razão mostra-o, especialmente, pela subversão dos valores do senso comum, ou seja, pela subversão do estereótipo de excluído.

O catador é construído com porções de esperança e de alegria e teve sua vida mudada de forma definitiva pela participação no Projeto Catando Cidadania. O Projeto transforma-o, ao mesmo tempo, em aprendiz e conhecedor, pois ele aprende artesanato para depois ensinar para outros; ele passa a buscar cultura, dignidade e reconhecimento na sociedade, bem como passa a ter uma posição mais ativa na construção da sua identidade. Por todos esses indícios, o jornal sempre enfatiza a importância e a relevância desse Projeto na vida dos catadores, como se ele fosse, de certa maneira, a salvação, a libertação dos catadores de uma vida miserável.

A Razão possui uma enunciação mais objetiva e imparcial (se comparada à enunciação do Diário) no que se refere às matérias sobre os catadores. Busca distanciar-se da linguagem coloquial e utiliza muito o DD e o DI (nunca o DIL, como se observa no Diário), deixando bem claro as falas dos catadores, não se comprometendo, bem como se afastando do que eles dizem.

Assim, pode-se dizer que o catador é mostrado como alguém capaz, ativo socialmente, feliz com a sua condição e buscando seu reconhecimento social. Entretanto, todas essas características só são possíveis, na interpretação do jornal, por meio da participação dele no Projeto Catando Cidadania.

3.4.2 O sujeito catador no jornal Diário de Santa Maria

O Diário apresenta um catador envolto em situações negativas, sofrendo com dificuldades e injustiças e vendo a sua vida que já era difícil, tornar-se mais pesada ainda. São matérias que mostram um catador em meio a emoções de desespero, desalento, tristeza, descrédito frente aos acontecimentos que lhe afligem. O DSM enfoca justamente os valores, os estereótipos e os (pre) conceitos que a sociedade tem acerca dos catadores.

O Diário possui uma narrativa mais sentimentalista, recoberta de emoção e dramaticidade, a qual evidencia bem os aspectos tristes e marginalizados que envolvem as situações presenciadas pelos catadores. O jornal usa com frequência o DIL, misturando, assim, a sua voz e a do catador, e aproximando-se da opinião dele. Isso gera uma espécie de concordância, confiança no que é dito pelo catador; o jornal se põe ao lado deste trabalhador, ele é solidário com o seu sofrimento.

É importante destacar que este jornal possui uma estrutura aberta diferentes linguagens, ou seja, ele traz para a sua enunciação diversas vozes e modos de falar

características de diversos grupos sociais. Assim, muitas palavras e expressões que são usadas pelos catadores são apropriadas pelo jornal e utilizadas sem qualquer marcação tipográfica, indicando que o DSM deseja aproximar-se da linguagem deles. Isso gera a sensação de que o jornal é feito para todos os tipos de público, ou ainda, que todos os leitores podem se encontrar e se reconhecer no Diário.

O catador do Diário é um sujeito que vive uma realidade de exclusão, um trabalhador vulnerável, passivo frente às dificuldades que lhe assolam, descontente com a sua condição, mas que não sabe e não pode fazer algo para mudá-la, a não ser confiar e esperar que as coisas melhorem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nasceu, inicialmente, da nossa participação no Programa de Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis do município de Santa Maria, pois o contato e a convivência que tivemos com os catadores foi uma experiência muito rica, mas que também nos recobriu de inquietações, dúvidas e desejo de compreender a sua posição na sociedade - quem são os catadores e como são vistos pela comunidade na qual estão inseridos. A mídia está fortemente relacionada à constituição da identidade dos catadores, pois ela tanto trabalha a identidade social deles junto ao público receptor, bem como produz uma identidade midiática sobre esse segmento, a qual pode influir na concepção que a sociedade possui deles. Dessa forma, o problema de pesquisa centrou-se em conhecer as maneiras pelas quais a mídia impressa de Santa Maria constrói a identidade social e midiática dos catadores de materiais recicláveis.

Para conhecer as respostas desse questionamento, iniciou-se o caminho pela discriminação do conceito de identidade social e da maneira como ela é construída. Ao se recapitular aquilo que foi desenvolvido no primeiro capítulo, tem-se que o catador é o *outro* da sociedade, pois vive em condições e em realidades completamente diversas do que se considera *normal*, aceitável e até mesmo desejável. Por isso, ele é ignorado e se torna *invisível*. A ele são oferecidas representações e valorações negativas, pejorativas que lhe impõem uma imagem, uma identidade da qual é difícil desvencilhar-se: ele é visto como marginal, perigoso, insolente, excluído. Dessa forma, observa-se que, *a priori*, enquanto apenas exerce a sua atividade de catador – por mais benefícios ecológicos e ambientais que possa estar trazendo – ele não é algo sobre o qual se deseje saber ou mesmo que possua algum interesse público destinado à comunidade.

Mas quando esse catador realiza algo que não se espera de alguém que está na condição dele ou, ainda, quando ele sofre algum infortúnio, alguma adversidade ou desventura, ele se destaca e passa a se *visto*, a ser relevante socialmente. Nesse momento, ele se torna interessante para a mídia porque se “enquadra” nos valores-notícia e se transforma em pauta. Ele se “enquadra” nos valores-notícia porque os jornalistas vêem nele a representação de valores que são partilhados socialmente sobre a condição de um catador – uma vida miserável – e/ou a subversão desses mesmos valores – quando o catador sai dessa vida miserável, quando ele se transforma em cidadão e, de certa maneira, “apaga” a imagem de ambiguidade e contradições que a sociedade tem do seu caráter.

A partir disso, a mídia impressa reconstrói o catador nas páginas dos seus jornais, formulando sobre ele uma identidade midiática. Dito de outra maneira, a mídia trabalha a identidade social do catador junto à opinião pública e a sua atuação produz, assim, uma identidade midiática sobre ele. Essa última está ligada a estereótipos do que se imagina sobre a vida e a condição do catador.

É imprescindível lembrar que os que os (grandes) jornais reproduzem o modo de pensar (a ideologia) da elite, tornando-a como parte da estrutura natural das coisas. Então, a mídia oficializa os estereótipos e os estigmas que envolvem o catador, percebendo-o apenas sob esses preceitos.

Trazendo essas informações para a realidade estudada, percebe-se que os jornais em questão, *A Razão* e *Diário de Santa Maria*, são empresas com foco no lucro e dirigem-se a um público alvo preestabelecido e formado por pessoas predominantemente da classe A, B e C, como ressaltado na apresentação dos jornais, no capítulo dois. Os jornais, portanto, são feitos para essas classes e buscam tratar de temas que possam ser interessantes e pertinentes para a realidade delas.

Os catadores não fazem parte da camada com poder (mesmo por mínimo que seja) aquisitivo da sociedade; eles estão localizados, provavelmente, nas classes D e E (se não existirem outras letras ainda mais inferiores nessa classificação), o que já os exclui da imagem do leitor ideal construída pelos jornais. Portanto, compreende-se que as edições de *A Razão* e *Diário de Santa Maria* não são destinadas aos catadores. Dessa forma os enfoques e as representações que os jornais ofertam acerca dos catadores de materiais recicláveis, são (ao menos preponderantemente) indiferentes ou pouco significativas para a vida desses trabalhadores.

Assim, a informação que envolve os catadores só é considerada válida jornalisticamente quando ele tem algum tipo de influência, interferência ou impacto no universo da comunidade que constitui público alvo dos jornais. Ou seja, é preciso que o catador seja expulso do Lixão da Caturrita devido ao fechamento e vá coletar nas ruas, aumentando, dessa maneira, o contingente de pessoas a remexer e buscar materiais nas lixeiras da cidade, bem como dificultando o trânsito, para que o leitor tenha interesse na figura do catador. E, portanto, o catador possa se tornar pauta e notícia nos jornais da comunidade.

Com base nisso, pode-se chegar, então, a verificação do objetivo geral desta pesquisa: a construção da identidade dos catadores nos jornais de Santa Maria.

A análise dos valores-notícia, do texto verbal e do texto icônico permitiu que se percebesse no jornal *A Razão* a construção de um catador envolto em fatos e eventos que

além de ser do interesse de toda a comunidade, são incomuns, inusitados, distanciam-se da ideia que se faz da realidade desse trabalhador. O jornal apresenta-o com uma imagem positiva, alegre e descontraída, como alguém que possui conhecimentos e experiências que merecem ser difundidos, isso em função da vida que leva, da participação no Projeto Catando Cidadania, da produção de artesanatos. O catador é representado como um sujeito que passa dificuldades, é desfavorecido econômica e socialmente, mas consegue encontrar maneiras de resistir e ser feliz.

A Razão oferece voz a esse trabalhador, com o intuito de permitir que ele dê seu testemunho da realidade. Entretanto, esse testemunho frequentemente valoriza a atuação do Projeto Catando Cidadania e a interferência dele na autoestima e na dignidade do catador. Dessa forma, o jornal busca enfatizar que as mudanças e melhorias na situação do catador provêm, geralmente, da participação dele no Projeto.

O jornal Diário de Santa Maria representa o catador com uma imagem de desespero, tristeza, aflição, agonia e sofrimento, ou seja, as situações que o envolvem são predominantemente negativas. Esse sujeito construído pelo Diário é alguém que sempre padece com as dificuldades que o tempo, a falta de oportunidades, a adversidade e a exclusão provocam na vida dele. Mas, ainda assim, o jornal sempre busca mostrar a esperança que o catador tem de conseguir melhorar a sua situação, talvez como uma maneira de compensação pelos pesares que sofre. Aqui, a realidade de exclusão e miserabilidade que envolve a maior parte dos catadores fica bem evidente e explícita, ao contrário das matérias sobre os catadores no jornal A Razão, que enfoca um lado mais “suave” da vida de alguns deles – a participação no Catando Cidadania.

Observa-se que o Diário não se contenta apenas em oferecer voz ao catador; ele também mistura a sua voz com a do catador, aproximando-se do ponto de vista deste último e, assim, compadecendo-se e demonstrando com muito sentimentalismo os aspectos de uma vida repleta de dificuldades e tristezas.

Dessa forma, observou-se que a abordagem dos jornais é diferente no que se refere aos catadores. Enquanto A Razão prioriza mais matérias que falem positivamente deles, em que são agentes ativos na construção e busca de sua cidadania e dignidade, o Diário de Santa Maria os expõe em situações miseráveis, retrata-os em posições mais passivas frente às dificuldades, nas quais resta apenas a resistência e a esperança.

Essa diferença nas abordagens provém, especialmente, da preparação da matéria, pois A Razão utiliza com assiduidade o material recebido das assessorias de comunicação. E sabe-

se que o Projeto Catando Cidadania envia com frequência releases⁴⁵ para a imprensa, bem como para outras instituições, informando suas atividades. Já na redação do Diário os releases são aproveitados com mais seletividade e com menos frequência, deixando-os para momentos em que novos fatos estão mais escassos.

⁴⁵ Informações que podem vir a se tornar notícias podem se referir as pessoas, grupos, entidades ou organizações. São enviadas pelas assessorias de comunicação para os diferentes veículos da mídia, com o objetivo de que esses possam vir a difundir essas informações.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação**. Da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005.

BRANDÃO, Helena. H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 4ª Edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise de discurso**. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.

GOFFMAN, Irving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. ; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 6ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNCÁ, Denise; GONÇALVES AZEVEDO, Verônica; PARENTE GONÇALVES, Marilene. **A mão que obra no lixo**. Niterói, RJ: EdUFF, 2000.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: Espaço e Tempo, 1998.

MACHADO, Marcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v.1, nº 14, p. 1-11, janeiro/julho, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Dicionário de análise do discurso**. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Novas tendências em análise do discurso.** 3ª Edição. Campinas, SP: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. **Termos-chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MARCUSHI, Luiz Antônio. A ação dos verbos introdutórios de opinião. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, ano XIV, nº 64, p. 74-92, janeiro/junho de 1991.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2ª Edição. São Paulo: Summus, 1988.

MIURA, Paula Orchiucci Cerantola. **Tornar-se catador:** uma análise psicossocial. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso:** análise das características substantivas das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 7ª Edição. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos.** 2ª Edição. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PONTE, Cristina. **Leituras das notícias:** contributos para uma análise do discurso jornalístico. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

SILVA, Gislene. **Valores-notícia: atributos do acontecimento** (Para pensar critérios de noticiabilidade I). Trabalho apresentado no NP 02 - Jornalismo, do V encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/17409>> Ano 2005. Acesso em janeiro de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria.** In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Editora Presença, 1987.

ENTREVISTAS

BATISTA, José Mauro. **José Mauro Batista**: depoimento [janeiro, 2010]. Entrevistadora: Fernanda Kist Brusius. Santa Maria, 2010. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado – Mídia e Identidade: Os catadores de materiais recicláveis nos jornais de Santa Maria.

CERVI, Luiz Geraldo. **Luiz Geraldo Cervi**: depoimento [outubro, 2008]. Entrevistadora: Fernanda Kist Brusius. Santa Maria, 2008. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado – Mídia e Identidade: Os catadores de materiais recicláveis nos jornais de Santa Maria.

FONTANA, Andréia. **Andréia Fontana**: depoimento [janeiro, 2010]. Entrevistadora: Fernanda Kist Brusius. Santa Maria, 2010. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado – Mídia e Identidade: Os catadores de materiais recicláveis nos jornais de Santa Maria.

SITES

A RAZÃO. **Empresa Jornalística de Grandi Ltda.** Disponível em: <<http://www.arazao.com.br>>. Acesso em: janeiro de 2010.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações - CBO.** Disponível em: <www.ministeriodotrabalho.gov.br>. Acesso em: novembro de 2009.

GRUPO RBS – **Rede Brasil Sul de Comunicação.** Disponível em: <http://www.rbs.com.br>. Acesso em: janeiro de 2010.

MOVIMENTO NACIONAL DE CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS - **MNCR.** Disponível em: <<http://www.mncr.org.br>>. Acesso em: novembro de 2009.

PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA. Org. da ONG: Irmã Lurdes Dill. Disponível em: <<http://www.esperancacooesperanca.org.br>>. Acesso em: outubro de 2009.

REVISTA ÉPOCA. Organizada e editada pela Editora Globo. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT764232-1664,00.html>>. Acesso em: setembro de 2009.

ANEXOS

ANEXO A - Carta de Brasília

CARTA DE BRASÍLIA⁴⁶

1º Congresso Nacional do MNCR em 2001

Os participantes do **1º CONGRESSO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**, realizado em Brasília nos dias 4, 5 e 6 de junho de 2001, que contou com a participação de 1.600 congressistas, entre catadores, técnicos e agentes sociais de dezessete estados brasileiros, e os 3.000 participantes da **1ª MARCHA NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA**, no dia 7 de junho do mesmo ano, apresentam a toda a sociedade e às autoridades responsáveis pela implantação e efetivação das políticas públicas, as reivindicações e propostas que seguem. E o fazem contando com a força nascida de um longo processo de articulação, apoiado pelo **Fórum Nacional de Estudos sobre População de Rua**, que teve seu ponto alto no 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, realizado em Belo Horizonte, MG, em novembro de 1999, onde decidiu-se pela organização do presente Congresso.

Conscientes da nossa cidadania e da importância do trabalho que desenvolvemos e das tecnologias por nós elaboradas, já qualificadas em mais de cinco décadas de atuação cotidiana, tomamos a iniciativa de apresentar ao Congresso Nacional um ante-projeto de lei que regulamenta a profissão **catador de materiais recicláveis** e determina que o processo de industrialização (reciclagem) seja desenvolvido, em todo o país, prioritariamente, por empresas sociais de catadores de materiais recicláveis.

Em relação ao Poder executivo, propomos:

1.1 – Garantia de que, através de convênios e outras formas de repasse, haja destinação de recursos da assistência social para o fomento e subsídios dos empreendimentos de Catadores de Materiais Recicláveis que visem sua inclusão social por meio do trabalho.

1.2 - Inclusão dos Catadores de Materiais Recicláveis no Plano Nacional de Qualificação Profissional, priorizando sua preparação técnica nas áreas de gestão de empreendimentos sociais, educação ambiental, coleta seletiva e recursos tecnológicos de destinação final.

⁴⁶ Retirado do site do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/box_1/principios-e-objetivos/carta-de-brasilia>.

1.3 - Adoção de políticas de subsídios que permitam aos Catadores de Materiais Recicláveis avançar no processo de reciclagem de resíduos sólidos, possibilitando o aperfeiçoamento tecnológico dos empreendimentos com a compra de máquinas e equipamentos, como balança, prensas etc.

1.4 - Definição e implantação, em nível nacional, de uma política de coleta seletiva que priorize o modelo de gestão integrada dos resíduos sólidos urbanos, colocando os mesmos sob a gestão dos empreendimentos dos Catadores de Materiais Recicláveis.

1.5 - Garantia de que a política de saneamento tenha, em todo o país, o caráter de política pública, assegurando sua dimensão de bem público. Para isso, sua gestão deve ser responsabilidade do Estado, em seus diversos níveis de governo, em parceria com a sociedade civil.

1.6 - Priorização da erradicação dos lixões em todo o país, assegurando recursos públicos para a transferência das famílias que vivem neles e financiamento para que possam ser implantados projetos de geração de renda a partir da coleta seletiva. E que haja destinação de recursos do programa de **Combate à Pobreza** para as ações emergenciais.

2 - Em relação à cadeia produtiva:

2.1 – Garantir nas políticas de financiamentos e subsídios, que os recursos públicos sejam aplicados, prioritariamente, na implantação de uma política de industrialização dos materiais recicláveis que priorizem os projetos apresentados por empresas sociais de Catadores de Materiais Recicláveis, garantindo-lhes acesso e domínio sobre a cadeia da reciclagem, como estratégia de inclusão social e geração de trabalho e renda.

3 – Em vista da cidadania dos Moradores(as) de Rua

3.1 – Reconhecimento, por parte dos governos, em todos os níveis e instâncias, da existência da População de Rua, incluindo-a no Censo do IBGE e garantindo em lei a criação de políticas específicas de atendimento às pessoas que vivem e trabalham nas ruas, rompendo com todos os tipos de discriminação.

3.2 – Integração plena da População de Rua na política habitacional que garanta e subsidie a construção de casas em áreas urbanizadas, e que parta da recuperação e desapropriação dos espaços ociosos nos centros das cidades, garantindo-lhes o *direito à cidade*.

3.3 - Priorização da geração de oportunidades de trabalho, com garantia de acesso a todos os direitos trabalhistas, aos Moradores de Rua, superando especialmente as discriminações originadas na falta de domicílio e/ou na indicação de endereços de albergues.

3.4 – Promoção de políticas públicas de incentivo às associações e cooperativas de produção e serviços para e com os Moradores de Rua.

3.5 – Garantia de acesso à educação de todos os Moradores de Rua, especialmente das crianças, em creches e escolas, independente de comprovante de residência, possibilitando também a inclusão das famílias que moram nas ruas no programa Bolsa-Escola.

3.6 – Inclusão dos Moradores de Rua no Plano Nacional de Qualificação Profissional, como um segmento em situação de vulnerabilidade social, garantindo seu encaminhamento a formas de trabalho que geram renda.

3.7 - Garantia de atendimento no Sistema Único de Saúde - SUS aos Moradores de Rua, abrindo também sua inclusão nos programas especiais, como “saúde da família” e similares, “saúde mental”, DST/AIDS/HIV e outros, instituindo “casas-abrigo” para apoio dos que estão em tratamento.

Frente à significativa representação destes eventos, não temos mais dúvidas quanto à força e importância de nosso movimento e acreditamos que a transformação da realidade atual, será progressiva e crescente.

Acreditamos que a partir deste momento o Estado e a sociedade brasileira não terão condições de negar o valor do nosso trabalho. Lutaremos para alcançar maior autonomia e condições adequadas para exercer nossa profissão, comprometendo Estado e sociedade na construção de parcerias com nossas associações e/ou cooperativas de trabalho.

Trabalharemos cotidianamente pela erradicação do trabalho infantil e do trabalho nos lixões, colocando nossa força e nossas tecnologias à serviço da preservação ambiental e da construção de uma sociedade mais justa.

Pelo fim dos lixões!

Reciclagem feita pelos catadores, já!

Brasília, junho de 2001

ANEXO B - Carta de Caxias do Sul⁴⁷

CARTA DE CAXIAS DO SUL⁴⁸

20/02/2008

1º Congresso Latino Americano - RS em 2003



Somos 800 Catadoras e Catadores e representamos milhares de companheiras e companheiros do Brasil, do Uruguai e da Argentina. Queremos compartilhar com todas as pessoas a rica experiência de lutas, dificuldades, sonhos e conquistas vividas neste Congresso.

Esta luta não começou agora. Ela é fruto de uma longa história de mulheres e homens que, com seu trabalho de Catadores, garantiram a sobrevivência a partir do que a sociedade descarta e joga fora.

É uma história em que descobrimos o valor e o significado do nosso trabalho: coletando e reciclando materiais descartados, somos agentes ambientais e contribuimos com a limpeza das cidades. A organização de associações e cooperativas criou a possibilidade de trabalho e renda para os setores mais excluídos da sociedade.

Por tudo isso, o trabalho e as organizações dos Catadores são uma luz que aponta na direção de um novo modelo de desenvolvimento para nossas cidades e para nossos povos. Nossa experiência mostra que todas as pessoas podem ser muito mais felizes e saudáveis. Basta dar valor a tudo e reciclar tudo o que for possível, reciclando a própria vida.

Por que há, no entanto, tanta gente que não vê isso e não se junta a nós?

O Congresso nos ajudou a entender o que vivemos no dia-a-dia: fazemos parte de sociedades em que valem mais as mercadorias do que as pessoas e a natureza. Só se dá valor às coisas que se pode vender para aumentar os lucros. Tudo que sobra - até mesmo as pessoas - é jogado fora. Não se presta atenção ao que é tirado da natureza para fazer as coisas que compramos, e menos ainda ao que acontece com a natureza a partir do que se joga fora.

A mesma dominação capitalista que gerou essa mentalidade está exigindo, nos últimos anos, uma liberdade total para as grandes empresas e bancos fazerem negócios em todo o mundo. Ela não respeita nada, nem mesmo a cultura e a soberania dos povos. Usa até mesmo a guerra para consumir armas e como instrumento para se apropriar do resto das riquezas naturais do Planeta.

Em nossa América, a ALCA é o caminho escolhido para colocar nossos povos sob o domínio do império econômico e militar estadunidense. Sua implantação retirará de nossas mãos o poder de decidir sobre o nosso destino. Perderemos o poder de decidir sobre o melhor uso das riquezas existentes, como a água e a biodiversidade, bem como o de escolher a melhor maneira de reciclar os resíduos sólidos, reciclando, ao mesmo tempo, a nossa vida e a vida de toda a sociedade.

Não aceitamos esse projeto dos capitalistas. Ele é portador de exclusão e de morte para a maioria da humanidade. Nossa experiência de Catadoras e Catadores nos mostra que é

⁴⁷ Retirado do site do movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/box_1/principios-e-objetivos/carta-de-caxias-do-sul>

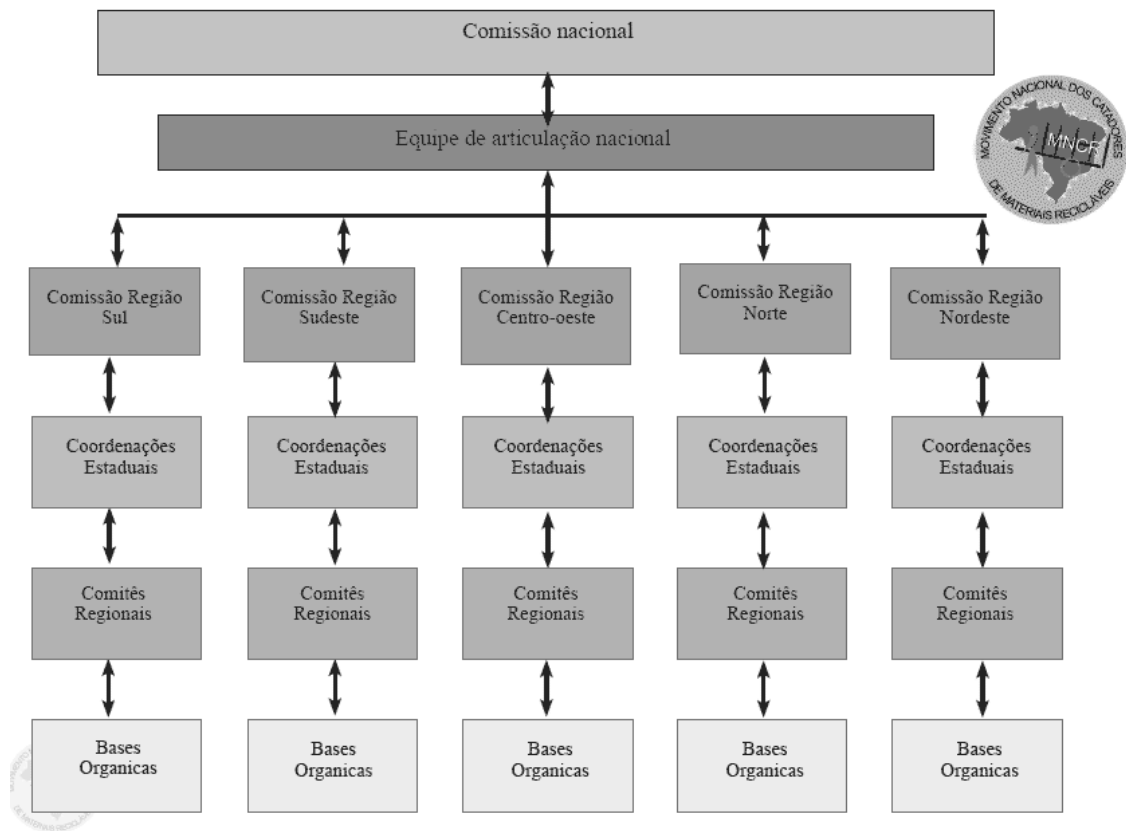
⁴⁸ Retirado do site do movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/box_1/principios-e-objetivos/carta-de-caxias-do-sul>

possível e já estamos abrindo um caminho novo e diferente, portador de vida para todas as pessoas e para o meio ambiente da vida.

Olhando para o futuro e com grande esperança, os participantes do 1º Congresso Latinoamericano de Catadores assumem e convidam as pessoas e povos a assumirem com eles os seguintes compromissos:

1. lutar em favor da organização de todos os Catadores e Catadoras em associações ou cooperativas, reforçando os Movimentos dos Catadores existentes, superando a fome e a exclusão por meio de iniciativas que gerem trabalho e renda;
2. intensificar o intercâmbio e a articulação entre as iniciativas e organizações de Catadores de recicláveis dos países do Mercosul e de toda a América Latina, visando a construção de redes de cooperativas, associações e empresas comunitárias e uma futura criação de um movimento latinoamericano deste setor.
3. trabalhar em favor de uma maior integração das comunidades de nossas cidades com as organizações de Catadores através de políticas e programas de educação ambiental, garantindo sua cooperação na separação e entrega dos recicláveis, no controle das ações dos governos, na valorização do trabalho dos Catadores, na participação em Fóruns de Gestão das políticas públicas;
4. conquistar, junto aos governos, o reconhecimento do trabalho dos Catadores na limpeza pública e a regulamentação da nossa profissão;
5. garantir programas de alfabetização e de formação para os Catadores que não tiveram oportunidades;
6. lutar pela revisão da legislação do cooperativismo para facilitar a implementação e o funcionamento do sistema no processo de organização dos Catadores;
7. lutar por novas formas de acesso dos Catadores aos benefícios da Previdência Social;
8. lutar contra a privatização do setor e garantir que os programas de coleta seletiva sejam implementados prioritariamente em parceria com as organizações de Catadores;
9. garantir que os investimentos do governo federal brasileiro para o setor de resíduos sólidos urbanos sejam condicionados à implantação da coleta seletiva em parceria com as organizações dos Catadores;
10. lutar pela erradicação dos lixões e implantação de aterros sanitários e pela garantia de investimentos para a implantação de infra-estrutura para o trabalho dos Catadores através de suas organizações;
11. lutar por uma legislação que exija que as empresas geradoras de resíduos sólidos assumam com responsabilidade o seu destino correto;
12. dar passos concretos para garantir o domínio da cadeia produtiva por parte das organizações dos Catadores, articulando-se com outros movimentos sociais para garantir que as propostas de leis e de políticas públicas referentes à coleta, triagem e industrialização de resíduos sólidos, elaboradas pelos Catadores, sejam assumidas pelos governos;
13. lutar por políticas públicas de fomento e incentivo para a capacitação e formação, com autonomia pedagógica das organizações de Catadores;
14. lutar pela criação de linhas de crédito específicas para grupos organizados de Catadores;
15. exigir a garantia da integração dos Catadores na política de saneamento ambiental;
16. lutar em favor de políticas de meio ambiente e de investimento em tecnologias adequadas de industrialização;
17. lutar em favor de nova modalidade de contrato de prestação de serviços entre as prefeituras e as organizações de Catadores na Coleta Seletiva;
18. mobilizar nossas organizações contra a guerra ao Iraque e contra a militarização do Continente Americano com bases estadunidenses, reforçando a luta pela paz.

ANEXO C – Estrutura Hierárquica Do Mncr



ANEXO D – Relação das Associações de Seleccionadores de materiais recicláveis não regularizadas

1) RENASCER

Endereço:

Rua Nércio de Oliveira, nº 55, Vila Jardim, Bairro Camobi.

Representante:

2) URLÂNDIA

Endereço:

Rua Alfredo Viana, nº.750 , Vila Urlândia, Bairro Urlândia.

Representante:

Vera

3) GOMES CARNEIRO

Endereço:

Rua Gal. Vitorino, nº. 497 , Vila Valdemar Rodrigues, Bairro Carolina.

Representante:

Maria, Adão Avelino Teixeira

4) GOMES CARNEIRO II

Endereço:

Rua Irmão Leão, nº.250 , Vila Maringá, Bairro Diácono João Luiz Pozzobon.

Representante:

Tereza ou Rosane Margarete da Silva

5) CANÁRIOS

Endereço:

Rua dos Canários, nº.220, Vila Bela Vista, Bairro Itararé.

Representante:

Atílio Righi Conterato

6) SANTA TEREZINHA

Endereço:

Rua “Beco dos Catadores”, nº. , Vila , Bairro Caturrita.

Representante:

Maria

7) UNIÃO FAZ A FORÇA

Endereço:

Rua , nº. , Vila Brasília, Bairro Salgado Filho. “CORAL”.

Representante:

8) ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES POR DO SOL - ARPS

Endereço:

Rua “V” ou “E”, nº. 09, Vila Por do Sol, Bairro Nova Santa Marta.

Representante: Maria

9) NOVO HORIZONTE**Endereço:**

Rua, nº. , Vila , Bairro Camobi.

Representante:**10) ASSOCIAÇÃO DOS PARENTES****Endereço:**

Rua Adelmo Genro Filho, nº.870, Vila Santa Rita de Cássia, Bairro Lorenzi.

Representante:

Luiz

11)ASCOV**Endereço:**

Rua Luis Castagana, nº123, Bairro João Goulart

Representante:

Paula – 9165-0599/3026-5520

12) ASSOCIAÇÕES LEGALIZADAS**12) ARSELE**

Endereço: Av. Borges de Medeiros, 511 – antigos galpões da RFFSA km2

Representante:

Terezinha: 8415-8355

13) ASMAR

Endereço: Rua Israel Seligman, 460 Bairro Nossa Senhora de Lurdes

Representante:

Margarete: 9936-5161

14) ARPS – POR DO SOL

Endereço: Rua Por do Sol E, nº9

15) ASSOCIAÇÃO DE CATADORES E RECICLAGEM NOEMIA LAZZARINI

Endereço: Rua Coronel Valença, nº138

ANEXO E – Identificação e discriminação da atividade de catador na CBO

Descrição

5192 - Catadores de material reciclável

Títulos - Catador de ferro-velho, Catador de papel e papelão, Catador de sucata, Catador de vasilhame, Enfardador de sucata (cooperativa), Separador de sucata (cooperativa), Triador de sucata (cooperativa)

Descrição Sumária - Catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.

Características de Trabalho

Condições gerais de exercício - O trabalho é exercido por profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas. Trabalham para venda de materiais a empresas ou cooperativas de reciclagem. O trabalho é exercido a céu aberto, em horários variados. O trabalhador é exposto a variações climáticas, a riscos de acidente na manipulação do material, a acidentes de trânsito e, muitas vezes, à violência urbana. Nas cooperativas surgem especializações do trabalho que tendem a aumentar o número de postos, como os de separador, triador e enfardador de sucatas.

Formação e experiência - O acesso ao trabalho é livre, sem exigência de escolaridade ou formação profissional. As cooperativas de trabalhadores ministram vários tipos de treinamento a seus cooperados, tais como cursos de segurança no trabalho, meio ambiente, dentre outros. A(s) ocupação(ões) elencada(s) nesta família ocupacional, demandam formação profissional para efeitos do cálculo do número de aprendizes a serem contratados pelos estabelecimentos, nos termos do artigo 429 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, exceto os casos previstos no art. 10 do decreto 5.598/2005.

Competências Pessoais

1	Demonstrar prudência
2	Demonstrar paciência
3	Organizar-se (associações, cooperativas)
4	Valorizar-se como profissional
5	Demonstrar espírito de prosperidade
6	Demonstrar educação
7	Demonstrar eficiência
8	Demonstrar agilidade (esperteza)
9	Demonstrar sinceridade
10	Demonstrar honestidade
11	Auto-organizar-se

12	Demonstrar criatividade
13	Demonstrar perseverança
14	Demonstrar jogo de cintura
15	Demonstrar capacidade de atenção constante
16	Demonstrar habilidade de puxar carroça
17	Proteger-se contra a violência na rua

Recursos de Trabalho

* Carrinho/carroça
 * Martelo
 * Corda
 Pregos
 * Lona
 Capa de chuva
 * Luva
 Capacete
 Uniforme
 Bota
 Óculos
 * Colete
 * Machado
 Jogo de chave
 Caixinha de primeiros socorros
 Arame
 * Marreta
 Serrote
 Entalhadeira
 Arco da serra
 * Alicates
 Chave de fenda
 * Faca/facão

Fonte: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>

ANEXO F – Matéria jornalística da edição de 02, 03/02/08 do jornal A Razão

S **SEGUNDO A RAZÃO**

► **Carnaval**
No dia 8 de fevereiro, no Parque Itaimbé, às 21h, acontece o Festival de Músicas Carnavalescas, numa promoção do jornal A Razão

Sábado e domingo
2 e 3 de fevereiro de 2008
Suplemento do jornal A Razão. Não pode ser vendido separadamente
segundo@arazao.com.br

► **Carnaval - Voluntários do Projeto Catando Cidadania produzem os adereços que animarão festa no Lar das Vovozinhas**

Foto: Paulo Pires/A Razão



Adereços
Grupo de voluntários ligados ao Projeto Catando Cidadania fazem as 200 máscaras e colares confeccionados para o baile

Idosas caem na folia

Elisa Pereira

O carnaval das idosas que moram no Lar das Vovozinhas será mais alegre neste ano. No baile que acontecerá na próxima segunda-feira, às 15h, elas estarão enfeitadas com 200 máscaras e colares especialmente confeccionados para a ocasião por grupo de voluntários ligados ao Projeto Catando Cidadania.

Desde a manhã de ontem, integrantes do Coral de Catadores de Santa Maria estão produzindo os adereços que irão adornar e embelezar as senhoras residentes no abrigo. Tudo está sendo feito em sala localizada na Gare da Estação, onde funciona o Centro Integrado de Cultura, e utilizando materiais reciclá-

veis, como calendários antigos e folhetos desatualizados. Restos de TNT usados na decoração natalina da cidade, papel crepon doado e até mesmo cartolina metalizada de cobrir mamitex se transformam em belas máscaras e colares.

A atividade voluntária é liderada por Carlos Alberto da Cunha Flores (Kahl), responsável pela coordenação geral do Centro de Cultura. Conforme ele, o baile de Carnaval no Lar das Vovozinhas integra as 150 atividades culturais programadas para o ano do sesquicentário de Santa Maria.

O catador Paulo Roberto Belmonte Moraes, 45 anos, morador do bairro Salgado Filho, enfrentou a chuva de terça-feira para auxiliar na tarefa. "Como eu cato à noite,

não me atrapalha em nada. Além de ser uma forma de colaborar com os outros, fazer esse trabalho ajuda a espalçar, é uma espécie de terapia ocupacional", comentou. Ele também deverá participar da apresentação que o Coral dos Catadores realizará antes do baile, no Lar das Vovozinhas.

Quem igualmente estará lá será a catadora Lourdes Oliveira dos Reis, de 53 anos, que ingressou no Coral há dois meses. Ela colabora na confecção das máscaras e elogia o trabalho desenvolvido pela Prefeitura junto aos catadores, que lhe oportunizou integrar o Coral. "Estou adorando, amando fazer parte das atividades", salientou, referindo-se ao Projeto Catando Cidadania.



Voluntários | Catadores ajudam na confecção das máscaras

Você é nosso convidado para conhecer este belo e saboroso passeio!

Rota Turística Gastronômica
Santa Maria - Silveira Martins
Rua Girard de Sal - Brasil

Balneário Oure Verde
Fone: (55) 32262317
Atende todos os dias
R\$ 2 (seg-sex) R\$ 3 (sáb-dom)

Cantina Pozzobon
Fone: (55) 3227 5018
9996 4594
Atende sex e sáb à noite
Dom e feriados ao meio-dia

Restaurante La Sorella
Fone: (55) 3224 1205
Atende sáb e dom e feriados.

Informações: www.santamariaturismo.com.br (55. 3217 9415) / www.silveiramartins.rs.gov.br (55.3224 1431)

UF: RS
Cidades: Santa Maria - RS, Silveira Martins - RS

Parceiros:

ANEXO G – Matéria jornalística da edição de 17/01/08 do jornal A Razão

Economia

A RAZÃO Quinta-feira, 17 de janeiro de 2008 7

Santa Maria no Uruguai

Carlos Alberto Flores / Especial / A Razão

Grupo de 40 pessoas representou cidade em feira no país do prata que aconteceu no início do mês

Elisete Tonetto

Integrante do grupo *Melhas Medianeira*, dentro do Projeto Esperança/Cooesperança, José Carlos Peranconi, 43 anos, foi um dos que participou de oficinas durante a *III Feira Canária de Economia Solidária*, que aconteceu de 3 a 6 deste mês, no balneário de Atlântida, Província de Canelones, no Uruguai. De Santa Maria, partiu uma delegação de 40 pessoas, composta por grupo de catadores, artesãos e representantes da Prefeitura (Secretarias de Desenvolvimento Rural, de Captação de Recursos e da Cultura).

“Uma feira que cresce a cada edição. Apesar do projeto Esperança estar bem a frente deles, a gente sempre aprende algo novo”, destaca Peranconi. Segundo o gerente de produção cultural da Secretaria de Cultura e coordenador do grupo *Catando Cidadania*, Carlos Alberto da Cunha Flores -



Presença | Caravana de Santa Maria participou com a exposição de produtos e experiências de grupos

Kaló-, a feira desde ano, procurou priorizar mais as oficinas de formação. “Fomos as estrelas de lá. Como o nosso projeto está mais adiantado, eles sempre querem que a gente relate algumas das nossas experiências”, diz.

Além de divulgar evento de economia Solidária na cidade, que acontece agora em julho, de 11 a

13, a participação na feira internacional serviu para a troca de experiências. Parte do grupo participou ainda com a exposição de material feitos com produtos reciclados. A catadora Carmem de Fátima Ferreira Machado, 53 anos, que fez sua segunda viagem internacional, foi uma delas. Carmem já esteve na França com grupo de catadores

de Santa Maria. “Além de expor, aproveitei para acompanhar algumas palestras e visitar associações de grupos. Sem contar que coloquei os pés no mar pela primeira vez”, festeja.

O grupo de Atlântida, que promoveu a feira, participa todos os anos da Feira de Economia Solidária de Santa Maria.

► Mercado Público

Prefeito faz a entrega de obra

A reforma do Centro de Comercialização da Agricultura Familiar e Economia Solidária, na praça Saturnino de Brito, foi entregue ontem pelo Prefeito Valdeci Oliveira. O espaço será utilizado por cerca de 200 produtores do Projeto Esperança/Cooesperança, da Cooperativa Central de Desenvolvimento Rural (Coopecredo) e da Associação Institucional dos Trabalhadores da Agricultura Familiar da Região Centro (Assintraf). O início do funcionamento está previsto para 1º de março. No espaço de 100 metros quadrados, serão comercializados produtos da agricultura familiar como hortigranjeiros, produtos coloniais, artesanato e peixes. A obra, que teve custo de R\$ 22 mil, começou em agosto de 2006 e incluiu a divisão do prédio em quatro salas - administração, mercado, depósito e cozinha - e dois banheiros, entre outros reparos. Além da reforma, dois veículos utilitários com carroceria também foram entregues.

A ESTAÇÃO DOS BONS PREÇOS

<p>Açúcar Refinado Do Barro 10x1kg 0,89 un. no kg. Disponível: 1.000 kg. 8,90 kg.</p>	<p>Camarão da Penha 1kg 11,69 un. Disponível: 50 un.</p>	<p>Refrigerante Coca-Cola Lata 6x350ml 0,89 un. no pk. Disponível: 1.000 pk. 5,34 pk.</p>	<p>Sorvete Saint Lager Sabores 2 litros 6,99 un. Disponível: 200 un.</p>	<p>Detergente em Pó Omo 24x500g 2,59 un. no cx. Disponível: 100 cx. 62,16 cx.</p>
<p>Leite Condensado Moça 48x335g 2,08 un. no cx. Disponível: 500 cx. 99,44 cx.</p>	<p>Sabonete Dove 48x75g 0,78 un. no cx. Disponível: 60 cx. 37,44 cx.</p>	<p>Bebida Láctea Vitaminada c/ Polpa de Morango Pó Lac c/ 6 un. 1,59 un. Disponível: 50 un.</p>	<p>Poltrona Trêça Sedna 18,38 un. Disponível: 60 un.</p>	<p>Televisão CCE 29" 10X' 54,80 un. 548 à vista 6 un.</p>

Validade para Maxi Santa Maria - Av. Elvijo Bassos, 1.366 - Medianeira - Das 8h às 21h - Fone: (51) 3921-2206 | www.maxiatacado.com.br

FAÇA JÁ O SEU HIPERCARD, TOTALMENTE GRÁTIS.

Conforme Lei Estadual de número 12.714/2007, para a utilização de cartões de crédito e/ou cartões de débito bancários, será exigida a apresentação de documento de identificação com foto.

SOLUÇÕES EM COMPRAS

ANEXO H – Matéria jornalística da edição de 25, 26/10/08 do jornal A Razão

Geral

A RAZÃO Sábado e domingo, 25 e 26 de outubro de 2008 10

A fábrica dos catadores de cultura

Projeto Catando Cidadania envolve 15 famílias de catadores em oficinas de artesanato e música que os levam até outros países

Fuxicos para cobrir tampinhas de garrafa, transformação de caixas de leite em embalagens, papel reciclado a mão aplicado a objetos como vasos, crachás e até bijuterias e ainda peças feitas de origami (dobradura). Além dessas atividades, muitas outras são desenvolvidas no projeto Catando Cidadania. Há cin-

co anos, o projeto de Inclusão Social realiza atividades culturais e de complementação de renda com catadores de materiais recicláveis do município.

Hoje, ele atende 15 famílias e tem, no total, 55 participantes de todas as idades. Além das oficinas de artesanato, os recicladores e seus familiares têm aulas de percussão, informática e atendimento odontológico feito por professores e alunos da Odontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e o coral (que é obrigatório para os participantes).

“O nosso objetivo com esse trabalho é resgatar a cidadania através da cultura, humanizar essas pessoas tão sofridas e ainda complementar suas

rendas”, afirma o coordenador do projeto, Carlos Alberto FI, o Kalú, que um está na Argentina participando de seminário de economia solidária. Os artigos confeccionados pelos catadores são vendidos em exposições, apresentações do coral e feiras, como a da Primavera, que aconteceu nos dias 11 e 12 deste mês.

Para o final do ano, as vendas de artesanato aumentam, segundo Kalú. “Estamos com grandes pedidos para os 50 anos do curso de Engenharia e para um evento da Medicina. Serão usados mais de 20 mil papéis dobrados para esses eventos”, diz o coordenador, que já levou o artesanato para a França e recebe muitos pedidos da Itália.



Foto: Osvaldo Melo / A Razão

Aprendizado
Cemara, Josemara e Genara participam de oficinas de artesanato, de percussão e do coral. Através do coral, elas puderam conhecer cidades que não conheciam se não participassem do projeto

A voz de quem está lá

“Com o Coral dos Catadores, eu tive a oportunidade de conhecer muitas cidades, como Porto Alegre e São Gabriel, que eu jamais visitaria se não participasse do projeto Catando Cidadania”, conta Cenara Ferreira Alves, 15 anos, que já não lembra mais há quanto tempo participa do projeto de Inclusão Cultural dos recicladores da cidade.

Incentivadas pela mãe, Camem Ferreira, que é catadora, há mais de seis anos, ela e a irmã gêmea, Cemara, participam das oficinas oferecidas aos catadores e seus familiares e passaram a ocupar o tempo livre antes da aula aprendendo percussão e ainda confeccionar várias peças de artesanato. O dinheiro que elas conseguem, com a venda das peças artesanais feitas com material reciclado, é usado para complementar o orçamento de casa, e também para comprar coisas para elas mesmas.



Arquivo / A Razão

Apresentação | Coral de catadores se apresenta em público

“Antes ficávamos sem fazer nada, em casa, agora aprendemos muitas coisas e ainda ganhamos um dinheirinho”, conta Cenara, que lembra orgulhosa a ida da mãe ao seu colégio para dar curso de artesanato. Hoje Camem está em Morón, no Uruguai, junto com o Projeto Esperança/Cooperança (um dos parceiros dos catadores) participando da Feira do Mercosul e ajudando a articu-

lar a realização do Fórum Mundial da Economia Solidária.

Josemara Simões, 26 anos, participa do projeto há mais de três anos, convidada pela irmã Lurdes Dill. A mãe dela, Maria Marlene Simões, tem 18 filhos e incentivou 10 parentes a participar do projeto Catando Cidadania. “Tenho orgulho da minha mãe e não me sinto vítima de preconceito”, diz.

Novo sistema de coleta auxilia na reciclagem

Parte das 180 toneladas de lixo produzidas por dia em Santa Maria, não ficarão mais espalhadas pelo centro da cidade. Cenas com lixeiras abarrotadas e sujeira pelas ruas e calçadas estão com os dias contados.

No dia 3 de novembro, o novo sistema de recolhimento será inaugurado durante a Multifeira de Santa Maria (Feisma). A PRT é a empresa vencedora da licitação para a implantação de toda a nova estrutura de tratamento adequado do lixo. O novo sistema funcionará da seguinte forma: coleta seletiva, coleta domiciliar, coleta contêinerizada e destinação final.

Um dos grandes avanços será o horário de recolhimento. Os moradores não precisarão mais estocar lixo dentro de casa aguardando o dia e horário da coleta. No Centro, os contêineres fechados permitirão o depósito dos sacos a qualquer mo-

determinados.

Desde março, quando foi realizado o contrato emergencial com a PRT, parte do novo funcionamento já foi adotado. Ações como triagem, compostagem e destinação final adequada já ocorrem em Santa Maria. No mesmo mês, o depósito da Vila Caturrita foi fechado dando início a um processo de recuperação ambiental do local. O atual aterro também funciona na Caturrita e já tem cerca de 100 funcionários trabalhando, em sua maioria famílias de catadores que se mantinham com resíduos do lixo. O local ainda vende material reciclável para empresas.

Ministério Público Federal avalia auditoria médica na Radioterapia

O Ministério Público Federal (MPF) deve avaliar, na próxima segunda-feira, o relatório da auditoria médica realizada, na manhã de sexta-feira, no setor de Radioterapia do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). O serviço poderá ser retomado se o laudo for favorável, e a instituição se comprometerá a resolver as pendências com controle de qualidade e compra de equipamentos.

Na tarde de sexta-feira, a Secretaria Estadual de Saúde enviou nota à imprensa para esclarecer a razão de ter interditado o serviço de Radioterapia do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). No documento, a atitude tomada pela fiscalização da Vigilância Sanitária do Estado em suspender o atendimento seria resultado das condições inadequadas do serviço, de forma a prevenir riscos aos pacientes. “Esse é o papel da Secretaria Estadual da Saúde por

meio da sua Vigilância Sanitária: cuidar, em primeiro lugar, da saúde da população”, diz o texto.

A Secretaria ainda afirma estar empenhada, em agilizar a retomada dos serviços ainda nesta próxima semana, nos casos em que for possível e sem risco aos pacientes. Os que não puderem ser atendidos no hospital, serão temporariamente encaminhados ao Hospital Ana Nery, de Santa Cruz do Sul, ou ao Hospital de Caridade de Ijuí, até que todas as condições de segurança para todos os tipos de procedimento no HUSM sejam garantidas.

O Estado ainda se compromete a acompanhar diariamente as ações, no hospital, para restabelecer o atendimento pleno dos serviços e gestinar junto ao Ministério da Saúde a mais rápida liberação de novos equipamentos que permitam a ampliação desses serviços.

Reconhecimento - O Estado afirma reconhecer a importância do aten-



dimento prestado pelo HUSM e diz ter priorizado recursos nos últimos anos, para a instituição, além de ter viabilizado áreas de alta complexidade, como a cirurgia cardíaca, formado a rede com os hospitais da região e gerenciado junto ao Ministério

da Saúde mais de R\$ 6 milhões em equipamentos, incluindo aqueles que permitem a modernização na Radioterapia feita hoje pelo Hospital.

Há três meses, um diretor do Ministério da Saúde, em Santa Maria, teria comparecido, no HUSM, para

agilizar as tratativas, a pedido da Secretaria Estadual de Saúde. Portanto, “nada mais extemporâneo e surrealista que acusar a Secretaria de querer beneficiar entidades privadas para o atendimento na Radioterapia”, diz o texto.

Lixo: abertura envelopes dia 10

Destinação final de resíduos vai depender da empresa que ganhar concorrência

Elisete Tonetto

Na próxima quinta-feira, 10, às 10h, na sala de licitações, 7º andar, no Centro Administrativo, deverá ser conhecida a empresa vencedora do processo licitatório para destinação e recolhimento do lixo na cidade, por ocasião da abertura dos envelopes. Seguindo os prazos da licitação e do período de contestações, a previsão é que o processo esteja concluído em fevereiro e a empresa iniciando os trabalhos em março. O prazo é de um ano podendo o contrato ser renovado por mais quatro.

Conforme o engenheiro florestal Luiz Geraldo Cervi, responsável pela elaboração do projeto básico do edital, a principal diferença em relação ao último processo licitatório, é que a empresa vencedora terá que indicar um novo local para depósito de resíduos sólidos já com liberação da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) e de outros órgãos ambientais. A meta é organizar o processo que envolve os resíduos no município e evitar, por exemplo, o depósito de detritos em via pública.

“O sistema de coleta também será diferenciado, especialmente no Centro, onde deverão ser instala-



Aterro | Depois de mais de 20 anos, Lixão da Caturrita deverá deixar de existir. Hoje são cerca de 300 as famílias que garimpam no local

dos cerca de 400 containers, com distância de 50 metros cada para a colocação de lixo, evitando que se espalhem pela rua”, explica o engenheiro. Com essas alterações, o Lixão da Caturrita, que há pouco tempo teve um grande incêndio, fica com seus dias contados. Catadores como Cláudio Nunes, 44 anos, terão que encontrar um novo meio de sobrevivência.

O alto custo que seria levar os detritos para outra cidade torna também o novo aterro da PRT

favorito em uma futura licitação. A Central de Tratamento de Resíduos da Caturrita (CTRC) - como já foi batizado o empreendimento - em obras em frente ao Lixão da Caturrita, terá capacidade para receber 300 toneladas de lixo por dia e custará cerca de R\$ 3 milhões à empresa. A estrutura contará com três núcleos independentes: o de separação e limpeza de materiais recicláveis (como papel, plástico e metal), o de produção de adubo e o aterro,

Sobre o lixão

Números

- Santa Maria produz 150 toneladas por dia. Pela última licitação para coleta e armazenamento de lixo em Santa Maria, o Município desembolsa por mês cerca de R\$ 365 mil, o que equivale a aproximadamente R\$ 4,2 milhões por ano para a atual prestadora a empresa PRT Prestações de Serviço Ltda, que possui a sua sede nessa cidade.
- Um catador do lixão de Santa Maria ganha em média, cerca de 50 reais por semana. No total são cerca de 300 famílias trabalhando no local, contabilizando mais de 1000 pessoas que buscam seu sustento nas sobras e resíduos da cidade.

Um resumo

Em maio de 2005, uma Ação Civil Pública movida pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental - Fepam -, pediu a interdição do lixão de Santa Maria. O principal argumento apresentado pela Fepam era de que o local deveria ser interditado imediatamente por que haveria risco de rompimento da rampa de contenção.
Em 15 de maio de 2005, em cumprimento à decisão judicial da 1ª Vara Civil de Santa Maria, decorrente de uma ação ingressada pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), a Prefeitura Municipal bloqueou o acesso ao lixão da Caturrita. A partir desta medida, não foi mais permitida a permanência de pessoas e animais no local, que deixaram as vias de acesso e as proximidades sob vigilância da Brigada Militar. Somente os funcionários da empresa responsável pela destinação final do lixo da cidade, tiveram ingresso permitido na área.
Na ocasião, a Prefeitura Municipal iniciou uma série de ações visando a inclusão econômica e social dos catadores como a destinação de 21 hectares do Horto Municipal para os catadores trabalharem em hortas, cozinhas comunitárias, piscicultura e reciclagem. Em agosto daquele ano, uma decisão judicial permitiu a volta dos catadores para o local e tudo continuou como antes.
Em dezembro de 2007, a Prefeitura abre licitação para escolher empresa que será responsável pelo recolhimento e destinação dos resíduos pelo prazo de um ano, sendo o contrato renovável por mais quatro.

que abrigará só o lixo que não pode ser reaproveitado.

Contrato - O contrato com a Prestação de Serviços de Limpeza Ltda (PRT), venceu no começo de 2007 e já foi prorrogado por três vezes. A Prefeitura gasta quase R\$ 6 milhões por ano para realizar a coleta e a destinação final do lixo produzido na cidade.

O custo por recolhimento de lixo é de R\$ 59,20 por tonelada e o custo da tonelada para disposição dos resíduos no aterro é de R\$ 17,56. O valor da coleta de lixo seletivo é de R\$ 6,58 por quilo metro, totalizando R\$ 9.870,00 por mês em 1,5 mil quilômetros rodados pelos caminhões de recolhimento de resíduos.

Abuso de motoristas compromete calçadas da cidade

A Razão repercutiu na sexta-feira a reclamação da comunidade da falta de fiscalização das calçadas em Santa Maria. Outros leitores reforçaram locais onde o desrespeito ao Código de Posturas do Município é evidente. Por toda a cidade, há diversas provas de descaso por parte de alguns proprietários e de fiscalização, que compete à prefeitura. Por outro lado, o santamariense, cirurgião dentista Ricardo Dal Ponte, 53 anos, aponta o abuso de motoristas que passam com seus veículos sobre o passeio público da área central da cidade.

“Há um ano, um automóvel invadiu meu consultório em alta velocidade. Por um milagre, ninguém ficou ferido”, lembra.

Dal Ponte diz que a administração municipal precisa trabalhar a conscientização dos motoristas, especialmente dos que utilizam a avenida Dores, esquina com a Benjamin Constant. “Não respeitam a pista de rolamento e causam destruição das calçadas. Esta, em particular, já foi consertada dezenas de

vezes, mas assim que um condutor derruba a primeira pedra, as demais vão afrouxando”, explica.

A reportagem foi até o local e verificou que a calçada citada tem pontos onde está esburacada pela falta de blocos que se soltaram. Durante 30 minutos, pelo menos dez veículos realizaram a curva sobre o passeio público.

O dentista disse que os reparos na calçada foram inúmeros, mas que nenhum investimento resolve o problema porque o abuso não é coibido. “A cada período providenciamos a manutenção da calçada. Mas, a questão não é o gasto constante com consertos no local e, sim, o risco à vida. Tememos que qualquer dia um pedestre seja atingido”, diz preocupado o santamariense.

Sua esposa, a professora Roselaine Dal Ponte, 49, comentou que sugeriu à prefeitura a colocação de grades de proteção na esquina (a exemplo do que se faz na Argentina) ou qualquer outro material que evitasse o abuso dos motoristas. Mas, não obteve re-

torno. “Tempos atrás, plantamos árvores. Mas, vândalos impediram a fixação”, relata.

Segundo ela, sem autorização para mudar a paisagem da esquina, por sua conta e risco trocou o cimento comum por pedra basalto para aumentar a resistência do calçamento. “Gastamos muito dinheiro para manter o local mais seguro. Chegamos até a diminuir o tamanho da calçada arredondando a sua junta para aumentar o espaço da pista. Mesmo assim os motoristas continuam invadindo”, lamenta, “estamos fazendo a nossa parte, mas nem tudo depende de nós”.

Responsabilidade

A advogada Márcia Zappe, 41, diz que a prefeitura se omite ao dever legal de conservação do passeio público “inclusive permitindo que condutores costumam subam nas calçadas com veículos ou que pessoas constroem dependências de comércio em um local de domínio público (referindo-se aos camelôs que obstruem as calçadas)”.

Com relação ao risco das pes-



Prejuízo | Motoristas não respeitam calçada da avenida Dores, esquina com a Benjamin Constant

soas que utilizam esses locais, é de responsabilidade da administração qualquer dano causado por um obstáculo relevante no passeio, ou em desnível ao calçamento, como bueiros mal construídos ou tijolos soltos. “É preciso evitar o que contribua para prejudicar o livre trânsito de pessoas”, aconselha a advogada.

A Razão apontou ainda, o problema das tampas de concreto de estruturas utilizadas pela Com-

panhia Rio-grandense de Saneamento (Corsan) que continuam mal colocadas, algumas até inexistentes deixando valas abertas. Outras, os desníveis chegam a dez centímetros em relação ao chão. “Qualquer prejuízo que aconteça a um cidadão de bem ao transitar pelas calçadas da cidade, pode gerar (direta e/ou indiretamente) transtorno à administração municipal”, alerta. (Elen Almeida)

ANEXO J – Matéria jornalística da edição de 02/04/08 do jornal A Razão

A RAZÃO

Santa Maria - RS
Quarta-Feira
2 de abril de 2008

16
19
www.razao.com.br

► Meio ambiente



Resíduos | De janela de um casa próxima à passarela, vê-se que restou do Lixão

Fim do Lixão não encerra polêmica

Depósito Municipal da Catanduva não recebe mais lixo desde a metade de março, mas recuperação da área, exigindo legal, ainda não teve início. Cidadãos ganham com o que sobrou, se poluindo dejetos e aumentando a degredação ambiental. Fiquem a HP estilo de olho. **Por** glina 6 e 7

► **Peixes mortos**
Prefeitura terceiriza médicos

Comunidade marginalizada por 60 dias sem suprimento médico. Há a mesma situação para a cidade de Catanduva. O caso, por exemplo, está sendo um problema

Por glina 6

► **Estuário de rio**
Nicoloso: "acabei com o dinheiro"

Após a chegada de Cláudio Nicoloso, deputado estadual de Santa Maria, João Nicoloso disse que acabou "com o dinheiro do rio" no rio. Nicoloso se tornou senador

Por glina 12

► **Quarta-Feira**

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Procedimento | Como foi, como aconteceu e quando aconteceu de novo o acidente aéreo. Não é possível não voltar para o rio. **Por** glina 12

ENCARTE DELTASUL
Nesta edição

Casa de Saúde ► página 6

Caridade reassumirá hospital

GRANDE TEMPO
DESEJO VIVO,
TEM SUAVES
CANTOS
E MÚSICA
SANTAS

QUER EMPREGO? QUER COMPRAR? QUER ALUGAR?

Centenas de ofertas imperdíveis!

CLASSIFICAÇÃO A RAZÃO
Liberdade e Tradição
www.razao.com.br

Geral

A RAZÃO Quarta-feira, 2 de abril de 2008 7

Em busca do sustento

Catadores ainda recolhem material na área desativada. Fepam e MP lamentam situação

Elisa Pereira e Den Alvim

João Geraldo Massas, 47 anos, era uma das poucas pessoas que no domingo circulavam pelo antigo Lixo de Catarina. Morador da região da Nova Santa Maria, o autônomo sempre aproveitou os finais de semana para recolher materiais recicláveis cuja venda ajuda a sustentar suas necessidades. Ele faz isso há aproximadamente 18 anos, dando que comer de Caceres do Sul para Santa Maria. "Vendo no Lixo junto fora. Como os caminhões não descarregam material aqui há semanas já não tem praticamente nada que se possa recolher. Estamos juntando o resto que ficou aqui", disse.

Segundo João Geraldo, os catadores que foram trabalhar no aterro de triagem da material de Tecnossol não recebem salário fixo, diferente da realidade anterior. O valor varia drasticamente porque que o obtido com a venda dos produtos vendidos do Lixo, o que estaria deixando alguns descontentes. "Parceiro que quase a metade do pessoal que trabalhava no Lixo foi contratado pela empre-



Esperança | No domingo, João Geraldo ainda circulava pelo antigo Lixo de Catarina. O catador buscava lixo para vender

sa. O problema é que lá eles recebem só um salário, enquanto antes dava para tirar bem mais vendendo o material reciclável recolhido. Pelo que comentam, já tem gente desistindo de trabalhar lá", observou.

O autônomo acredita que uma parcela das pessoas que foram o sustento do Lixo de Catarina está agora catando pelas ruas de Santa Maria. Ele recorda que antes do local ser desativado a depura pelo material descarregado era enorme. "Quando chegava um caminhão já se depositavam na rua, e

nada em quando pagar mais produto", recordou.

João Gonçalves da Silva desde 2002 trabalha no Lixo como uma linha frente de resíduo e hoje se diz um profissional, pois não sabe como ir e se manter daqui por diante. Por enquanto, o catador de mais de 60 anos segue recolhendo o pouco que sobra nos aterros e trabalha resíduo na área, mas sabe que em breve ficará sem opção. "Vou tentar pegar serviço de limpeza no tempo de patrão e, se for o caso, até pedir. A gente só não pode ir reclamar", salientou.

Serviço mais caro

A prefeitura paga à empresa contratada provisoriamente para receber o lixo e levar a sua destinação final, Tecnossol Serviços Ambientais Ltda, R\$ 40,15 por tonelada de lixo que chega para ser destinado. Além disso, há ainda o custo do transporte, que foi em torno de R\$ 60 por tonelada de lixo. O custo final chega a R\$ 100,15, e a prefeitura pagava os mesmos R\$ 60 pelo serviço e pelo transporte, mas o custo para a contratação, que se resume à aglomeração do lixo e à abertura do material com terra, houve em R\$ 17, somente R\$ 77 pelo serviço completo. A diferença entre os dois procedimentos é de R\$ 23,48 por tonelada. O valor total do contrato em questão é de cerca de R\$ 8 milhões por ano.

Fepam e MP descontentes

O promotor de Defesa Consumidora, João Marcos Adede y Castro, disse que não é a favor dos contratos emergenciais. Ao contrário. Segundo ele, deveriam ser evitados. Mas, ressalva: "nada impede que eles sejam feitos, mesmo quando há uma licitação em andamento".

A situação foi permitida diante do comprometimento do Município em recuperar área do antigo Lixo de Catarina, que por 26 anos recebeu os resíduos sólidos urbanos de Santa Maria.

Além do quadro ambiental, o local está aberto a qualquer um, possibilitando a contaminação de pessoas e a ampliação da área coberta por lixo. "Realmente, se não estiver devidamente cercada, o lixo está exposto para qualquer um. A segurança (fiscal, vigilância) do local é mais uma das obrigações da Prefeitura", afirmou José Antônio Mallmann, 26, engenheiro da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam). O técnico afirma que a realidade do Lixo de Catarina é de conhecimento do órgão e da Anupia, que conduziu o Município a mudar o seu sistema. "A situação é degradante e não é do hoje. Anteriormente o local também era explorado por populares. Isso não é nenhuma novidade. A diferença é que não priorizamos o processo de encerramento da área. Além dos inúmeros problemas, até a quantidade de lixo está maior", citou o engenheiro, que em fevereiro esteve no Lixo realizando o último relatório da Fepam.



Fevereiro | João Gonçalves é um dos catadores que dependem do resto do lixo para sobreviver

Central de Tratamento de Resíduos detalha serviços

O engenheiro Lauracy Girodi, 44, disse ontem à reportagem que por enquanto o problema dos resíduos sólidos urbanos (classificados em 2) está resolvido. Representante da Tecnossol Serviços Ambientais, contratada temporariamente para fazer a destinação final do lixo doméstico em Santa Maria, Girodi conta que a cidade tem produzido uma média de 160 toneladas/dia do material que é destinado à Central de Tratamento de Resíduos de Catarina (CTR), construída pela empresa em frente ao antigo Lixo de Catarina. O local, cuja capacidade é de 300 toneladas de lixo, recebe ainda resíduos de outros 13 municípios da região. Atualmente, a movimentação diária é de 230 toneladas.

O contrato firmado com a prefeitura de Santa Maria para a prestação de serviços completou duas semanas. Nesse período, a Tecnossol informou que recebe R\$45,10 por tonelada, emprega 90 pessoas, entre elas os catadores que vivem de lixo que recolhem, separavam e vendiam



Reclamação | Entre os catadores, o comentário é de insatisfação com a Central de Tratamento de Resíduos de Catarina

para atravessadores. "Não há um número exato de catadores, mas estima-se que existam de 250 a 300 pessoas que fazem de lixo o seu sustento. Nossa intenção é empregar pelo menos 120 pessoas. Por enquanto, somos o que sobra ao setor público", explicou.

Segundo ele, a medida já beneficiou muita gente. "Para quem viveu sem nada fica, a mudança é bastante positiva. O salário gira em torno de R\$550,

fora os benefícios legais. Sem contar que eles não estão expostos ao sol e ao vento. Trabalham em local coberto e com toda a proteção que o ofício exige", salientou.

Girodi lembrou que a empresa não realiza o transporte nem a coleta do lixo. O trabalho cotidiano sendo realizado pela Prestadora de Serviços de Limpeza (PRL), até que seja o resultado da licitação. A destinação final é a recu-

perada para os aterros sanitários. A disposição é feita de forma controlada. "O lixo é compactado e coberto. Como não deixamos nada para o dia seguinte, não há presença de aves no local", destacou o profissional.

O engenheiro explicou que o processo é ecologicamente viável. "Não costuma o solo, pois cada célula de disposição possui material específico que evita que o chorume (líquido resíduo que se forma da decomposição do lixo) contage o solo ou o lençol freático", ressaltou.

A área onde foi construída a Central de Tratamento de Resíduos de Catarina (CTR) tem vida útil de 30 anos. Quando completar esse período, o projeto construído prevê sistema de tratamento do chorume, do gás associado a detalhes de recuperação do local, como o plantio de grama e a sua nova finalidade. Mesmo projeto que o Lixo de Catarina deverá ser substituído pela Prefeitura.

ANEXO L – Matéria jornalística da edição de 16, 17/08/08 do jornal Diário de Santa Maria



DIÁRIO DE SANTA MARIA
SÁBADO E DOMINGO, 16 E 17 DE AGOSTO DE 2008

| 20 |

ELEIÇÕES 2008

LIMPEZA E LIXO

SOBREVIVÊNCIA (IN)DIGNA

Pessoas que vivem
do lixo passam
dificuldades, mas não
perdem a esperança



EM BUSCA DO SUSTENTO

Andréia, o marido e o filho mais velho catam materiais recicláveis para poder sobreviver. O fechamento do lixão da Caturrita acabou tornando a vida mais difícil para ela

Q

ue o novo aterro sanitário é uma alternativa infinitamente mais ecológica do que o antigo lixão, (confira no quadro da página 21) não restam dúvidas. Porém, não fosse a pressão da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) e da Justiça, talvez o

problema não tivesse sido resolvido. O descaso se arrastava há mais de 10 anos, apesar das exigências feitas pelo Judiciário (veja a "novela" no quadro da página 21). Os danos ambientais causados pelo lixão da Caturrita, finalmente desativado em março, devem levar cerca de 20 anos para ser reparados. E não abandonar a área também é um dos desafios para o próximo prefeito. Mas, se a interdição da área foi a solução, pelo menos temporária, sérios problemas surgiram para quem encontra no lixo a única alternativa de sobrevivência.

Frutas frescas, leite e material escolar para os cinco filhos são itens que tiveram de ser drasticamente reduzidos da lista de compras da catadora Andréia Gisaine Mendes, 43 anos, desde que o lixão da Caturrita foi desativado. As dezenas de toneladas de lixo que eram diariamente despejadas na área, material descartado por moradores de todos os cantos da cidade,

significavam fonte honesta de renda para ela, o marido, Nilton do Nascimento, 44 anos, e o filho de 16 anos. Era de lá que eles tiravam materiais recicláveis (que eram separados e vendidos), comida para os porcos que a família cria no quintal da casa e até alguns objetos para a casa.

– Seria uma boa se abrissem o lixão novamente – diz a moradora da Nova Santa Marta, que não vê outra saída para seu sustento.

Andréia não se importava com o cheiro nem com o risco que catar no lixão representava a sua saúde. Afinal, era com esse trabalho que ela e o marido conseguiam faturar cerca de R\$ 700 por mês e sustentar os filhos. Agora, a alternativa é buscar resíduos nas lixeiras em frente a casas da Zona Oeste. A renda da família caiu pela metade. Só que os gastos fixos, como o alimento para o cavalo que puxa a carroça, continuam.

Andréia é cadastrada em um projeto do Centro de Ciências Rurais (CCR) da UFSM e recebe atendimento veterinário gratuito para o animal. Mas, em contrapartida, não podem faltar alimento e cuidado ao cavalo. Só com ração e farelo, são gastos cerca de R\$ 100.

– Claro que não maltrataria o animal se não fosse o projeto. O nosso sustento depende dele. Mas que não é barato cuidar, não é – pondera.

QUEM CUIDA DO QUÊ

Coleta e destinação do lixo

- **Doméstico** – É de responsabilidade da prefeitura, que terceirizou o serviço para a PRT Prestação de Serviços. A destinação, desde março, foi terceirizada para a Tecnoreíduos, empresa vinculada à PRT
- **Industrial, hospitalar e resíduos da construção civil** – A obrigação de destinar é de quem os produz. Instituições de saúde, fabricantes de material de construção e de material industrial destinam o seu lixo a empresas especializadas, e pagam por isso
- **Lixo tecnológico** – A obrigação de dar o destino correto a materiais como pilhas e baterias é do fabricante. Você deve devolvê-las no estabelecimento que as vendeu

Limpeza das ruas

Garis

- Terceirizado para a empresa Sulclean
- Número de trabalhadores empregados na função – 43

Detentos

- Apenados do regime aberto e semi-aberto (trabalham durante o dia e dormem na cadeia)
- Número de trabalhadores empregados na função – 7



ANEXO M – Matéria jornalística da edição de 19/03/08 do jornal Diário de Santa Maria

DIÁRIO DE SANTA MARIA

Um jornal da Grupo RBS

QUARTA-FEIRA 19/03/2008 R\$ 0,75
www.diariosm.clicrbs.com.br

MEIO AMBIENTE

Lixo não entra mais no lixão

Depois de 20 anos, as autoridades que cuidavam do lixo de Santa Maria não tinham mais o mesmo destino. Desde sexta-feira, os resíduos não entram no Lixão de Caturba, mas vão para uma nova etapa do sistema de tratamento da Decesma. São os Serviços Ambientais. Lá, que o lixo será depositado nos pilões e os resíduos do reaproveitamento do lixo vão para uma nova etapa do sistema de tratamento. São os Serviços Ambientais. Lá, que o lixo será depositado nos pilões e os resíduos do reaproveitamento do lixo vão para uma nova etapa do sistema de tratamento.



LAMENTO DOS ENTADEIROS
Lembra o dia (1984) em que o primeiro lixo do Lixão de Caturba chegou? Então, você já sabe o que é o lixo. Hoje, o lixo do Lixão de Caturba é considerado um dos melhores do mundo. Com ele são produzidos mais de 100 produtos.

SEMANA SANTA



MUITOS ÍNDIOS, POUCAS VENDAS

Quem passa pelo local de Caturba (foto) tem a impressão que o comércio de produtos artesanais acabou e atendeu somente aos índios. São aproximadamente 100 indígenas que estão sendo recebidos com o produto dos produtos e com os locais onde foram recebidos por proibido. Página 11

GAITEIRAS

Exames de motorista retomados aos poucos

Página 1

UESM

Vestibular e Peies com um novo comandante

Página 2

Hoje tem

CLASSIFICADOS DIÁRIO

Líder em leitura, líder em vendas.

ANEXO N – Matéria jornalística da edição de 13, 14/12/08 do jornal Diário de Santa Maria



DIÁRIO DE SANTA MARIA

SÁBADO DOMINICO 24 E 25 DE DEZEMBRO DE 2008

SELECÇÃO DE SERVIÇOS

Atendimento ao Cliente
 Tel: 3229-1700
 Fax: 3229-1858

Atendimento ao assinante
 Tel: 3229-1818
 Fax: 3229-1717

CLASSIFICAÇÃO
 Tel: 3229-1808

Publicidade
 Tel: 3229-1838
 Fax: 3229-1834

FILADELFO AD INC

NATAL

Papai Noel, Filipe merece



Tudo o que o menino Filipe quer é o mesmo brinquedo que poder dividir com a família e jogar no lixo. Página 12

RODIN

Por que sete réus saíram do processo

Página 10 e 11

SEGURANÇA

Só neste ano, polícia flagrou jovem 13 vezes

Página 10 e 11

INTER-SM

Conheça cada um dos rostos do novo elenco

Página 10

SAÚDE

Alimentação para idosos



Publicidade de produtos alimentares para idosos

UFESM

O cinquentenário da 1ª turma de Economia

Página 12

CADERNOS COMERCIAIS

DIÁRIO DE SANTA MARIA

Atendimento ao cliente: 3229-1808

www.diariodestamaria.com.br

Ligue e avise: 3229-1808



Bazar

12h30h - 17h30h

Utilize vouchers de bom gosto para presentear. Venha conferir!

Cartão

Data Expiração: Até 5 X sem juros



Calor volta neste fim de semana

O fim de semana segue sob efeito de uma massa de ar seco, responsável por tempo quente e insuportável, em alguns momentos, a partir de então o calor no período da tarde deve aliviar. No domingo, a altitude aumentará quantidade de nuvens no céu e, por conta do calor, poderão ser vistas algumas neblinas locais.

Análise dia a dia em Santa Maria

SEXTA	SÁBADO	SÁBADO	SÁBADO	SÁBADO
Temperatura: 21°C	Temperatura: 21°C	Temperatura: 21°C	Temperatura: 21°C	Temperatura: 21°C

Temperaturas máximas

O TEMPO



Temperaturas máximas

PREVISÃO DIÁRIA

DATA	TEMPO	TEMPERATURA MÁXIMA	TEMPERATURA MÍNIMA
13/12/08	Sol	21°C	10°C
14/12/08	Sol	21°C	10°C
15/12/08	Sol	21°C	10°C
16/12/08	Sol	21°C	10°C
17/12/08	Sol	21°C	10°C

ANEXO O – Matéria jornalística da edição de 24/07/08 do jornal Diário de Santa Maria

DIÁRIO DE SANTA MARIA
QUINTA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 2008

| 10 |

Editor: Luiz Roese ☎ 3220.1862 ✉ luiz.roese@diariosm.com.br
Produção: Silvana Silva ☎ 3220.1866. Subeditor: Ricardo Ceratti ☎ 3220.1868

GERAL

Avenida
ganha
coqueiros

Está em fase de finalização a obra no canteiro da Avenida João Luiz Pozobon. Estão sendo plantados coqueiros na avenida (foto). Ainda serão colocados 46 postes de iluminação que não estavam previstos no projeto inicial da obra. Os envelopes da licitação devem ser abertos hoje.



FOTOGRAFIA: ESPERANÇAS

Projetos do Peies

Começaram ontem as inscrições para os alunos que quiserem apresentar trabalhos na 8ª Feira de Tecnologia, Ciências e Artes do Peies. Os projetos selecionados serão divulgados no dia 29 de agosto. Informações pelo telefone (55) 3220-8170.

CLIMA Família ficou sem alimentos, roupas e cobertas na Vila Pôr-do-Sol

O vento ainda sopra

FOTOS CHARLES GUERRA



DESOLAÇÃO

Adriana não segura as lágrimas ao lembrar da noite em que a ventania lhe deixou sem nada

MAIS

Clima

Segundo a Central de Meteorologia, a chuva e o vento devem dar lugar ao sol e a baixas temperaturas hoje. Há risco de gear amanhã na Campanha e na Fronteira Oeste. Para o sábado, estão previstas pancadas de chuva no decorrer do dia

Dois dias após vendaval, catadora Adriana Freitas chora a perda do pouco que tinha dentro de casa

Especial
PRISCILA ABRANTES

Ao se chegar na Rua 23, onde acaba a Vila Pôr-do-Sol, e dar de cara apenas com um campo à frente, a casa da catadora Adriana Freitas da Silva é fácil de ser encontrada. No final daquela via, as roupas dos cinco moradores da casa de apenas um cômodo estão estendidas em varais improvisados, denunciando que ali mora mais uma família que passou trabalho com o temporal.

Adriana, seus três filhos e o marido ainda vestiam as mesmas peças que estavam usando na segunda-feira, quando um vento de 84 km/h passou por Santa Maria e fez "voar" as folhas de amianto que cobriam o barraco onde mora a família. Sem cobertura na casa de um cômodo, a chuva que caiu naquela noite molhou o que ainda havia de alimentos, cobertas e as roupas dos cinco moradores. Dois dias depois, Adriana ainda chora a perda daquilo que já era pouco.

— Fiquei desesperada, achei que iria perder tudo. Estou apavorada até agora, nunca tinha visto uma coisa dessas — diz, aos prantos.

Ainda ontem, Adriana contava com a solidariedade de vizinhos, que haviam doado o que sobrou das folhas de amianto de suas casas, também destruídos com o temporal de segun-



DE PÉ

Funcionários reergueram outdoor que foi ao chão com o vendaval

da-feira. Mas a doação não iria cobrir toda a parte que ficou destelhada.

Com o colchão e o único cobertor que tinha ainda molhados, Adriana mandou os filhos para a casa de sua mãe. Ela e o marido passam a noite na casa da sogra dela. Durante o dia, Adriana tem tentado conseguir

material para reconstruir o telhado, enquanto o marido, Claudomir Rodrigues, 31 anos, faz o concerto com o que tem. O único momento em que Adriana sorriu foi quando mostrou os dois litros de leite e os pães que havia ganhado para alimentar os filhos.

— O que fico mais sentida são minhas coisinhas. Ver tudo destruído. A televisão e o rádio eram as únicas coisas que eu tinha para me entreter e se foi tudo — diz ela.

Ontem, Adriana ganhou dois valetas-transportes dos vizinhos para ir até os bombeiros pedir uma lona para cobrir a casa. Foi informada que o material é distribuído na Defesa Civil. A catadora, que tem problemas de saúde, perdeu-se na rua e não conseguiu chegar ao local. Ainda teve de voltar a pé para a Vila Pôr-do-Sol, pois já havia gasto as duas passagens.

Reconstrução — Ontem foi dia de reconstruir o que o vento levou. Funcionários da empresa responsável pelo outdoor que ficou destruído na BR-287 reergueram a estrutura de alumínio que havia ido para o chão.

A Defesa Civil distribuiu, ontem, mais 42 metros de lona para cobertura de duas casas. Quem ainda precisar do material pode procurar o órgão, que fica na Avenida Medianeira, 179, ao lado da Secretaria de Obras.

Segundo a assessoria de imprensa da AES Sul, até ontem à tarde, 500 casas estavam sem energia na Região Central, sendo 300 em Santa Maria. No Estado, 4,4 mil casas seguem sem luz. A normalização estava prevista para o final da noite de ontem.

CIDADE Esgoto corre a céu aberto no Centro

Cheiro que incomoda

O esgoto corre a céu aberto, levando com ele fezes e um cheiro forte para a frente das casas e do comércio. Com o calor, as moscas chegam com a mesma velocidade que os clientes se espantam, e tomar um chimarrão na frente de casa vira algo impossível. A cena poderia lembrar uma vila afastada do Centro da cidade. Mas fica bem em frente a um colégio e uma faculdade.

O problema não é novo: há pelo menos dois anos, moradores e comerciantes da Rua Doutor Turi e da esquina dela com a Avenida Medianeira convivem com o esgoto que passa nas suas portas.

Uma quadra da Doutor Turi até hoje não tem o seu esgoto tratado pela Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan). Para se livrar do esgoto cloacal (que sai dos banheiros) de suas casas, parte dos moradores contam com fossas. Quando elas entopem ou ficam cheias e não são limpas, o destino é a rua.

— Antes, agente varria, tentava limpar. Mas ficava pior, porque o cheiro

se espalhava ainda mais. Estamos perdendo clientes — diz o mototaxista Roberto Fioravante, 34 anos.

Outro comerciante, que preferiu não ser identificado, afirmou que os moradores mais de uma vez chamaram a Corsan e a prefeitura para ver o que poderia ser feito. Porém, nada teria sido resolvido.

Problema — A Corsan esteve no local e constatou que o esgoto sai de algumas casas que ficam na quadra sem tratamento. De acordo com o chefe da unidade de saneamento da Corsan, Geraldo Dal Berto, como a companhia não atende a área, não pode se responsabilizar pelo problema. Ela nem chegou a comunicar a Secretaria de Proteção Ambiental sobre a irregularidade.

O secretário de Proteção Ambiental, Carlos Rempel, disse que uma equipe de técnicos fará a avaliação do local. Se forem constatadas irregularidades, ele garante que os moradores podem ser multados e terão de resolver o problema.

CLAUDIO WAZ — 17/07/08



PREJUÍZO

Comerciantes dizem que estão perdendo clientes por causa do mau cheiro

AMIGO BALDUR, EMPRESÁRIO DO ANO

Sempre vemos em você uma pessoa amiga e um grande colaborador na Comunidade, sabemos que com muita garra, dedicação e trabalho, você hoje é um empresário de sucesso, onde muitos podem tomar como exemplo pela sua determinação e honestidade.

Nossa Comunidade está feliz comemorando com você e sua família esta conquista tão louvável e merecida. Este Destaque não foi escolhido por uma pessoa apenas, mas por uma comissão que representa tanta a classe empresarial todos os santiamaristas e quem os conhecem sabem de toda sua capacidade desde como pai de família até o mais alto nível de empreendedor.

A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Santa Maria e Itaara, enfim, todos os seus membros e amigos, sentem-se honrados e o saudam por esta conquista e também agradecem por tudo que você já alavancou neste grupo juntamente com sua família.

PARABENS BALDUR E FAMÍLIA POR ESTA DISTINTA CONQUISTA.

Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Santa Maria.

Carlos A. Dezorzi

Presidente.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)